

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO PÓS-
GRADUAÇÃO EM ENSINO NA TEMÁTICA DA DEFICIÊNCIA VISUAL
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO NA TEMÁTICA DA DEFICIÊNCIA
VISUAL

VERA LÚCIA FERREIRA CRUZ

ALÉM DA VISÃO: A PESSOA CEGA E A FOTOGRAFIA

RIO DE JANEIRO-RJ

2023

VERA LÚCIA FERREIRA CRUZ

ALÉM DA VISÃO: A PESSOA CEGA E A FOTOGRAFIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Temática da Deficiência Visual do Instituto Benjamin Constant como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino na Temática da Deficiência Visual.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cristina Maria Carvalho Delou

RIO DE JANEIRO-RJ

2023

C957 CRUZ, Vera Lúcia Ferreira

Além da visão: a pessoa cega e a fotografia [recurso eletrônico] / Vera Lúcia Ferreira Cruz. – Rio de Janeiro : Instituto Benjamin Constant / PPGEDV, 2023.

Arquivo digital; PDF

Orientadora: Cristina Maria Carvalho Delou

1. Educação especial. 2. Mapa mental. 3. Deficiência visual. 4. Imagem acessível. 5. Audiodescrição. 6. Trabalho acadêmico. 7. Dissertação. 8. PPGEDV. I. Título.

CDD – 371.9

Ficha Elaborada por Edilmar Alcantara dos S. Junior. CRB/7: 6872

ALÉM DA VISÃO: A PESSOA CEGA E A FOTOGRAFIA

Dissertação apresentada por Vera Lúcia Ferreira Cruz ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Temática da Deficiência Visual do Instituto Benjamin Constant como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino na Temática da Deficiência Visual.

Banca Examinadora:

Profª Drª Cristina Maria Carvalho Delou
Orientadora

Prof. Dr. Robson Lopes de Freitas Junior
Instituto Benjamin Constant – Membro PPGEDV

Profª Drª Ana Angélica Rodrigues de Oliveira
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. Fernando da Costa Ferreira
Instituto Benjamin Constant – Suplente

Dedico este trabalho ao meu marido Nilo James, à minha família, aos profissionais e estudantes da escola na qual trabalho e a todos que contribuíram para a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por se mostrar presente em todos os momentos da minha vida, dando-me força para vencer todos os obstáculos que surgem na caminhada.

Ao meu pai Degair e à minha irmã Anna Maria (*in memoriam*); à minha mãe Zélia; e aos meus irmãos Degair e Cláudia, pelo carinho, pela fé no meu potencial e pelo incentivo aos estudos.

Ao meu sobrinho Lucas, pelo amor, carinho e pela afirmação quando diz que se sente orgulhoso do meu esforço e êxito, deixo o meu exemplo para as suas conquistas.

Ao meu marido Nilo James, por me motivar para alcançar os objetivos pessoais, profissionais e acadêmicos, pelo carinho e pela paciência nos momentos da minha dedicação aos estudos.

Aos meus cunhados, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, pelo carinho e cuidado que demonstram comigo.

À Professora Doutora Cristina Maria Carvalho Delou, pelo seu exemplo, comprometimento e pela adesão à causa da inclusão, pela criatividade e pelos conhecimentos compartilhados durante a realização desta pesquisa.

Aos professores Robson Lopes de Freitas Junior, Fernando da Costa Ferreira e Ana Angélica Rodrigues de Oliveira, pelo inestimável apoio, respeito e pela gentileza de acompanharem e contribuírem com a minha formação acadêmica.

À amiga e companheira de vida e trabalho, professora Fabiana Marcellino, pelo carinho, pela compreensão, pelo incentivo e pelo inestimável apoio que me proporcionou a tranquilidade necessária para desenvolver este projeto de estudos.

A Janaina Santana, amiga de trabalho que muito me incentivou, apoiando-me para conclusão desta formação acadêmica, com inestimável carinho.

Aos meus professores do Curso de Mestrado no Instituto Benjamin Constant/RJ, pelo carinho, pelas sugestões e pela sabedoria ao compartilharem os seus conhecimentos.

Às professoras Nadir da Silva Machado e Glauce Mara Gabry de Freitas Arder, pelo carinho e profissionalismo com o qual me receberam durante o estágio no Instituto Benjamin Constant (IBC), agregando conhecimentos e sugestões para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos profissionais e amigos com deficiência visual e enxergantes que fazem parte do quadro funcional da escola em que trabalho, sempre com palavras positivas, para que o meu cansaço não me impedisse de realizar o meu sonho acadêmico.

Aos participantes desta pesquisa, a minha gratidão pela oportunidade do diálogo construtivo e pela disponibilidade da parceria nessa fase de tamanha importância.

À turma do Mestrado profissional em ensino na temática da deficiência visual, que tanto contribuiu com esta etapa da minha formação.

À professora Andiará Dias Santos, pelo carinho e encorajamento para realização desta escrita e por acreditar que temos missões para cumprir e com as palavras assertivas no momento correto, sempre me incentivando.

Ao nosso afilhado Igor Máximo Correia, que desde o início do mestrado me apoiou em todas as etapas, com as suas palavras de incentivo e confiança, inclusive me apresentando a Edinéia, estudante na mesma turma, pessoa incansável, nas viagens e no companheirismo para vida e na conclusão da etapa acadêmica.

Ao professor Laerte, pelo apoio e cuidado na arte e diagramação do meu trabalho.

Ao fotógrafo Romildo Victorino, pelo carinho e cuidado conosco, para concretização da pesquisa.

Ao saudoso fotógrafo Calino (*in memoriam*), por ter acreditado que as pessoas com deficiência visual podem e têm o direito de fotografar, proporcionando-nos o primeiro contato com essa arte.

À professora Therezinha dos Santos Gonçalves Assumpção – Tetê (*in memoriam*) da Secretaria de Educação (até julho de 2022), por ter acreditado no meu profissionalismo, por afirmar sempre que tinha orgulho de mim, pelo carinho, respeito e incentivo para que eu vencesse esta etapa acadêmica.

“O mundo não é separado entre cegos e os não cegos. A fotografia não é exclusividade de quem pode enxergar. Nós também construímos imagens interiores”

Evgen Bavcar (GARCIA, 2011)

RESUMO

O estudo discorre sobre o tema: “A pessoa cega e a fotografia”, um projeto para pessoas com cegueira, realizado na Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha (E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha) que se localiza na cidade de Volta Redonda – Rio de Janeiro, região sudeste do Brasil. A pesquisa conta com a participação de seis professores e estudantes com cegueira congênita ou adquirida, sendo três professores e três estudantes cegos. A abordagem da pesquisa é de cunho qualitativo, tipo documental e exploratório-descritivo. Tem como objetivo geral demonstrar que as experiências táteis permitem às pessoas com deficiência visual fotografar, interpretar imagens e construir imagens mentais. Como objetivos específicos elege: revisitar a história da Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha; contextualizar a trajetória dos participantes do projeto “Além da visão: a pessoa cega e a fotografia”; analisar os dados das entrevistas e da audiodescrição das fotografias produzidas; analisar a representação plástica produzida a partir da audiodescrição de cada fotografia selecionada e solicitar aos participantes da pesquisa uma avaliação crítica do *e-book* produzido com as suas fotografias. Os resultados esperados mostram as potencialidades das pessoas com deficiência visual e inerentes a qualquer ser humano, por exemplo, de fotografar, organizar mapa mental, interpretar imagens acessíveis, inferir imagens mentais a partir de experiências táteis. Nos resultados, também foi possível ter acesso à audiodescrição afetiva realizada pelos fotógrafos com cegueira, que possibilitou: incluir elementos emocionais na descrição da fotografia; conectar com o momento registrado, mesmo sem poder vê-lo fisicamente; compreender mais a cena fotografada; estimular a imaginação e a criatividade permitindo que a pessoa crie suas próprias imagens das cenas capturadas; registrar momentos especiais e criar uma conexão mais profunda com o momento registrado. As descrições afetivas propiciaram alicerçar o produto, que foi a criação de um *e-book*, com embasamento teórico e prático, que visa à divulgação científica de imagens capturadas por pessoas cegas para um público que aprecia a arte de fotografar.

Palavras-chave: mapa mental; deficiência visual; imagens acessíveis; audiodescrição.

ABSTRACT

The study discusses the theme: “The blind person and photography”, a project for people with blindness, carried out at Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha (E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha) which is located in the city of Volta Redonda – Rio de Janeiro, southeastern Brazil. The research has the participation of six teachers and students with congenital or acquired blindness, three teachers and three blind students. The research approach is qualitative, documental and exploratory-descriptive. Its general objective is to demonstrate that tactile experiences allow people with visual impairments to photograph, interpret images and build mental images. As specific objectives it chooses: to revisit the history of the Specialized Municipal School Dr. Hilton Rocha; to contextualize the trajectory of the participants of the project “Beyond vision: the blind person and photography”; analyze the data from the interviews and the audio description of the photographs produced; analyze the plastic representation produced from the audio description of each selected photograph and ask the research participants to critically evaluate the e-book produced with their photographs. The expected results show the potential of people with visual impairment and inherent to any human being, for example, to photograph, organize a mental map, interpret accessible images, infer mental images from tactile experiences. In the results, it was also possible to have access to the affective audio description performed by the blind photographers, which made it possible to: include emotional elements in the description of the photograph; connect with the recorded moment, even without being able to physically see it; better understand the photographed scene; stimulate imagination and creativity by allowing the person to create their own images of the captured scenes; record special moments and create a deeper connection with the recorded moment. The affective descriptions provided the basis for the product, which was the creation of an e-book, with a theoretical and practical basis, which aims at the scientific dissemination of images captured by blind people to an audience that appreciates the art of photography.

Keywords: mind map; Visual impairment; accessible images; audio description.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O fotógrafo cego no mundo imagético	36
Figura 2 – Imagem das mãos dos fotógrafos assinando o TCLE.....	61
Figura 3 – Imagem da fotógrafa 1 – estudante – N. B. S.	62
Figura 4 – Imagem do fotógrafo 2 – professor – B. M. G.	63
Figura 5 – Imagem do fotógrafo 3 – estudante – E. J. S.	63
Figura 6 – Imagem do fotógrafo 4 – professor – R. C. O.	64
Figura 7 – Imagem da fotógrafa 5 – estudante – C. P. S. I.	64
Figura 8 – Imagem do fotógrafo 6 – instrutor de arte – R. C. O.	65
Figura 9 – Imagem capturada pela fotógrafa 1 – estudante – N. B. S.....	66
Figura 10 – Recorte da imagem capturada pela fotógrafa 1 – estudante – N. B. S. .	66
Figura 11 – Imagem capturada pelo fotógrafo 2 – professor – B. M. G.....	67
Figura 12 – Recorte da imagem capturada pelo fotógrafo 2 – professor – B. M. G. .	67
Figura 13 – Imagem capturada pelo fotógrafo 3 – estudante – E. J. S.	68
Figura 14 – Recorte da imagem capturada pelo fotógrafo 3 – estudante – E. J. S. ..	68
Figura 15 – Imagem capturada pelo fotógrafo 4 – professor – R. C. O.....	69
Figura 16 – Recorte da imagem capturada pelo fotógrafo 4 – professor – R. C. O...	69
Figura 17 – Imagem capturada pela fotógrafa 5 – estudante – C. P. S. I.....	70
Figura 18 – Recorte da imagem capturada pela fotógrafa 5 – estudante – C. P. S. I.	70
Figura 19 – Imagem capturada pelo fotógrafo 6 – instrutor de arte – P. S. I.....	71
Figura 20 – Recorte da imagem capturada pelo fotógrafo 6 – instrutor de arte – P. S. I.	71
Figura 21 – Fotografia impressa – escrita em Braille e impressão 3D – Fotógrafa 1 – estudante – N. B. S.	107
Figura 22 – Modelagem em massa plástica - Fotógrafa 1 – estudante – N. B. S....	108
Figura 23 – Apresentação da modelagem em massa plástica – Fotógrafa 1 – estudante – N. B. S.	108
Figura 24 – Fotografia impressa – escrita em Braille e impressão 3D – professor 2 – B. M. G.	109
Figura 25 – Modelagem em massa plástica - Fotógrafo 2 – professor – B. M. G....	109
Figura 26 – Apresentação da modelagem em massa plástica – Fotógrafo 2 – professor – B. M. G.	110

Figura 27 – Fotografia impressa – escrita em Braille e impressão 3D – fotógrafo 3 – estudante – E. J. S.....	110
Figura 28 – Modelagem em massa plástica – fotógrafo 3 – estudante – E. J. S.....	111
Figura 29 – Apresentação da modelagem em massa plástica – fotógrafo 3 – estudante – E. J. S.....	111
Figura 30 – Fotografia impressa – escrita em Braille e impressão 3D – fotógrafo 4 – professor – R. C. O.	112
Figura 31 – Modelagem em massa plástica – fotógrafo 4 – professor – R. C. O....	112
Figura 32 – Apresentação da modelagem em massa plástica – fotógrafo 4 – professor – R. C. O.	113
Figura 33 – Fotografia impressa – escrita em Braille e impressão 3D – fotógrafo 5 – estudante – C. P. S. I.	113
Figura 34 – Modelagem em massa plástica – fotógrafa 5 – estudante – C. P. S. I.	114
Figura 35 – Apresentação da modelagem em massa plástica – fotógrafa 5 – estudante – C. P. S. I.	114
Figura 36 – Fotografia impressa – escrita em Braille e impressão 3D – fotógrafo 6 – instrutor de arte – P. S. I.	115
Figura 37 – Modelagem em massa plástica – fotógrafo 6 – instrutor de arte – P. S. I.	115
Figura 38 – Apresentação da modelagem em massa plástica – fotógrafo 6 – instrutor de arte – P. S. I.	116
Figura 39 – Nuvem de palavras – fotógrafa 1 – estudante – N. B. S.	118
Figura 40 – Nuvem de palavras – fotógrafo 2 – professor – B. M. G.	119
Figura 41 – Nuvem de palavras – fotógrafo 3 – estudante – E. J. S.	120
Figura 42 – Nuvem de palavras – fotógrafo 4 – professor – R. C. O.....	121
Figura 43 – Nuvem de palavras – fotógrafo 5 – estudante – C. P. S. I.	122
Figura 44 – Nuvem de palavras – fotógrafo 6 – instrutor de arte – P. S. I.....	123
Figura 45 – Análise dos registros dos participantes da pesquisa no campo de arte educação:.....	135

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características dos participantes.....	58
Quadro 2 – Avaliação da participação e repercussão do produto	88
Quadro 3 – Avaliação do e-book.....	Erro! Indicador não definido.
Quadro 4 – Cruzamento dos dados das histórias contadas pelas genitoras e pelos profissionais	103
Quadro 5 – Lista de vocábulos gerados na nuvem de palavras da fotógrafa 1.....	118
Quadro 6 – Lista de vocábulos gerados na nuvem de palavras do fotógrafo 2.....	119
Quadro 7 – Lista de vocábulos gerados na nuvem de palavras do fotógrafo 3.....	120
Quadro 8 – Lista de vocábulos gerados na nuvem de palavras do fotógrafo 4.....	121
Quadro 9 – Lista de vocábulos gerados na nuvem de palavras da fotógrafa 5.....	122
Quadro 10 – Lista de vocábulos gerados na nuvem de palavras do fotógrafo 6.....	123
Quadro 11 – Análise da descrição afetiva: A luz da audição no encontro com o pavão – Estudante N. B. S.....	130
Quadro 12 – Análise da descrição afetiva: Máquina do tempo – Professor B. M. G.	131
Quadro 13 – Análise da descrição afetiva: Os marrecos e o despertar dos sentidos – Estudante E. J. S.....	132
Quadro 14 – Análise da descrição afetiva: A escolha da arara – Professor R. C. O.	132
Quadro 15 – Análise da descrição afetiva: O desabrochar das flores – Estudante C. P. S. I.	133
Quadro 16 – Análise da descrição afetiva: Fotografando e revivendo emoções – Instrutor de arte – P. S. I.	134

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado
AMB – Associação Médica Brasileira
CBO – Classificação Brasileira de Ocupações
CEP – Comitê de Ética e Pesquisa
CME/VR – Conselho Municipal de Educação/ Volta Redonda
DF – Distrito Federal
DMU – Deficiência Múltipla
DV – Deficiência Visual
E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha - Escola Municipal Especializada Doutor Hilton Rocha
EF – Educação Física
EV – Estimulação Visual
FERP – Fundação Educacional Rosimar Pimentel
IBC – Instituto Benjamin Constant
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LBI – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MG – Minas Gerais
OM – Orientação e Mobilidade
OMS – Organização Mundial da Saúde
PE – Processo Educacional
PEA – Programa Educacional Alternativo
PEVI – Práticas Educativas para uma Vida Independente
PME – Plano Municipal de Educação
PMVR – Prefeitura Municipal de Volta Redonda
PPP – Projeto Político-Pedagógico
SciELO – Scientific Electronic Library Online
SE – Supervisora Educacional
SLA – Estereolitografia
SRM – Sala de Recursos Multifuncionais
TA – Tecnologia Assistiva
TEACCH – Treatment and of Autistic and Related Communication Handicapped Children

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UGF – Universidade Gama Filho

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

ZOO/VR – Zoológico Municipal/Volta Redonda

3D – Tridimensional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 APRESENTAÇÃO	19
1.2 JUSTIFICATIVA	26
1.3 OBJETIVOS	26
1.3.1 Objetivo geral	26
1.3.2 Objetivos específicos	26
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
2.1 CONTRIBUIÇÕES DE EVGEN BAVCAR – FOTÓGRAFO CEGO E A IMPORTÂNCIA DOS DEMAIS SENTIDOS, ALÉM DA VISÃO	28
2.2 ENTENDENDO A IMAGEM MENTAL E A IMPORTÂNCIA DA AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM A SER FOTOGRAFADA	33
2.3 A IMAGEM TRIDIMENSIONAL (3D) COMO OBJETO DE REFERÊNCIA.....	39
2.4 REVISITAR A HISTÓRIA DA ESCOLA MUNICIPAL ESPECIALIZADA DOUTOR HILTON ROCHA	41
2.5 PROPOSTA DE TRABALHO QUE ESTÁ SENDO REALIZADA NA ESCOLA MUNICIPAL ESPECIALIZADA DR. HILTON ROCHA PARA OS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL.....	46
2.6 CONTEXTUALIZAR A TRAJETÓRIA DOS PARTICIPANTES DO PROJETO “ALÉM DA VISÃO: A PESSOA CEGA E A FOTOGRAFIA”	55
3 METODOLOGIA	58
3.1 ETAPAS DA PESQUISA: DO CONVITE À PRÁTICA.....	61
3.1.1 Primeiro encontro: assinatura do TCLE	61
3.1.2 Segundo encontro: recordando como capturar as imagens	62
3.1.3 Terceiro encontro: visita guiada	62
3.1.4 Quarto encontro: impressão das fotos	72
3.2 ETAPAS DA PESQUISA: DA ENTREVISTA.....	72
3.2.1 Quinto encontro: entrevista com participante 1 – N. B. S.	73
3.2.2 Sexto encontro: entrevista com participante 2 – B. M. G.	75
3.2.3 Sétimo encontro: entrevista com participante 3 – E. J. S.	77
3.2.4 Oitavo encontro: entrevista com participante 4 – R. C. O.	78
3.2.5 Nono encontro: entrevista com participante 5 – C. P. S. I.	80
3.2.6 Décimo encontro: entrevista com participante 6 – P. S. I.	81

4 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL	84
4.1 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO.....	84
4.2 CONSTRUÇÃO DO PRODUTO.....	86
4.3 Avaliação do produto.....	88
4.3.1 Testando o e-book digital	Erro! Indicador não definido.
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	98
5.1 ANÁLISE DOS DADOS.....	98
5.1.1 Primeira fase: resgatando histórias – origem e trajetória da E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha	99
5.1.1.1 <i>Relato de S. C., mãe de um dos alunos da escola</i>	100
5.1.1.2 <i>Explicação disponibilizada por R. C. O. em relação às suas experiências e vivências na E. M. ESP. DR. Hilton Rocha</i>	100
5.1.1.3 <i>Recordações da caminhada histórica na escola do ponto de vista de J. M. G.</i>	101
5.1.1.4 <i>Memórias históricas de B. M. G. no seu percurso na Unidade Educacional referenciada no texto</i>	102
5.1.2 Segunda fase: desenvolvimento da pesquisa	105
5.1.2.1 <i>Fotógrafa 1 – N. B. S.</i>	107
5.1.2.2 <i>Fotógrafo 2 – B. M. G.</i>	109
5.1.2.3 <i>Fotógrafo 3 – E. J. S.</i>	110
5.1.2.4 <i>Fotógrafo 4 – R. C. O.</i>	112
5.1.2.5 <i>Fotógrafo 5 – C. P. S. I.</i>	113
5.1.2.6 <i>Fotógrafo 6 – P. S. I.</i>	115
5.1.3 Terceira fase: análise das entrevistas, nuvens de palavras e ênfase de cada participante	117
5.1.4 Quarta fase: descrição afetiva das fotografias	124
5.1.4.1 <i>Estudante – N. B. S.</i>	124
5.1.4.1.1 <u>Fala introdutória da fotógrafa</u>	125
5.1.4.1.2 <u>Descrição afetiva feita pela fotógrafa</u>	125
5.1.4.2 <i>Professor – B. M. G.</i>	125
5.1.4.2.1 <u>Fala introdutória do fotógrafo</u>	126
5.1.4.2.2 <u>Descrição afetiva feita pelo fotógrafo</u>	126
5.1.4.3 <i>Estudante – E. J. S.</i>	126
5.1.4.3.1 <u>Fala introdutória do fotógrafo</u>	126

<u>5.1.4.3.2 Descrição afetiva feita pelo fotógrafo</u>	127
<i>5.1.4.4 Professor – R. C. O.</i>	127
<u>5.1.4.4.1 Fala introdutória do fotógrafo</u>	127
<u>5.1.4.4.2 Descrição afetiva feita pelo fotógrafo</u>	127
<i>5.1.4.5 Estudante – C. P. S. I.</i>	128
<u>5.1.4.5.1 Fala introdutória da fotógrafa</u>	128
<u>5.1.4.5.2 Descrição afetiva feita pela fotógrafa</u>	128
<i>5.1.4.6 Instrutor de arte – P. S. I.</i>	128
<u>5.1.4.6.1 Fala introdutória do fotógrafo</u>	129
<u>5.1.4.6.2 Descrição afetiva feita pelo fotógrafo</u>	129
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	140
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	147
APÊNDICE B – ENTREVISTAS COM O FOTÓGRAFO CEGO – PROFESSOR ..	150
APÊNDICE C – ENTREVISTAS COM O FOTÓGRAFO CEGO – ESTUDANTE ...	151
APÊNDICE D – ENTREVISTAS COM OS FOTÓGRAFOS CEGOS – PROFESSORES E ESTUDANTES – AVALIAÇÃO DO PRODUTO	152
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	154

1 INTRODUÇÃO

Na infinidade de imagens fotográficas, em que núcleos e formas se entrecruzam em um balé visual, existe um universo invisível que provoca os limites da percepção. São as fotografias das pessoas cegas, que revelam a beleza e a profundidade de um mundo explorado por outros sentidos. Esse é o tema abordado no atual estudo, nas seções que seguem a introdução. Trata-se de uma jornada pelo universo das fotografias capturadas por pessoas cegas, a fim de desvendar as belezas que residem para além das lentes.

1.1 APRESENTAÇÃO

Sou natural do estado de Minas Gerais, cidade de Tombos. A segunda filha de um trabalhador rural e uma dona de casa que tiveram quatro filhos. Cursei o Ensino Fundamental, primeiro segmento, em uma escola municipal na cidade de origem, e com a mudança da família para o estado do Rio de Janeiro, concluí o segundo segmento do Ensino Fundamental na cidade de Volta Redonda.

Após a conclusão do Ensino Fundamental, mudamos para uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, onde iniciei o Curso de Magistério, desistindo, no meio do curso, por precisar trabalhar para ajudar a família. Em 1986, retornei para Volta Redonda, ingressando em 1987 no Ensino Médio – Curso de Magistério. Com isso, iniciou-se o meu encantamento pela educação e fui determinando e moldando o meu perfil profissional com as vivências e os conhecimentos adquiridos, o que mais tarde foi sendo complementado por tantas outras experiências e uma diversidade de estudos.

Em 1990, ingressei, por concurso vestibular, no Curso de Pedagogia com habilitação em: Magistério (das matérias pedagógicas do 2º grau), Orientação Educacional às escolas de 1º e 2º graus; Administração Escolar nas escolas de 1º e 2º graus; e Supervisão Escolar nas escolas de 1º e 2º graus, curso concluído em 1995. Durante o primeiro ano da graduação, não escolhi uma área de preferência. Os professores do curso foram muito comprometidos em nos mostrar a teoria e a prática. No decorrer desse curso, tive a oportunidade de fazer o estágio na própria faculdade que contava com um Colégio de Aplicação. Um dos professores do curso era também diretor do Colégio e, muitas vezes, tivemos a oportunidade de conversar

sobre as demandas escolares. Assim, fui me afeiçoando às minhas preferências entre gestão e orientação pedagógica, temas que me proporcionaram aprofundar nos estudos e, mais tarde, vieram a complementar a minha prática.

No âmbito da pós-graduação *lacto sensu*, realizei alguns cursos: em 2005-2006, cursei a Especialização em Docência e Educação para o Pensar, na Universidade Gama Filho (UGF), Rio de Janeiro. Na conclusão, apresentei, com mais dois estudantes, o trabalho com o título: “*O pensar e agir construtivo do conselho comunitário escolar*”. No estudo, foi abordada a importância das práticas construtivas para a autonomia da escola a partir de experiências, reflexões, análises, leituras e opiniões da comunidade escolar, inspirado no trabalho que eu realizava na época como presidente de uma regional que abarcava algumas escolas do entorno do bairro onde eu trabalhava.

No período de 2007-2009, fiz a Especialização em Educação Especial – Deficiência Mental, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO),. Com o Título: “*Educação Especial e a inclusão de estudantes com deficiência mental no Município de Volta Redonda*”, o estudo em questão foi uma oportunidade de conhecer o histórico da Educação Especial, na área da deficiência mental, em Volta Redonda, no período de 2005 a 2008 e a vivência da escola regular no âmbito do atendimento aos estudantes com deficiência mental. Nesse estudo, foram apresentados alguns aspectos para o desenvolvimento da prática pedagógica, tais como a inserção das informações sobre o processo de inclusão no Projeto Político-Pedagógico, as Adaptações Curriculares, o Currículo Funcional Natural, o Programa TEACCH (Treatment and of Autistic and Related Communication Handicapped Children) e a Gestão Democrática Inclusiva.

No decorrer de 2009-2010, realizei os estudos em Psicopedagogia, efetivados na Fundação Educacional Rosemar Pimentel (FERP), em Volta Redonda/RJ. Foi escrito um artigo com o Título: “*O estudante com deficiência intelectual – Inclusão na escola regular*”. Na organização do trabalho, foi feita uma análise sobre as disposições constitucionais e legais referentes à inclusão do estudante com deficiência na escola regular, além de verificar a importância de promover e articular ações para a melhoria da qualidade do processo ensino e aprendizagem das pessoas com deficiência. Durante o desenvolvimento do curso, foi possível acrescentar novos conhecimentos na prática pedagógica, inclusive aprimorar as contribuições nas escolas que eu acompanhava; bem como na elaboração do Projeto Político-Pedagógico para a

melhoria do ensino e aprendizagem, auxiliando os profissionais na identificação de diferentes formas de ensino, de acordo com a especificidade de estudantes com ou sem deficiência.

No espaço de tempo entre 2010 e 2012, tive a oportunidade de fazer a Especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Perspectiva da Educação Inclusiva pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). O estudo foi concluído com a apresentação do trabalho com o título: *“A escola regular e os estudantes com altas habilidades/superdotação”*. Foi feita uma análise bibliográfica do tema altas habilidades/superdotação e apresentado o resultado da pesquisa realizada em três escolas regulares do município de Volta Redonda. O interesse em pesquisar sobre o tema deve-se ao fato de, até aquele momento, não haver qualquer sugestão de casos de estudantes com altas habilidades/superdotação nas escolas municipais.

No ínterim de 2019-2020, empreendi os estudos na Especialização em Braille e Sorobã, na Faculdade UNINA. Iniciei o curso após estar atuando na escola especializada com o objetivo de ampliar os meus conhecimentos na área. Foi possível estudar e rever vantagens, aplicabilidade, procedimentos metodológicos, avaliação e a importância do braille e do sorobã como recursos didáticos e as orientações sobre AEE e Sala de Recursos Multifuncionais (SRM). Na especialização, também foi possível estudar sobre a inclusão de estudantes com cegueira no Sistema Educacional Brasileiro.

No primeiro semestre de 2021, fui contemplada com a aprovação para fazer parte da primeira turma de mestrado profissional em ensino na temática da deficiência visual do Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, e a efetivação no mestrado com a linha de pesquisa “Saberes e práticas docentes no ensino de pessoas com deficiência visual”. Portanto, está sendo uma grande oportunidade de desenvolvimento intelectual no sentido de ampliar os conhecimentos e ter a possibilidade de evidenciar o trabalho realizado na escola especializada, ao mesmo tempo de buscar melhorias para o público-alvo com o qual trabalho e apresentar para a sociedade experiências exitosas que ampliam os nossos horizontes e nos propiciam oportunidades de mudanças na educação, desenvolvendo o sentimento de pertença na comunidade escolar.

Em relação às minhas experiências profissionais, fui admitida como professora no município de Volta Redonda, em concurso público realizado no ano de 1993. Minha experiência inicial em sala de aula, como docente de Anos Iniciais, foi na

primeira escola, criada em 1968, do município. Com isso, trocamos experiências no processo ensino e aprendizagem, participando das transformações das vidas dos estudantes e das nossas próprias vidas, como profissionais. Além das mudanças metodológicas no processo formativo, vivenciei muitos desafios, entre eles, saber lidar com as mudanças de valores da sociedade, as lutas pela valorização profissional e, até mesmo, a necessidade de unir a vida escolar às linhas da educação, já que buscava a partir da relação professor-estudante e vice-versa desenvolver o conhecimento e a organização coletiva no espaço escolar.

Junto ao trabalho com os estudantes do primeiro segmento do Ensino Fundamental, tive a oportunidade de lecionar para uma turma de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos, experiência importante para a prática, visto que os estudantes iniciavam o domínio da leitura e da escrita, e, juntos, construímos as trajetórias escolares e que provavelmente contribuíram muito nas vivências dos envolvidos. Muitos foram os ensinamentos socializados no período em que estivemos juntos.

No decorrer do ano de 2000, vieram os novos desafios como Supervisora Educacional (SE) do I e II Segmento (Anos Iniciais e Finais) do Ensino Fundamental. No cumprimento da função de SE, várias atribuições específicas do cargo foram desenvolvidas, entre elas, promover, com a equipe da unidade educacional, a atualização e o aperfeiçoamento dos profissionais; orientar e coordenar as atividades das salas de apoio pedagógico; analisar a situação escolar dos estudantes; refletir sobre as práticas educacionais desenvolvidas na escola; supervisionar e acompanhar os registros nos documentos oficiais; orientar e acompanhar os estudos de recuperação; acompanhar e analisar a infrequência dos estudantes; planejar e organizar as ações para o desenvolvimento do processo de dependência; coordenar os estudos sobre avaliação; planejar e participar, com o Orientador Educacional, de reuniões com os responsáveis, visando à integração e ao efetivo trabalho de acompanhamento do aproveitamento e da frequência dos estudantes.

Outras experiências que tive durante o período em exercício na função de SE foram as realizações de várias atividades que acrescentaram valores positivos à minha vida profissional e pessoal, dentre elas, destacam-se: elaboração, orientação e desenvolvimento do Projeto Viver Bem a Vida, desenvolvido em uma escola de primeiro segmento e, posteriormente, estendido para as escolas do entorno, que faziam parte da Regional. Na escola onde foi criado o projeto, eram organizadas

diferentes estratégias para consolidar o trabalho, entre elas, a criação e a manutenção de oficinas de artesanatos, culinária, excursões pedagógicas, horta na escola, recuperação do Córrego Bugio, exposições pedagógicas temáticas, entre outras.

Diante do trabalho desenvolvido com a comunidade escolar, recebi, em 29/11/2004, o Título de Cidadã Volta Redondense da Câmara Municipal de Volta Redonda, conforme os termos da Resolução nº 2.799, pelos relevantes serviços prestados em prol do engrandecimento da cidade.

No decorrer do período de 2009 a 2017, trabalhei como professora na disciplina de Educação Especial; e como Coordenadora do Curso Subsequente Pós-Médio Normal em instituição particular. Ministras as aulas nessa disciplina foi a possibilidade de contribuir com a base da formação inicial e/ou continuada para os profissionais que passariam a exercer a docência após a conclusão do curso. Quando estava responsável pela gestão do curso, fiz o acompanhamento dos professores formadores, articulando entre os docentes e discentes, atuando com os professores e estudantes na realização dos trabalhos de conclusão do curso e supervisão de estágios.

Durante o período de 2007-2016, trabalhei na Secretaria Municipal de Educação como implementadora pedagógica, onde tive a oportunidade de orientar as escolas da Rede Municipal que atendiam aos estudantes com deficiência intelectual. Durante 10 anos, busquei aprofundar os estudos acadêmicos em relação à educação especial e em temas específicos dentro da área de atuação.

Particpei do V Seminário de Educação Inclusiva: Direito à Diversidade, em 2009, em Brasília/DF; do Seminário Internacional: a escola aprendendo com as diferenças; e do VI Seminário do Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, em 2010, em Brasília/DF, como uma das representantes da Educação Especial do município de Volta Redonda. Os seminários tinham como objetivo apoiar a formação de gestores e educadores para o entendimento sobre os sistemas educacionais inclusivos. Ao retornar para os municípios polos, tínhamos, como tarefa, realizar os Seminários de formação para os profissionais dos municípios de abrangência.

No ano de 2015, fiz parte da Comissão Técnica responsável pela organização e elaboração do Documento Base do Plano Municipal de Educação (PME) do Município de Volta Redonda. A minha participação ficou direcionada para as discussões sobre a meta 4, que está focalizada para o público-alvo da Educação

Especial na rede regular de ensino, visando ao acesso e à garantia dos espaços de Sala de Recursos Multifuncionais, escolas ou serviços especializados.

Quanto ao diagnóstico em relação à meta 4, estudamos os documentos que referenciavam a educação inclusiva na época, a história de atendimento da Educação Especial (inclusiva) no Município, os gráficos do quantitativo de estudantes com deficiência nas redes regulares de ensino, entre outras informações. Foram definidas 28 estratégias que contemplavam a meta para ser implantada durante a vigência do plano.

Em 2016, recebi o convite da Secretária Municipal de Educação para assumir, em 2017, a direção de uma escola especializada em deficiência visual, que teve a oportunidade de escolher o(a) gestor(a) por meio de eleição, mas não houve quórum suficiente para o pleito. Assim, coube à Secretária de Educação a indicação inicial de um profissional para o cargo. Desse modo, tive a oportunidade de conhecer e refletir sobre a deficiência e o modo de vida das pessoas que fazem parte da comunidade escolar, mediar os desafios para autonomia educacional na vida diária.

Durante esse percurso na direção, veio a orientação para atender às diretrizes do Plano Nacional de Educação e recomendações do Ministério Público para o Município realizar o concurso público interno para diretores, do qual participei. Nesse processo, foi realizada a eleição interna para consolidar o concurso, proporcionando-me três vivências distintas para atuar como gestora: indicação, concurso público e eleição democrática.

O trabalho continua até a presente data. Essa experiência me proporciona os conhecimentos das potencialidades, dificuldades e responsabilidades dos profissionais e estudantes, facilitando, assim, a mediação no momento dos planejamentos escolares com os profissionais que têm deficiência visual e o atendimento aos estudantes, de acordo com as especificidades de cada pessoa. Vivenciando tal realidade, estamos sempre crescendo como profissionais e possibilitando aos estudantes uma forma significativa no que se refere ao processo ensino e aprendizagem e nas questões de vida diária, possibilitando vivenciar, no espaço da escola especializada, as disciplinas inerentes ao Atendimento Educacional Especializado para as pessoas com deficiência visual e experienciar situações inovadoras na educação, cultura e lazer.

Diante das situações inovadoras, muitos projetos foram desenvolvidos, que proporcionaram às pessoas com deficiência visual expressarem a sua criatividade e

oportunizaram a inclusão social. Com isso, elas conseguiram apresentar as suas percepções sobre o mundo de que fazem parte, despertando, assim, a consciência do público enxergante sobre essa realidade.

Com a confiança de quão rica e significativa é a experiência ao desenvolver projetos com as pessoas cegas, oportunizo-me a saber mais sobre o assunto e a pesquisar sobre o tema “a pessoa cega e a fotografia”, estudo que me despertou para a escrita do projeto inicial apresentado no concurso para o mestrado.

Diante do contexto, confirmou-se a necessidade de oferecer aos estudantes e profissionais da escola especializada a oportunidade de fotografar, visando a afirmar os interesses nessa vertente da disciplina de arte na educação. No percurso do curso de mestrado, fui preparando um levantamento bibliográfico e os materiais que utilizaria na aula prática no IBC – local do estágio – e na aplicação do produto que aconteceu na E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha.

Organizei os documentos para submissão do projeto à aprovação da professora orientadora Dr^a. Cristina Maria Carvalho Delou e do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) – Centro Universitário de Valença/Fundação Educacional Dom André Arcoverde – RJ. Após a aprovação da Plataforma Brasil, com o Parecer nº 5.592.615 (Anexo 1), foi possível dar continuidade à concretização da pesquisa. A pesquisa, que se encontra nos apêndices, foi feita na E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha e no Zoológico de Volta Redonda (ZOO/VR), com dois grupos: três professores e três estudantes cegos, adultos, de forma presencial.

O estágio e a aula prática foram desenvolvidos no IBC, no setor de audiodescrição, onde tive a oportunidade de visitar as divisões, conhecer e vivenciar o trabalho. Na turma da professora Glauce Mara, foi feito o estágio de observação e ministrada a aula em Arte Educação – Linguagem fotográfica, com os seguintes objetivos: conversar sobre a história da fotografia e discorrer sobre o processo de produção da imagem fotográfica, utilizando estratégias como: ouvir os estudantes para descobrir as suas familiaridades e os interesses com o tema fotografia e explicar oralmente sobre a história da fotografia. Para execução das atividades, foram levados para a sala de aula equipamentos fotográficos (câmera antigas e atuais, filme, tripé, flash, entre outros), sendo estes apresentados aos estudantes, de maneira que eles manuseassem os equipamentos e percebessem as suas diferenças e mudanças com o passar dos anos. Os estudantes fotografaram algumas obras de arte dentro da sala de aula e concluímos com uma conversa avaliativa sobre a experiência.

A possibilidade de desenvolver uma aula que está em consonância com a minha pesquisa permite pensar de forma inclusiva na habilitação e na reabilitação das pessoas com deficiência visual, permitindo-lhes vivência e criando vínculos com a atividade, aumentando o repertório imagético de cada estudante. Desenvolver a arte na educação é uma das formas de inclusão social que ajuda no crescimento da pessoa com deficiência visual não só nos âmbitos social e educacional mas, também, em outros aspectos, como a criatividade, a percepção auditiva, a imaginação, a lateralidade, entre outras possibilidades. A arte de fotografar pode ser um meio de realização pessoal ou um instrumento de trabalho para a pessoa cega.

1.2 JUSTIFICATIVA

A atuação da pessoa cega no mundo fotográfico ainda é pouco difundida, e esta pesquisa evidencia o acesso à fotografia por profissionais e estudantes cegos da E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha para que possam historiar e eternizar os momentos que marcam as suas vidas, o que contribui para o desenvolvimento da habilitação e reabilitação dos participantes, validando, assim, o produto gerado, um *e-book* digital que reúne registros teóricos e das produções dos participantes para auxiliar o ato de fotografar de outras pessoas cegas e justificando, portanto, a realização do estudo.

1.3 OBJETIVOS

Descreveremos, a seguir, os objetivos geral e específicos deste estudo.

1.3.1 Objetivo geral

Demonstrar que as experiências táteis permitem às pessoas com deficiência visual fotografar, interpretar imagens e construir imagens mentais.

1.3.2 Objetivos específicos

Revisitar a história da Escola Municipal Especializada Doutor Hilton Rocha.

Contextualizar a trajetória dos participantes do projeto “Além da visão: a pessoa cega e a fotografia”.

Analisar os dados das entrevistas e da descrição das fotografias produzidas.

Analisar a representação plástica produzida a partir da audiodescrição de cada fotografia selecionada.

Solicitar aos participantes da pesquisa uma avaliação crítica do *e-book* produzido com as suas fotografias.

Este estudo está dividido em seis seções. Além desta introdução, na segunda seção, abordamos a fundamentação teórica; na terceira seção, encontra-se o detalhamento da metodologia utilizada; na quarta seção, apresenta-se o produto/processo educacional; na quinta seção, está a discussão dos resultados, de modo que se pode conferir que, através do toque, da audição e da sensibilidade, as pessoas com cegueira desvendam uma nova dimensão na arte fotográfica. Por fim, na sexta seção, trazemos as considerações finais desta pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por mais inusitado que seja, é comum pessoas cegas sentirem vontade de fotografar e experimentar o registro diverso: fotografar-se, fotografar outras pessoas, lugares ou objetos. Porém, no cotidiano, essas práticas não são oferecidas nem proporcionadas às pessoas cegas. Existe uma crença de que pessoas cegas não querem ou não podem desempenhar o exercício de fotografar. Fotografar é uma arte que não depende só da visão. Trata-se de um desafio a ser investigado.

Registra-se que a partir da opção pelo tema “A pessoa cega e a fotografia”, determinou-se a busca dos classificadores nas pesquisas já realizadas: “fotógrafo cego”/“*blind photographer*”; “imagem acessível”/“*accessible image*”; “impressões imagéticas”/“*imagistic impressions*”; “percepção visual de cor”/“*visual color perception*”. Destacam-se, também, a importância da fotografia, da audiodescrição e da representação acessível das imagens para a pessoa cega.

Ainda que considerando aspectos distintos, as fontes de análises ajudaram a construir um cenário dos trabalhos encontrados nesse campo. Para promover o entendimento sobre o tema, inicialmente, foram pesquisadas informações sobre Evgen Bavcar – fotógrafo cego –, bem como sobre a imagem mental e a importância da audiodescrição da imagem a ser fotografada.

2.1 CONTRIBUIÇÕES DE EVGEN BAVCAR – FOTÓGRAFO CEGO E A IMPORTÂNCIA DOS DEMAIS SENTIDOS, ALÉM DA VISÃO

Muitos são os registros, relatos e entrevistas que fazem referência à fotografia e ao fotógrafo cego Evgen Bavcar e a arte de fotografar. Conforme os registros de Porto (2022), “fotografia é a técnica de criar imagens por exposição luminosa em uma superfície fotossensível. E a primeira fotografia reconhecida foi feita em 1826, pelo francês Joseph Nicéphore Niépce [...]”.

Desde 1826, com o reconhecimento da primeira fotografia, as técnicas vêm sendo aprimoradas para facilitar o uso das câmeras fotográficas e visando à melhoria das imagens. No que diz respeito à pessoa cega e à fotografia, na pesquisa atual, enfatiza-se o fotógrafo Evgen Bavcar, artista cego que nasceu em Lobjanec, cidade da Eslovênia e ficou cego entre os 10 e 12 anos. A sua história e seu profissionalismo são de grande importância para corroborar a arte de fotografar exercida pelas pessoas

cegas. Seus trabalhos são reconhecidos, seguidos e admirados por diferentes pessoas, entre elas, muitos fotógrafos enxergantes¹ e cegos.

De acordo com o registro na Revista Benjamin Constant, da matéria *Evgen Bavcar: um olhar além do visível*, destaca-se que:

Na verdade, o desejo de Bavcar pela imagem é fruto de seu desejo de consolidar sua existência. “Quando nós imaginamos as coisas, nós “existimos”: com essa afirmação ele verbaliza seu pensamento de não poder pertencer a este mundo se não puder imaginá-lo à sua maneira. Ele completa: “quando uma pessoa cega diz “eu imagino”, ela quer dizer que consegue ter uma representação interna de uma realidade exterior”. Por isso, toda foto que tira é previamente organizada com perfeição em sua cabeça, antes de ser “clorada” [...] (VIEIRA, 2001, p. 25).

Como mostra o trecho em destaque, as experiências e vivências de Bavcar com o ato de fotografar para as pessoas que veem são riquíssimas e permitem o vislumbre de utilização do seu feito para o engrandecimento de novos fotógrafos enxergantes ou cegos que buscam a sua afirmação pessoal ou profissional para desenvolverem os seus trabalhos nesta área.

No livro *O ponto zero da fotografia*, de Evgen Bavcar, publicado pela Very Special Arts do Brasil, em 2000, o autor pontua algumas especificidades que mostram o quanto ele tem para ensinar com as suas vivências. O livro é dividido em: “A luz e o cego – Evgen Bavcar” – tradução de Rubens Machado; “Evgen Bavcar – Não se vê com os olhos” – tradução de Aduauto Novaes; “Fotografando contra o vento” – tradução de Nelson Brissac e “O ponto zero da fotografia” – tradução de Amir Labaki.

Ao analisar o livro, no decorrer do texto “A luz e o cego”, evidencia-se:

[...] O olhar físico que quer ver não é aquele olhar da verdade, pois a presença de um objeto só pode ser confirmada pelo toque físico [...] (BAVCAR, 2000, p. 17).

[...]

O toque tátil continua sendo o sentido da verdade, dado que ele não pode negar a materialidade das coisas [...] (BAVCAR, 2000, p. 18).

[...]

As pessoas que olham diretamente as minhas fotos me dão a possibilidade de me assegurar da realidade materializada dos meus atos mentais. Por essa razão, eu me considero um artista conceitual sempre obrigado a pré-imaginar a imagem sobre a película. O aparelho fotográfico não pode pensar por mim (BAVCAR, 2000, p. 24)

¹ A escolha por usar o termo enxergante é fundamentada no que afirma Vigata (2016, p. 39): “optei por usar a palavra ‘enxergante’ em detrimento de ‘vidente’ para evitar conotações indesejadas que, mesmo de um modo ingênuo, evocam a superioridade das pessoas que enxergam”.

Desse modo, Bavcar aponta a importância do tato, do contato físico, com o que será fotografado para materializar e definir as suas impressões imagéticas, para que tenha o controle do que está sendo capturado na sua imagem.

Nos registros de Aduino Novaes no capítulo “Evgen Bavcar – Não se vê com os olhos”, ampliam-se os conhecimentos dos leitores, fazendo um panorama sobre a visibilidade do visível, perpassando por apontamentos que destacam as contribuições de autores com valiosas informações sobre a visibilidade, a visão do olhar, a forma como se interpreta o mundo e a importância de não se ver com os olhos apenas. Outra informação fica por conta de Nelson Brissac, no mesmo livro, no capítulo “Fotografando contra o vento”, no qual menciona que Bavcar usa a mão para o reconhecimento do que será fotografado e usa o vento para lhe trazer as informações que as coisas têm, facilitando, assim, a utilização de outros sentidos para o momento de capturar a imagem.

Continuando a análise do livro, Almir Labaki comenta no texto “O ponto zero da fotografia”, que a criação das fotografias não é uma releitura da reprodução, pois com o exemplo de trabalho fotográfico desenvolvido por Bavcar, ele zera o jogo, constrói a sua própria imagem mental, cria a sua imagem ideal, e ainda defende que “vê com o cérebro”. Ao examinar os escritos no livro “O ponto zero da fotografia”, sobre a percepção de Evgen Bavcar em relação à arte de fotografar, é possível perceber nos registros que existe um processo de construções mentais representativas para as pessoas cegas, que veem através da sensibilidade artística. Em relação à arte imagética, é necessário, desde a mais tenra idade, praticar o ver além da visão, o que auxilia no momento de atuar sobre o aprendizado da fotografia e de como concretizá-la.

Após a análise e o registro das concepções e contribuições atribuídas a Evgen Bavcar, trazemos os aspectos delineados por diferentes autores que discorrem de forma muito pertinente sobre a percepção, pois, para realizar a atividade de fotografar, é necessário utilizar outros sentidos. Validando essas afirmações de utilizar os outros sentidos na realização das tarefas, recorreremos à definição de didática multissensorial, registrando as considerações de Miguel Albert Soler, quando afirma que:

É um método pedagógico de interesse geral para o ensino e a aprendizagem da ciência experimental e da natureza, utilizando todos os possíveis sentidos humanos para captar informações do ambiente ao nosso redor e se inter-relaciona estes dados para formar o conhecimento multissensorial completo e significativo (SOLER, 1999, p. 45).

O uso dos sentidos faz toda a diferença para os participantes apoderarem-se da paisagem onde estão inseridos e que desejam eternizar na fotografia. Nesse cenário, as informações não são limitadas a um único sentido, por isso, reforça-se a possibilidade da aprendizagem com os demais canais sensoriais. Ainda sobre o tema, Soler (1999) descreve:

O tato, a audição, a visão, o paladar e o olfato, podem atuar como canais de entrada de informações cientificamente muito valiosas na observação. Estes dados informativos, apesar de terem entrado por canais sensoriais distintos, tem um destino comum; nosso cérebro; é aqui onde estas informações se inter-relacionam adquirindo um significado único que é o que aprendemos (SOLER, 1999, p. 18).

A utilização dos demais sentidos é essencial para concretizar a captura de uma imagem, visto que os participantes da pesquisa são pessoas que enxergam além da visão, que vivem em diferentes ambientes no dia a dia e interagem com ou nos cenários do cotidiano e conseguem ter a percepção do que está no entorno.

Nesse sentido, concordamos com Arruda (2014), quando explica:

Seguimos, nessa perspectiva fenomenológica, apropriando da percepção da paisagem por meio da utilização dos sentidos (a visão, o olfato, o paladar, o tato e a audição). Ela seria o espanto que a natureza causa, e a condição afetiva da paisagem é um ponto importante na fenomenologia buscando dessa forma paisagens que auxiliam na pesquisa (ARRUDA, 2014, p. 82).

Arruda faz menções às paisagens que a auxiliaram em sua pesquisa e, com base na sua afirmação, fazemos referência aos cenários que auxiliaram os fotógrafos cegos no momento da captura de suas imagens escolhidas. Nesse processo, eles conseguiram utilizar outros sentidos, como a audição, o olfato, o tato, enfim, o sentir a paisagem.

Em se tratando de paisagem, Torres (2010) afirma que:

O conceito de paisagem à Geografia é aplicado para representar uma unidade do espaço, um lugar, e remete às percepções que se tem sobre ele. Cada paisagem é produto e produtora da cultura, e é possuidora de formas, cores, cheiros, sons e movimentos que podem ser experienciados por cada pessoa que se integra a ela, ou abstraído por aquele que a lê através de relatos e/ou imagens [...] (TORRES, 2010, p. 124).

Entendendo o conceito de paisagem, para a pessoa com deficiência visual, uma das formas de ela ser percebida é pelo tato. Sob essa ótica, Tuan (1980, p. 9) afirma que “O tato é a experiência direta da resistência, a experiência direta do mundo como um sistema de resistência e de pressões que nos persuadem da existência de

uma realidade independente de nossa imaginação”. É através do tato que se pode explorar e conhecer objetos, texturas, formas, relevos e até mesmo a temperatura e a umidade dos materiais, permitindo o acesso à informação.

Outra forma de captar informações no ambiente é através da audição, com a qual percebemos a paisagem sonora, destacada por Torres (2010):

Os sons que ocorrem nos lugares compõem suas paisagens sonoras, que são, por sua vez, integrantes de suas paisagens. [...] Em diferentes lugares, a paisagem sonora apresenta-se com inúmeras informações, sejam elas urbanas e tecnificadas – como nos grandes centros urbanos -, ou de um ambiente natural ou próximo disso – como numa ilha distante, ou em uma fazenda numa área rural [...] (TORRES, 2010, p. 50-51).

Como o autor explica, a audição é de extrema importância para as pessoas com cegueira, pois, por meio dela, podem perceber e compreender o mundo em seu entorno, tornando possível identificar e localizar objetos, orientar-se no espaço, reconhecer pessoas e animais, além de se comunicar e ter acesso a informações verbais. Já ao referir-se ao olfato, em relação aos cheiros existentes nas paisagens, Stanley Waterman (2006, p. 1) afirma que “os sentidos da audição e do olfato são capazes de evocar memórias e imagens mais poderosas do que as coisas que vemos, e seus usos seletivos permitem a produção de imagens mais robustas”.

Para Gaspar (2001), em relação às paisagens olfativas,

Embora menos consciencializada que outras paisagens, a olfativa deixa impressões fortes na memória dos lugares e dos momentos. [...] As paisagens olfativas variam no espaço e no tempo e têm claras diferenciações de lugar para lugar. Por outro lado, ocupam uma presença importante nas memórias, que pode determinar decisões, com reflexos no ordenamento espacial das pessoas e das actividades (GASPAR, 2001, p. 89-90).

Nos registros de Tuan (1980), Torres (2010), Waterman (2006) e Gaspar (2001), destaca-se que o ser humano possui diversas possibilidades sensoriais de apreciar a paisagem. De acordo com Malanski (2011),

[...] o homem se comunica com o ambiente em que vive por meio de seus sentidos, responsáveis por captar os diferentes estímulos nele existentes. Contudo, a percepção e a cognição destes estímulos é um processo individual que ocorre na mente, conferindo a cada ser humano uma perspectiva de mundo única a partir de suas experiências vivenciadas (MALANSKI, 2011, p. 270).

Considerando o que aponta a autora e buscando entender um pouco mais sobre o conceito de paisagem, registra-se a percepção de Milton Santos (1988, p. 21)

sobre o assunto, quando aponta que [...] “Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”.

Para os participantes desta pesquisa, o conceito de paisagem ficou claro quando perceberam a influência do meio onde estavam inseridos, que foi perceptível aos seus sentidos no momento e de forma afetiva, o que corrobora as argumentações de Soler (1999) e Santos (1988). A esse respeito, Arruda (2014) acrescenta que

A percepção do ambiente, as imagens, seus significados, as impressões absorvidas e os laços afetivos são únicos em cada ser humano e para que esses laços sejam construídos necessita-se dos sentidos: visão, olfato, paladar, audição e tato. [...] (ARRUDA, 2014, p. 84).

As escolhas das paisagens fotografadas permitiram aprisionar a imagem do que foi experienciado, registrando, assim, o momento vivido e o ensejo de eternizar aquele fato, o que foi possível por meio dos sons, cheiros, formas e movimentos do lugar visitado.

Para selecionar as paisagens, os participantes utilizaram com frequência a orientação espacial por meio da sonoridade que permitiu a ampliação da percepção do ambiente, identificação de pontos de referência e a contextualização do espaço, o que permitiu o estímulo à imaginação e memória. Em se tratando dos sons, segundo Malanski (2011),

Os sons tendem a melhor alimentar nossa imaginação e lembranças do que as imagens. Também, os sons são responsáveis por ampliar nossa experiência espacial, uma vez que a audição é responsável, entre outras coisas, por formar em nossa mente parte da noção de tridimensionalidade do espaço. (MALANSKI, 2011, p.253).

Dessa forma, reforçaram-se as distintas maneiras de ver através dos outros sentidos e das diferentes percepções que podem ser desenvolvidas para tornar acessível, para a pessoa cega, o ato de fotografar.

2.2 ENTENDENDO A IMAGEM MENTAL E A IMPORTÂNCIA DA AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM A SER FOTOGRAFADA

Publicada em 2017, a tese de doutorado de Maria da Glória de Souza Almeida, intitulada *Ver além do visível: a imagem fora dos olhos*, analisa a possibilidade de a pessoa cega construir imagens mentais, destacando diferentes enfoques. Essa concepção nos faz refletir sobre a riqueza do tema em questão,

considerando que a autora busca, para delinear o seu texto, respaldo na educação, no conhecimento, na cultura e nas artes, passando pelos campos da imagem e da cegueira, da construção de imagens e representações, do imaginário, da imaginação e da fantasia, da razão e do sensível, da arte imagética e da poética da imagem. Nesse sentido, as ponderações de Almeida (2017) buscam corroborar os destaques do livro *O ponto zero da fotografia*, analisado anteriormente, quando relata:

[...] Pode-se afirmar que a arte, tanto quanto a sensibilidade, não ficam circunscritas apenas a olhos que veem, ouvidos que ouvem, mentes que raciocinam. A arte vai mais longe e toca mentes que numa análise irrefletida, apoiam-se em aparências desfavoráveis, provocando julgamentos equivocados que fomentam preconceitos e decretam a impossibilidade de determinadas pessoas ante a fruição do belo. As imagens não estão aprisionadas nos sentidos humanos. Ao contrário, os elementos sensórios deflagram, delineiam, configuram as representações que se transmudam em ideias materializadas. Os sentidos congregam informes que oferecem ao homem condições de adquirir acervos cognitivos e artísticos que lhe permitem ter o direito à criticidade, ao gosto, ao prazer, ao êxtase, à rejeição. As imagens constroem-se e desconstroem-se a partir das experiências vivenciadas. A construção mental de imagens por uma pessoa cega pressupõe um exercício constante na busca de oportunidades enriquecedoras da apreensão do visível (aquilo que se vê). Ver (descobrir) além do visível é tarefa possível, portanto deve ser uma prática, jamais uma exceção [...] (ALMEIDA, 2017, p. 69).

Percebe-se, nas reflexões de Almeida, que tanto para as pessoas enxergantes como para as pessoas cegas, o direito ao conhecimento e o interesse pessoal por desenvolver as habilidades elencadas para as suas vidas são os mesmos. Portanto, é necessário estabelecer os seus objetivos e estratégias, usando a sensibilidade e a imaginação para alcançar as metas idealizadas. No caso das pessoas cegas, é importante recorrer ao tato para receber as informações sobre o objeto a ser fotografado, promovendo a acessibilidade e validando a percepção entre os que veem e aqueles que não veem.

No blog *Villas de Areia*, podem-se apreciar algumas citações na postagem intitulada “Arte: As Emocionantes Fotos de Evgen Bavcar”, na qual se encontra um registro de fala do artista Bavcar:

Por que um cego, não pode produzir imagens para os que veem? Minha tarefa é a reunião do visível e do invisível. A fotografia me permite perverter o método estabelecido de percepção entre os que veem e aqueles que não veem (BAVCAR, [2012]).

Para que a acessibilidade seja possível, é primordial fornecer recursos e metodologias que permitam à pessoa com deficiência a ascensão às informações

visuais. Entre esses recursos, encontra-se expressão verbal, com registro na Revista Benjamin Constant:

Quero sublimar a relação entre o verbo e a imagem para iniciar uma reflexão mais particularizada. De início, é preciso constatar que não se pode separar essa parceria que eles formam, uma vez que a imagem condiciona o texto e vice-versa. Ou por outra, logo que nós não dispomos mais de imagens, é o verbo quem nos fornece novas possibilidades (VIEIRA, 2001, p. 21).

Conforme apresentado, Bavcar defende que a arte de fotografar é para todos, e que a comunicação verbal é essencial para que o fotógrafo cego tenha êxito na captura das imagens. A esse respeito, Zanella, Mattos e Assis (2019) explicam que:

[...] a mediação pelo signo verbal é uma possibilidade social que favorece a superação dos limites impostos pela restrição da experiência visual, viabilizando a inserção no universo simbólico. Nesse sentido, para os cegos é pela palavra que as imagens são (re)conhecidas e compartilhadas (ZANELLA; MATTOS; ASSIS, 2019, p. 90).

Além do que mostram os autores, atualmente, a qualidade das fotografias geradas pela tecnologia e disponibilizadas nos meios de comunicação acarreta o enfraquecimento das imagens impressas em papel. Para acessibilizar a fotografia para as pessoas cegas por meio de audiodescrição, ainda se pode lançar mão da imagem impressa. Mesmo quando a imagem está em um suporte físico, como um livro ou revista, por exemplo, é possível descrever as características da imagem, permitindo que essas pessoas cegas possam visualizá-la em sua mente.

A atuação dos fotógrafos cegos no mundo imagético é uma possibilidade de aproximação entre a educação, a inclusão e a arte de fotografar em uma mesma proposta de expressar a percepção de mundo, suas opiniões e seus sentimentos. Isso ocorre porque essa prática não se limita apenas a registrar imagens mas, também, envolve expressar sua própria visão de mundo e suas emoções por meio da fotografia. Desse modo, a fotografia para pessoas cegas torna-se uma forma de comunicação e expressão, permitindo que elas possam se conectar com outras pessoas e compartilhar suas perspectivas.

Como mostra a Figura 1, a seguir, fotografar é um procedimento que possibilita uma aprendizagem viva.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Audiodescrição da imagem: Figura 1: Título: O fotógrafo cego no mundo imagético. No lado esquerdo a escrita: O processo de capturar imagens pelo fotógrafo cego pode ser descrito e entendido como um ciclo, representado na figura 1: A educação promove a inclusão com a arte de fotografar. Do lado direito, três setas formando um ciclo com os dizeres: Educação – Inclusão – Arte de fotografar. No meio do ciclo, a imagem de uma Câmera Dreyer de 1946, fabricante Vitry Freres – Paris, que pertence a pesquisadora.

A partir desse processo de ensino, acredita-se que o conhecimento da tríade (educação, inclusão, ato de fotografar), pelo profissional da educação, auxilia para a pessoa cega alterar substancialmente o seu potencial de aprendizagem. Considerando o interesse individual, é possível validar a fotografia como processo de criação de imagem que pode afiançar o desenvolvimento integral da pessoa cega no mundo imagético, retendo determinado momento de suas vidas na foto.

Para acessibilizar o ato de fotografar para as pessoas cegas, uma das estratégias significativas é alguém fazer a audiodescrição dos locais, dos objetos ou de outro campo de interesse do fotógrafo cego. A esse respeito, considera-se a definição de audiodescrição de Motta (2016):

É um recurso de acessibilidade comunicacional que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em todos os tipos de eventos, sejam eles acadêmicos, científicos, sociais ou religiosos, por meio de informação sonora. Transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar (MOTTA, 2016, p. 2).

Já de acordo com Franco e Silva (2010), a audiodescrição é:

[...] um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos

e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora. É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxico (FRANCO; SILVA, 2010, p. 19).

Compreendendo as informações sobre o que a rodeia, a pessoa cega consegue não só fotografar por entretenimento mas, também, é capaz de profissionalizar-se na área, o que é possível perceber nas definições sobre audiodescrição registradas anteriormente e no que postula João Maia (CANON COLLEGE, 2017), um fotógrafo brasileiro que enxerga vultos e algumas cores. Ele deixa uma mensagem para as pessoas com e sem deficiência em entrevista para o blog da Canon:

Eu acredito que todos somos capazes, deficientes ou não. Porque, acima de tudo, fotografia também é inclusão. Se estou tendo essa oportunidade de mostrar meu trabalho e estar inserido nesse mercado, isso significa inclusão, é oportunidade de trabalho. Isso é oportunidade de ter dignidade. Quero mostrar que as pessoas com deficiência são capazes, muitas vezes, elas só precisam das ferramentas certas para produzir, para que possam ser verdadeiramente incluídas na sociedade e ter o respeito dos outros (CANON COLLEGE, 2017).

O fotógrafo João Maia não nasceu com deficiência visual; adquiriu a baixa visão em 2004. No entanto, ele acredita nas suas potencialidades e, com isso, interage com o campo da fotografia, transformando o ato de fotografar em profissão. Maia não é o único representante em destaque no Brasil do público que trabalha com fotografias. Existem outros fotógrafos que realizam esse trabalho, por exemplo, Marco Oton, fotógrafo, cientista social e palestrante. Com o destaque para os fotógrafos Maia e Oton, percebe-se que o ato de fotografar pode ser desenvolvido por pessoas com deficiência visual, seja baixa visão, seja cegueira.

Saber diferenciar a baixa visão ou a cegueira permite-nos ter conhecimento das percepções dos fotógrafos com deficiência visual. É importante ressaltar que, em conformidade com a Organização Mundial da Saúde (OMS), consideram-se as diferenças entre baixa visão e cegueira:

De acordo com a 10ª revisão da Classificação Estatística Internacional das Doenças e Problemas relacionados à Saúde (CID-10), considera-se visão subnormal, ou baixa visão, quando o valor da acuidade visual corrigida no melhor olho é menor do que 0,3 e maior ou igual a 0,05 ou seu campo visual é menor do que 20 graus no melhor olho com a melhor correção óptica

(categorias 1 e 2 de graus de comprometimento visual) e considera-se cegueira quando esses valores encontram-se abaixo de 0,05 ou o campo visual menor do que 10 graus (categorias 3, 4 e 5) (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1993).

Os dois fotógrafos com deficiência visual, Maia e Oton, são exemplos de superação e profissionalismo, desenvolvendo a arte de fotografar com paixão e excelência a partir da audiodescrição das imagens que alguém faz para eles. Para corroborar o assunto, Alves (2009) discorre sobre a produção das imagens pelas pessoas com deficiência visual:

Interpretamos a produção e a leitura fotográfica por parte das pessoas com deficiência visual como um exercício do direito dos seres humanos às linguagens, sendo que as pessoas com restrições severas de visão procuram produzir imagens fotográficas por meio da palavra alheia, das sonoridades, da movimentação espacial e da exploração tátil, como forma de compreender o que lhe circunda, dando visibilidade à sua própria existência como seres capazes de se expressar e de se constituir na e pela linguagem fotográfica, a despeito de que essa linguagem seja associada à visão (ALVES, 2009, p. 3).

Além do uso da linguagem para auxiliar as produções fotográficas da pessoa cega, uma grande aliada em destaque é a exploração tátil como uma modalidade que precisa ser desenvolvida desde a infância, com o objetivo de trabalhar a psicomotricidade que, além da questão motora, possibilita expandir a cognição. No ato de fotografar, o profissional utiliza o seu esquema corporal, a postura, os movimentos, o ritmo e o equilíbrio para sustentação do corpo e do equipamento fotográfico, processo que é desenvolvido desde a infância e contribui para a aprendizagem de como retratar o objeto de aspiração, facilitando, assim, o domínio do ofício.

Para diminuir as limitações e ampliar a relação com o espaço, a exploração tátil auxilia o fotógrafo quando existe o desprovimento da visão, uma vez que este diminui as informações recebidas do entorno, o que acaba impedindo ou limitando a construção do conhecimento em relação ao que está sendo fotografado. De acordo com Griffin e Gerber (1996),

A modalidade tátil é de ampla confiabilidade. Vai além do mero sentido do tato; inclui também a percepção e a interpretação por meio da exploração sensorial. Esta modalidade fornece informações a respeito do ambiente, menos refinadas que as fornecidas pela visão. As informações obtidas por meio do tato têm de ser adquiridas sistematicamente, e reguladas de acordo com o desenvolvimento, para que os estímulos ambientais sejam significativos. Ao contrário, o sentido da visão, que se desenvolveu com o passar do tempo, pode captar as informações instantaneamente e pode

também processar nuances de informação por meio de “input” sensorial (GRIFIN; GERBER, 1996, p. 1).

Diante da importância das explorações táteis para os seres humanos, muitos estudos destacam os seus benefícios e a seriedade de essas ações serem desenvolvidas desde a infância, pois, ao utilizar o tato em materiais acessíveis, é possível fazer a leitura de imagens. Para as pessoas cegas terem acesso à leitura imagética, Veras e Ferreira (2022) destacam a importância de tornar os materiais acessíveis, como segue:

Materiais visuais a pessoas cegas, compreendendo quais estratégias utilizam ao realizar a leitura de imagens e, conseqüentemente, possibilitando o seu acesso aos bens culturais construídos como leitor e participante da cultura visual – aquela que se tem acesso através do sentido da visão (VERAS; FERREIRA, 2022, p. 4).

Acessibilizar as informações das imagens fotográficas utilizando o tato é um procedimento que não depende da visão. Para tanto, é possível a utilização de um objeto de referência a fim de consolidar a ação.

2.3 A IMAGEM TRIDIMENSIONAL (3D) COMO OBJETO DE REFERÊNCIA

Para oportunizar a acessibilidade do fotógrafo cego em relação à imagem fotografada, aponta-se a imagem 3D, que faz um recorte da fotografia, sendo utilizada como objeto de referência, contribuindo para que a pessoa cega receba informações sobre a fotografia através do toque. Vale salientar que o objeto de referência dará pistas sobre o conteúdo das fotografias, proporcionando acessibilidade para a leitura imagética.

De acordo com Adam Ockelford (2011, p. 9), simplificada, “Objetos de Referência são objetos que têm significados especiais designados a eles. Eles fazem o papel de alguma coisa, quase que da mesma forma que as palavras, quer faladas, sinalizadas ou escritas”. Nesse caso, o que representa o objeto de referência para o reconhecimento da imagem é um recorte real de algum item que aparece na fotografia. Esse recurso facilita a interação do fotógrafo pelo toque, antecipando a ideia do contexto, com a utilização da memória operacional tátil, pois tem uma correspondência peculiar com a imagem representada na fotografia.

Nessa perspectiva, Nicholas (2011, p. 21) acrescenta que “a memória operacional tátil nos permite reter e manter ativas informações oriundas de estímulos táteis para guiar o nosso comportamento na ausência de informações orientadoras externas”. O objeto de referência para a pessoa cega permite a conexão e a assimilação por meio do tato, tema abordado por diversos pesquisadores, e desperta o interesse por oportunizar uma verdadeira acessibilidade para o fotógrafo cego, no que diz respeito à leitura da imagem ou de parte dela, conseguindo, assim, associar as suas memórias imagéticas.

Entre tantas possibilidades de apresentar os objetos para a pessoa cega, a ênfase é na acessibilidade da imagem pelo recorte físico em 3D de parte do objeto da cena com significado para o fotógrafo cego. Trata-se de uma parte que o remete à cena, como se fossem palavras pronunciadas. Com a escolha do objeto bem definida pelo fotógrafo, ao tocá-lo, sua memória será remetida para a cena, conseguindo compreender e recordar com o apoio da imagem em relevo – 3D.

De acordo com a página na internet, Autodesk (2022) a impressão 3D:

É uma família de processos que produz objetos ao adicionar material em camadas que correspondem a seções transversais sucessivas de um modelo 3D. O plástico e as ligas de metal são os materiais mais comumente usados para impressão 3D, mas quase tudo pode ser usado – de concreto a tecido vivo (AUTODESK, 2022).

Sob essa ótica, a impressão 3D abre oportunidades para a impressão de imagens táteis que podem ser utilizadas para acessibilizar a fotografia para o manuseio das pessoas cegas a fim de proporcionar-lhes a inserção no mundo da fotografia. Sobre isso, Sobral, Everling e Cavalcante (2020, p. 190) afirmam que: “A tecnologia de impressão 3D apresenta potencial para funcionar como ferramenta propulsora de experiências teórico-práticas que possam fortalecer a ligação entre pessoas videntes, cegas ou com baixa visão”. Baseando-se nos fundamentos apresentados, percebe-se como os objetos de referência podem acessibilizar a fotografia, pois oportunizam à pessoa cega, ter contato com o que era, até então, inacessível para ela, que é a fotografia somente impressa.

2.4 REVISITAR A HISTÓRIA DA ESCOLA MUNICIPAL ESPECIALIZADA DOUTOR HILTON ROCHA

A história da E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha é um convite não apenas a passear pelo que já aconteceu mas, sobretudo, uma proposta de compreensão do presente. Atualmente, a escola atende 70 estudantes na faixa etária de 4 a 83 anos, com deficiência visual, oriundos do município de Volta Redonda e municípios adjacentes, primando pelo AEE no contraturno da escola regular, priorizando a habilitação e a reabilitação para os estudantes inseridos no contexto escolar.

Para apresentar a caminhada histórica da escola, primeiro será destacado o panorama do município de Volta Redonda/Rio de Janeiro, onde está situada a E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha e que tem como prefeito, em 2022, Antônio Francisco Neto. Para tal, recorre-se ao site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010):

Volta Redonda contava com uma população, no censo de 2010 de 257.803 pessoas e uma população estimada de 274.925 pessoas em 2021. Em 2020, o salário médio mensal era de 2.1 salários-mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 29.3%. [...] Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade é 98,5%. O PIB per capita (2019): 40.355,98 R\$. A taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 11.93 para 1.000 nascidos vivos. As internações devido a diarreias são de 0.1 para cada 1.000 habitantes [...] (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

Após identificar algumas características do município, com base nas informações disponibilizadas no IBGE, inicia-se a caminhada pela história da E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha, produzindo subsídios imprescindíveis sobre a existência da unidade educacional, que constituirá uma fonte de referência para conhecimento e atualização de dados sobre o local.

De acordo com o Projeto Político-Pedagógico (PPP) 2022, a escola pertence à Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Volta Redonda (PMVR), respaldada, legalmente, pelos seguintes documentos:

Decreto de Criação nº 5017 de 13 de agosto de 1993: cria escolas municipais especializadas para ministrarem ensino a criança, adolescentes e adultos portadores de deficiências: Escola Especializada Professora Dayse Mansur da Costa Lima, Escola Especializada Doutor Hilton Rocha e Escola Municipal Especializada Professora Marlene Mendes de Castro e o Parecer nº 10/99 de 15/09/1999 – CME/VR, que aprova o Plano de Criação das Escolas da Rede Municipal de Educação (ESCOLA MUNICIPAL ESPECIALIZADA DOUTOR HILTON ROCHA, 2022).

As normas legais para garantir a criação e o funcionamento da escola especializada no atendimento das pessoas cegas foram firmadas por meio de decreto e parecer favorável ao plano de criação, conforme citado anteriormente. Isso posto, é fundamental mencionar que, em relação à caminhada histórica documentada, não foram encontrados registros para pesquisa nos órgãos consultados, dessa forma, os dados inseridos na atual pesquisa foram coletados no PPP da escola, com as famílias e profissionais atuais, que foram estudantes dessa instituição.

Durante as entrevistas que foram realizadas com os participantes da pesquisa, surgiram histórias da fundação e da caminhada histórica da escola, o que nos proporcionou organizar os dados, resgatando memórias a partir dos apontamentos de algumas pessoas que fizeram parte da construção dessa história até os dias atuais. É uma oportunidade extraordinária de compartilhar as conquistas das pessoas com deficiência visual no município de Volta Redonda, assunto que terá um subtítulo na discussão de resultados. Entre os apontamentos no Projeto Político-Pedagógico, encontra-se, também, a história de uma das primeiras famílias que lutou pela criação da escola especializada para pessoas com deficiência visual no município, texto anotado a seguir, a partir de registros atribuídos à Senhora M. G. E. F. e ao Senhor E. A. F., pais de um dos primeiros estudantes com deficiência visual da escola.

Nós somos casados desde 1977, fomos presenteados por duas pérolas, nossos filhos: C. e R. A primeira, nascida em 1979, abriu caminho para o segundo, nascido um ano mais tarde. R. nasceu no município mineiro de Ipatinga, no dia 16 de março. Logo após o parto, percebeu-se uma deficiência visual, proveniente de um glaucoma. Após diversas cirurgias para controle da pressão ocular, a infância do nosso menino transcorreu permeada por muitas brincadeiras, alegrias e descobertas, porém também com algumas dúvidas. Por exemplo, nos inquietava a ideia de ter que mandar nosso filho para estudar em colégio interno, o Instituto Benjamin Constant, o mais próximo da localidade onde residíamos: a cidade de Volta Redonda. Nessa época então, decidimos que iríamos fazer todo o possível para que uma escola voltada ao ensino de pessoas com deficiência visual, existisse em nossa cidade. Procuramos por pais e responsáveis que compartilhassem o mesmo desejo e fomos em busca das autoridades. Não foi uma luta fácil, pelo contrário, muito árdua, mas em outubro de 1988, mais precisamente no terceiro dia daquele mês, era fundada a escola para deficientes visuais do município de Volta Redonda. O decreto de criação veio mais tarde, em 1993. As aulas foram iniciadas nas dependências da Igreja Nossa Senhora Aparecida, situada no bairro São João. Eram poucos profissionais e reduzido número de estudantes. Posteriormente, a escola foi transferida para o bairro Vila Santa Cecília, em uma casa alugada, próxima à antiga clínica São Camilo. Na sequência, novamente mudou de endereço, dessa vez, para o bairro São João Batista, no prédio da antiga Escola Amapá, onde encontra-se até os dias atuais. Lembramos com imensa saudade e gratidão dos primeiros profissionais que fizeram parte da história da escola e por conseguinte, de

nosso filho. Muitas pessoas fizeram parte da trajetória de nosso filho na escola, e ficaram como referências primeiras dele, mas o grande tempo passado nos impede de citá-los conforme merecem. Hoje, nos orgulha ver que a escola produziu frutos, como por exemplo, o nosso filho e os dois amigos dele, que saíram da posição de ex-estudantes e hoje exercem a arte de ensinar na escola que estudaram. Ficamos contentes ao ver nosso filho vivendo com autonomia, responsável por sua família, esposa e filhos, exercendo seu papel no contexto social. Desejamos que o futuro nos permita ver, ainda, o crescimento constante dessa tão almejada instituição de ensino e que outros frutos possam ser colhidos dessa frondosa árvore do saber. Agradecemos a oportunidade de participar da história da Escola Municipal Dr. Hilton Rocha, e, poder dizer o quanto ela foi e é marcante em nossa história de vida (ESCOLA MUNICIPAL ESPECIALIZADA DOUTOR HILTON ROCHA, 2022).

A partir dessa narrativa do casal, é possível perceber a perspectiva de vivenciar uma experiência positiva para o atendimento do filho e dos demais estudantes que viessem a integrar o contexto escolar; afinal, era preciso pensar nos seres humanos aos quais estava destinada a escola e os atendimentos das suas especificidades. Para contribuir com as afirmativas dos pais, ainda no sentido de enriquecer a caminhada histórica da instituição, segue o registro das recordações do filho, em relação às suas experiências e vivências na escola, que o embasaram para descobrir e desenvolver suas habilidades que hoje são reproduzidas com outros estudantes. Segue o registro atribuído a R.T.E.F. que também encontra-se no PPP:

Ano de 1988: um menino chamado R.T.E.F. vivia na cidade de Volta Redonda, interior do estado do Rio de Janeiro. Ele, deficiente visual, morava com seus pais e uma irmã que, aos 9 anos de idade, era um ano mais velha que aquela sonhadora criança. A grande questão daquele garoto era como levaria adiante seus sonhos quando crescesse, pois, até àquela época, sua infância transcorria suave e muito agradável. Brincando na rua, jogando bola, batendo, apanhando; mais apanhando do que batendo, o sorriso aberto era sua marca registrada. No entanto, ele pensava como seguir com tudo aquilo quando seus amigos se tornassem adolescentes, jovens, enfim... como continuar com as brincadeiras, já que era claro que os interesses se transformariam e a proteção exercida mutuamente entre os colegas, não existiria mais. Eis que surge nesse ano, uma escola especializada para deficientes visuais em Volta Redonda. Após luta árdua dos pais daquele menino, juntamente com outros pais e responsáveis de pessoas com deficiência visual, foi inaugurada no início de outubro aquela instituição que transformaria para sempre a vida de R.T.E.F. A partir daí, a vida daquele garoto precisava sair das ilusões infantis e penetrar na realidade da escolarização e compromissos com horários, deveres, provas, comprometimentos diversos, enfim. Ele foi o primeiro estudante com deficiência visual incluído na Rede Regular de Ensino em Volta Redonda, em 1990, em uma escola municipal. A partir daí, ele mesmo necessitaria contar sua história e, permeada por algumas passagens carregadas de emoção, é o que veremos a seguir. Os colegas das brincadeiras de rua, agora eram colegas de sala de aula. As professoras que, até então habitavam apenas o imaginário daquele menino, se tornavam reais e próximas de seus sentidos e do cotidiano. Como lidar com aquilo tudo? Como agir com naturalidade diante daquele novo universo? Primeiro, descobrira que não era o único cego da redondeza, como imaginava até então, ao ser matriculado na nova escola de

deficientes visuais. Agora, precisava se acertar com sua nova realidade de vida: uma escola grande demais para suas pretensões e anseios. Ele só queria estudar, porém não imaginava que teria de enfrentar aquele turbilhão de novidades e emoções. Tendo como base a escola especializada, o caminho tornou-se mais ameno e possível de ser trilhado. Foram grandes momentos, histórias marcantes e inesquecíveis. Como apagar da mente as vívidas lembranças de professores, colegas estudantes, profissionais de apoio, confraternizações, enfim, cada dia parecia um sonho. O garoto tornou-se homem e jamais pôde esquecer as experiências que, não poucas vezes, foram as primeiras e, mesmo quando não eram, não deixavam de ser marcantes. Um dos grandes momentos aconteceu quando o primeiro emprego foi conquistado e, na escola, ele falou da realização desse sonho para todos, que naquele dia compartilharam daquela que tornava-se mais uma vitória alcançada. Quando o primeiro time de futebol de cegos foi montado em Volta Redonda, foi significativo demais saber que seus colegas estavam na arquibancada, assistindo àquele troféu ser erguido, a cada toque de bola, a cada drible, a cada jogo... Mesmo que o time não tivesse ligação direta com a escola, tudo começara lá. E isso era bonito demais! Hoje, o autor dessas palavras carregadas de emoção é mais um dos professores dessa tão valorosa instituição de ensino: a Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha. Essa emoção se transforma em orgulho e esse orgulho em gratidão por tudo que foi possível viver graças a ter existido aquele mês de outubro de 1988. Essa história continua sendo escrita a cada dia, a cada aula, a cada passo em direção aos objetivos desse agradecido Educador que, jamais desistiu dos seus sonhos e que, quando se percebe como professor de sua segunda professora, que atualmente está cega, na Escola dos Deficientes Visuais, tem a certeza de que não tem o direito de desistir. No coração do nosso professor de hoje, ainda pulsa a força de querer, do acreditar sempre em um amanhã melhor, em um futuro de conquistas e glórias. E essa história continua sendo escrita pelo menino sonhador e hoje professor onde tudo começou (ESCOLA MUNICIPAL ESPECIALIZADA DOUTOR HILTON ROCHA, 2022).

Para R.T.E.F., descrever a sua história passa pelo entrelaçamento de viver como estudante e retornar como profissional. Esse fato vem auxiliando a expandir o conhecimento adquirido com os atuais estudantes, concretizando o seu sonho e correspondendo à confiança dos seus pais depositada nele.

Com o resgate parcial da caminhada histórica, segue-se a abordagem em relação ao nome da escola, referenciando o Dr. Hilton Rocha, que foi homenageado com seu nome atribuído a uma instituição municipal em Volta Redonda para atender pessoas com deficiência visual. Para tal, busca-se respaldo nos registros do Jornal Oftalmológico *Jota Zero* (2011), que traz a reportagem “Tópicos de uma vida”, dedicada ao Centenário de Hilton Rocha, ressaltando que:

Hilton Rocha foi, primordialmente, idealista e grande e carismático líder de classe. O Curso de Especialização em Oftalmologia, que fundou na década de 1970, foi copiado por quase todos os Estados Brasileiros. Foi ele quem planejou a divisão da Especialidade em super especialidades, criando no Hospital São Geraldo o que ele denominou Departamentos. Havia Departamentos de Glaucoma, Retina, Estrabismo, Lentes de Contato, Córnea, Plástica Ocular etc. Pode-se afirmar, sem temor de errar, que a Oftalmologia Brasileira se divide numa fase pré-Hilton e uma fase pós-Hilton

Rocha. Nascido em Cambuquira – MG em 23 de dezembro de 1911, Hilton Rocha mudou para Belo Horizonte em 1922 e formou-se em Medicina dez anos mais tarde. Foi assistente, livre docente e, em 1942, com pouco mais de 30 anos de idade, tornou-se Professor Catedrático da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, atualmente UFMG. Em suas mãos, o Hospital Universitário São Geraldo transformou-se em centro de referência internacional da Oftalmologia. Criador e, durante muitos anos, coordenador do Curso de especialização em oftalmologia e do curso de doutorado em oftalmologia da UFMG, foi um dos fundadores da AMB e do CBO e membro honorário de dezenas de sociedades oftalmológicas do Brasil e do exterior. Foi presidente da AMB de 1955 a 1957 e do CBO na gestão 1961/62. Foi membro da Academia Nacional de Medicina e da Academia Mineira de Letras e recebeu dezenas de homenagens, medalhas e títulos. Durante sua vida participou de todos os congressos brasileiros de oftalmologia e de prevenção da cegueira, bem como das jornadas oftalmológicas, encontros mais ou menos informais mantidos nas décadas de 40 e 50 do século XX. Faleceu em 23 de maio de 1993 e sua importância científica, educacional e política o transformaram num dos maiores patrimônios da Oftalmologia brasileira (FERREIRA FILHO, 2011, p. 20-24).

Como apontado pelo jornal, o doutor Hilton Rocha teve notória visibilidade em oftalmologia e oportunizou a assistência para várias pessoas e instituições; além disso, também idealizou a Fundação Hilton Rocha para atender pacientes oftalmológicos que não pudessem pagar pelos tratamentos. Hoje, a Fundação é uma entidade filantrópica federal em Belo Horizonte - MG.

O nome escolhido para a instituição em Volta Redonda veio honrar o caminhar pedagógico e social da escola especializada pública, que busca a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência visual. A existência e a consolidação da escola especializada são um fato marcante na história da cidade, uma vez que essa instituição busca desenvolver um trabalho diário em prol da elevação do nível pedagógico no que diz respeito ao atendimento educacional especializado e à reabilitação das pessoas com deficiência visual.

Visando a retratar a caminhada pedagógica no tempo mais atual, foi feito o recorte entre os anos de 2017 até 2021 para abordar como está a escola especializada hoje, conhecer a sua função pedagógica e social. Tratou-se, assim, de evidenciar a ressignificação do espaço escolar, na busca da identidade, de discussões e ensino de qualidade, com a contribuição de todos que fazem parte do contexto educacional.

2.5 PROPOSTA DE TRABALHO QUE ESTÁ SENDO REALIZADA NA ESCOLA MUNICIPAL ESPECIALIZADA DR. HILTON ROCHA PARA OS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Pensando na acessibilidade das pessoas que são diferentes em seu desenvolvimento, a comunidade escolar, no contexto do recorte temporal de 2017 a 2021, vem procurando discutir sobre os atendimentos necessários para as pessoas com deficiência visual e sobre os conceitos de identidade. As discussões elucidam os caminhos que são percorridos, a compreensão de conceitos e a análise das construções históricas sobre a identidade das pessoas com deficiência visual. Busca-se, com isso, identificar diferentes formas de pensar, interagir, produzir culturas, enfim, de participar das mudanças sociais, mostrando o potencial da clientela em questão no desenvolvimento de uma escola inclusiva. A esse respeito, Arruda (2014) afirma:

Uma escola inclusiva está fundamentada nas relações sociais entre todos os seus participantes de forma cooperativa e colaborativa, na crença das possibilidades e potencialidades de seus alunos, na rejeição de toda forma de exclusão, na flexibilidade de seu currículo, no estabelecimento de uma nova forma de organização e da avaliação escolar, na formação continuada com embasamentos teóricos que possibilitem a reflexão das práticas, numa nova estrutura física e humana da escola que rompa com os padrões homogeneizadores da escola tradicional (ARRUDA, 2014, p. 41).

A escola especializada em questão vivencia a inclusão, ao priorizar metodologias que atendam às especificidades da clientela, seja na escolaridade, seja na habilitação e reabilitação, conseguindo, assim, construir o conhecimento e buscar o desenvolvimento de pessoas diferentes que se encontram no mesmo espaço de convivência. Atualmente, a E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha atende crianças, adolescentes e adultos cegos (que não possuem qualquer percepção visual, por causa hereditária ou adquirida ao longo da vida), com baixa visão (que possuem algum grau de visão, mas com limitação que dificulta a realização de atividades cotidianas) e deficiência múltipla (deficiência visual associada a outras deficiências), além de reabilitar as pessoas que perderam ou estão em processo de perda da visão.

Para contribuir com o processo de habilitação e reabilitação das pessoas com deficiência visual, é pertinente buscar conhecer os direitos legais. Nesse sentido, foi criada a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), o Estatuto da Pessoa com Deficiência.

Capítulo II - Do direito à habilitação e à reabilitação - Art. 14. O processo de habilitação e de reabilitação é um direito da pessoa com deficiência. Parágrafo único. O processo de habilitação e de reabilitação tem por objetivo o desenvolvimento de potencialidades, talentos, habilidades e aptidões físicas, cognitivas, sensoriais, psicossociais, atitudinais, profissionais e artísticas que contribuam para a conquista da autonomia da pessoa com deficiência e de sua participação social em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas (BRASIL, 2015).

Na perspectiva de valer o direito dos estudantes nesse processo de construção inclusiva para possibilitar-lhes igualdade perante as demais pessoas, destacam-se alguns trabalhos idealizados e realizados na escola especializada para pessoas com deficiência visual em Volta Redonda: Atendimento Educacional Especializado – Apoio de Ensino, realizado para os estudantes, no contraturno da escola regular; Programa Educacional Alternativo (PEA), que propicia oportunidades para o desenvolvimento do estudante com Deficiência Múltipla (DMU) e sua integração e participação em seu grupo social; Orientação e Mobilidade (OM), que estimula o desenvolvimento das habilidades de OM, com início em casa e treinamento contínuo na escola, com profissional especializado, a fim de alcançar a independência para ir e vir; Tecnologia Assistiva (TA), que visa a proporcionar uma maior independência e autonomia com ferramentas ou recursos específicos. De acordo com a LBI (2015):

Tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2015).

Ademais, as pessoas com baixa visão podem fazer uso de auxílios ópticos. Nesse sentido, Braga explica que:

Recursos ou auxílios ópticos para visão subnormal são lentes especiais ou dispositivos formados por um conjunto de lentes especiais ou dispositivos formados por um conjunto de lentes, geralmente de alto poder, que se utilizam do princípio da magnificação da imagem, para que possa ser reconhecida e discriminada pelo portador de baixa visão. Os auxílios ópticos estão divididos em dois tipos, de acordo com sua finalidade: recursos ópticos para perto e recursos ópticos para longe (BRAGA, 1997, p. 12).

Há outras atividades desenvolvidas na escola especializada, como Educação Física (EF); Musicalização; Práticas Educativas para uma Vida Independente (PEVI), de modo que os alunos possam ter garantido o desenvolvimento pessoal e social em

diferentes tarefas da vida diária, visando à autonomia e ao crescimento pessoal. A instituição oferta, ainda, Estimulação Precoce (EP) durante os atendimentos, para tanto, são utilizadas atividades incentivadoras a fim de proporcionar experiências significativas que contribuirão com a evolução da criança com deficiência visual.

Durante as atividades de estimulação visual, são utilizados estímulos visuais e comportamentais de acordo com a faixa etária do estudante atendido. Em relação à escrita, é utilizado o sistema Braille, que consiste em uma escrita em relevo explorada por meio do tato. Para isso, pode ser utilizada a reglete, a punção, ou a máquina de datilografia; para realização de cálculos, é utilizado o Sorobã. No aprendizado do próprio nome, é utilizada a escrita cursiva.

A instituição também trabalha com desenvolvimento de projetos; reabilitação e inclusão social; e desenvolvimento das habilidades manuais. Nesse caso, trabalha a coordenação motora fina para alcançar um melhor desempenho na escrita Braille e eficiência nas atividades cotidianas.

Também se faz uso da adaptação de materiais didáticos. Os recursos didáticos são adaptados na escola, recebidos do Instituto Benjamin Constant (materiais ampliados e grafotáteis que atendem pessoas da educação infantil ao ensino médio), ou comprados. Esses materiais são de grande importância para a aprendizagem e a formação de conceitos dos estudantes com deficiência visual.

O desenvolvimento do trabalho na E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha tem como proposta mudar a concepção de vida das pessoas com deficiência visual. A esse respeito, mencionam-se os trabalhos realizados no IBC, que é referência no assunto. Recentemente, o IBC completou 168 anos, conforme informação a seguir.

Instituto Benjamin Constant completa 168 anos – Fundado por D. Pedro II e inspirado pelo sonho de um adolescente cego, o IBC mudou a perspectiva de vida dos brasileiros com deficiência visual. O adolescente se chamava José Álvares de Azevedo e o ano era 1850. José tinha 16 anos quando voltou da França disposto a fundar no Brasil uma escola nos mesmos moldes daquela onde ele havia estudado por seis anos – o Instituto dos Meninos Cegos de Paris. Assim que chegou, começou a colocar seu plano em prática, ensinando o método Braille de escrita e leitura a todos os cegos que pudesse e mobilizando a sociedade carioca em prol da sua causa. [...] no dia 17 de setembro de 1854, era inaugurado o Imperial Instituto dos Meninos Cegos – hoje Instituto Benjamin Constant (IBC), órgão vinculado ao Ministério da Educação e localizado no Rio de Janeiro, na Praia Vermelha, próximo ao Pão-de-Açúcar. O IBC atende atualmente 991 pessoas de todas as idades. De recém-nascidos, passando por todas as etapas da educação básica. A formação integral inclui atividades complementares, tais como psicólogo, orientação e mobilidade, além de disciplinas adicionais como música, teatro e esporte. As instalações do espaço possibilitam a prática de natação, atletismo, futebol, goalball e judô. Há 70 atletas paralímpicos espalhados em

três modalidades. [...] Em 2019, o IBC começou a atuar no ensino superior, oferecendo o curso de Mestrado Profissional em Ensino na Temática da Deficiência Visual, o primeiro na América Latina. Este ano, passou a oferecer também cursos de pós-graduação lato sensu, ampliando o espaço para formação especializada na educação de pessoas com deficiência visual no apoio às instituições públicas e privadas no atendimento a esse público. Atualmente, são duas especializações oferecidas: Metodologias do Ensino de Geografia e Teorias e Métodos sobre Alfabetização de Pessoas com Deficiência Visual. O IBC mantém também o Programa de Residência Médica em Oftalmologia que forma há 22 anos oftalmologistas de todo o Brasil, realizando atendimentos de média complexidade, como consultas, cirurgias, exames e laudos oftalmológicos. Por fim, a produção gratuita de material didático se mostra fundamental na formação do aluno com deficiência visual e se divide em impressão e distribuição de livros didáticos, revistas, impressos diversos, audiolivros e de materiais especializados em formato tridimensional, grafotáteis e ampliado. A produção de pesquisa na área ocorre pelos 21 grupos cadastrados no Centro de Estudos e pesquisas do IBC (BRASIL, 2022).

Os materiais didáticos do IBC são compartilhados sem encargos financeiros para instituições de ensino da rede pública, bibliotecas públicas e instituições sem fins lucrativos que atendam pessoas com deficiência visual. Em 2023, os materiais foram disponibilizados, no site <https://www.gov.br/ibc/pt-br/pesquisa-e-tecnologia/materiais-especializados-1/materiais-didaticos>.

Na unidade educacional onde foi realizada a pesquisa, em relação aos materiais didáticos, os profissionais, muitas vezes, com a participação dos estudantes, vão separando e confeccionando materiais para servirem de recursos e ser utilizados de acordo com as especificidades de cada um (cegueira ou baixa visão). Depois, eles passam a fazer parte do acervo da escola: pedras, miniaturas, cartazes, álbuns seriados, maquetes, jogos e livros. Outros recursos são adquiridos pela escola ou pela Secretaria Municipal de Educação, como exemplo: rádio, televisão, notebook, reglete e punção, sorobã, máquina de datilografia Braille, cadernos com linhas marcadas e espaçadas, lápis específico, giz de cera grosso, equipamentos tecnológicos diversos, impressoras Braille, scanner de mesa, entre outros. Nesse processo, busca-se adaptar, criar ou adquirir materiais adequados às condições dos estudantes, considerando tamanho, relevo, textura, cores fortes e contrastantes, modelos fidedignos da realidade, ampliando, se necessário, para os estudantes perceberem os detalhes.

Atualmente, a escola recebe os livros didáticos em Braille e em áudio, o que vem complementar o ensino e a aprendizagem dos estudantes com deficiência visual. Entre os princípios da E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha, assinala-se o da Educação, que é a razão da existência da escola, pois desenvolve um trabalho para ser agente de

mudança e transformação das pessoas, com um comprometimento de melhoria contínua, inovação e criatividade, desempenhando a responsabilidade a partir da qual procura adotar posturas éticas e compromissos sociais com os estudantes atendidos, auxiliando-os na inserção social. Esse desenvolvimento se dá por meio da educação, com a habilitação e reabilitação, buscando uma melhor qualidade de vida para as pessoas com deficiência visual.

Para aprofundar os conhecimentos, Aciem e Mazzotta (2013) postulam que a reabilitação é uma possibilidade de superação das consequências e de prejuízos decorrentes da perda da visão.

O serviço em instituições especializadas para a reabilitação de pessoas com deficiência visual, não envolve apenas a capacitação dessas pessoas para lidar com seu ambiente, com uma orientação precisa para uma mobilidade eficaz. Envolve, também, intervenções que facilitem a sua integração, sua atuação e o seu desempenho em sociedade. A conquista da autonomia pela pessoa com deficiência visual envolve, também, superação dos impactos e dos prejuízos decorrentes da limitação visual, seja perda total ou perda parcial da visão, bem como, dos estigmas socialmente concebidos à deficiência visual. Outro fator a ser considerado para aquisição da autonomia pela pessoa com deficiência visual é o convívio social durante a reabilitação, dentro da instituição especializada, que oportuniza algumas similaridades aos históricos de vidas das diferentes pessoas atendidas, no caso, a deficiência visual. [...]. A pessoa com deficiência visual passa pela experiência da convivência e do reconhecimento de outras pessoas com baixa visão ou cegas, que favorecem a reconstrução de sua identidade pessoal e social no processo de reabilitação (ACIEM; MAZZOTTA, 2013, p. 262).

Nesse sentido de transformar a vida das pessoas com deficiência visual pela educação, no processo reabilitador, destaca-se a forma de desenvolver o trabalho no contexto da escola especializada em questão, que é pensado por toda a comunidade escolar, enfatizando, na gestão democrática e participativa, o envolvimento das pessoas para discutir e estabelecer objetivos, deliberar, planejar e executar as ações definidas no plano de ação, buscando sempre novas propostas para atender às expectativas e especificidades de todos, bem como as soluções para os problemas, visando à construção de uma escola inclusiva. Cabe ressaltar, nessa perspectiva, o esclarecimento de Tezani (2009) sobre o assunto:

A gestão escolar democrática e participativa proporciona à escola se tornar mais ativa e suas práticas devem ser refletidas na e pela comunidade. A participação, em educação, é muito mais do que dialogar, é um processo lento, conflituoso, em que conhecer os conflitos e saber mediá-los torna-se fonte precípua. Por isso, é necessário ouvir pais, comunidade e órgãos de representação. Esses são caminhos que devem ser trilhados para a construção da educação inclusiva (TEZANI, 2009, p. 2).

A autora destaca a importância de garantir vez e voz na e pela escola, de modo a consolidar a construção e o enriquecimento da educação inclusiva, em relação à função social e pedagógica, através da qual busca-se construir espaço para que a colaboração, o diálogo, a solidariedade, a inventividade sejam praticados por todos, com o objetivo de favorecer as mudanças que vão depender de discussões, legislações, levantamentos de dados e iniciativas dos membros que compõem a gestão democrática na escola especializada. Ainda sobre esse detalhamento, Paro (2005) afirma que:

A participação da comunidade na escola como todo processo democrático é um caminho que se faz ao caminhar, o que não elimina a necessidade de se refletir previamente a respeito dos obstáculos e potencialidades que a realidade apresenta para a ação (PARO, 2005, p. 17).

Como defende o autor, com o envolvimento de todos, caminha-se para a construção do PPP que abarca o cotidiano escolar, através do qual é possível historiar e acompanhar o processo ensino e aprendizagem, assim como todas as ações dele decorrentes, saindo das intenções e praticando a gestão democrática com autonomia e respaldo legal. Nessa perspectiva, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (Lei nº 9394/96) define que:

Art.12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: I – elaborar e executar sua proposta pedagógica [...], e no Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (BRASIL, 1996, p. 14-15).

Na perspectiva da educação inclusiva na escola especializada, é primordial apreciar e colocar em prática o respaldo legal, porque é ele que aponta e valida discussões e posicionamentos da gestão democrática, pois indica a necessidade de a escola saber o que quer e executar as ações para consolidar o compromisso com os seus estudantes, profissionais e comunidade, concretizando a construção coletiva. Para conhecer e praticar o que está nas leis educacionais, é necessário estudar com todos os envolvidos (profissionais da educação, pais e/ou responsáveis, servidores, estudantes e representantes do Conselho Comunitário Escolar) para propor e executar ações que visem à melhoria de todo o processo educativo, concretizando um ensino de qualidade, buscando uma nova organização do trabalho pedagógico na e

para a escola, passando pela autonomia conquistada com e para todos. Nesse sentido, Veiga (1998) afirma que:

O projeto Político-Pedagógico, ao se constituir em processo democrático de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola, diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão. Desse modo, o projeto político-pedagógico tem a ver com a organização do trabalho pedagógico em dois níveis: como organização da escola como um todo e como organização da sala de aula, incluindo sua relação com o contexto social imediato, procurando preservar a visão de totalidade. Nesta caminhada será importante ressaltar que o projeto político-pedagógico busca a organização do trabalho pedagógico da escola na sua globalidade (VEIGA, 1998, p. 2).

Considerando o exposto e com base na gestão democrática, a escola especializada inclusiva busca organizar o PPP visando a desenvolver a autonomia e a identidade da própria escola, priorizando resgatar o espaço público e o diálogo, fundamentado na reflexão coletiva. Assim, as discussões coletivas constituem um documento vivo da escola. Essa construção tem aspectos políticos, financeiros, culturais, artísticos, administrativos, tecnológicos e pedagógicos, dando corpo e formas diversas para construir a identidade da escola, legitimar a igualdade de direitos e valorizar as diferenças. De acordo com Mendes,

[...] considerando argumentos históricos, legais, políticos, pragmáticos e científicos, discutiu-se as implicações dos possíveis caminhos sobre o futuro papel das instituições especializadas do setor, para ao final, ao contrário do pensamento hegemônico, defender a ideia de que elas sejam reconfiguradas, não como centros de atendimento educacional especializado, mas como escolas especiais e parte de uma rede diversificada de serviços articulados para escolarizar estudantes do público alvo da educação especial (MENDES, 2019, p. 3).

As mudanças no papel da escola especializada para atender ao público com deficiência visual, no que diz respeito à escolarização e à inclusão na sociedade, visa à igualdade de direitos e, nesse espaço, é propício desenvolver as propostas de trabalho com o público-alvo, sempre com atenção voltada para as diversas formas de acessibilidade, entre elas, a arquitetônica, com instalação de rampas, banheiros adaptados, piso tátil; a comunicacional, buscando eliminar as barreiras na comunicação interpessoal, na escrita e na virtual, valorizando a diversidade das pessoas com deficiência visual. A esse respeito, Gross defende que

A valorização da diversidade na escola e suas articulações com o currículo devem se contrapor ao princípio da competição. A inclusão de alunos com deficiência requer a afirmação de suas identidades na escola, do direito à convivência entre diferentes e da riqueza pedagógica que esta convivência pode representar. [...] A presença de alunos com deficiência se constitui, assim, em possibilidade emancipatória para todos os sujeitos envolvidos, tenham eles deficiência ou não (GROSS, 2015, p. 37).

Ademais, a valorização dos professores e estudantes com deficiência visual na escola especializada é fundamental para garantir a inclusão e o desenvolvimento de cada um. Isso contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, em que todos os indivíduos são valorizados e respeitados em sua diversidade e os atendimentos pedagógicos pautam-se nas especificidades de pessoa.

No que se refere aos atendimentos pedagógicos, tratando-se de metodologia, é indispensável utilizar recursos para viabilizar a aprendizagem, diversificando, assim, a proposta curricular. Nesse processo, também cabe dissipar as barreiras instrumentais das ferramentas de estudo, trabalho, lazer e recreação e disponibilizar os acervos da escola em formato acessível para os estudantes e profissionais com deficiência visual.

Já na acessibilidade atitudinal, é preciso vencer os preconceitos, estereótipos e discriminações, atitude que nos permite desenvolver um trabalho rompendo as barreiras. No desempenho pedagógico do processo de ensino e aprendizagem, mostra-se a importância da mediação, da formação e da acessibilidade para os estudantes e profissionais com deficiência visual para que possam organizar e desenvolver o seu trabalho com autonomia.

Essa mediação está presente nas ações intencionais, como no momento do planejamento com os professores com deficiência visual e na observação e investigação dos conhecimentos que os estudantes trazem para a escola especializada. Por sua vez, o professor deve definir os meios para intervir no aprendizado, realizando as interferências necessárias. Vygotsky (1998) esclarece que:

[...] O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica superior, ou comportamento superior com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica (VYGOTSKY, 1998, p. 73).

A mediação dos profissionais e estudantes – no nível de organização, para compreender o conteúdo ou para resolver problemas, nas demonstrações concretas ou na adaptação – é fundamental para garantir o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem para as pessoas com deficiência visual na escola especializada. Além disso, a formação continuada proporciona contribuições para o desempenho pedagógico dos profissionais e demais interessados nos temas pertinentes à deficiência visual e é desenvolvida nos estudos durante o ano letivo e durante as realizações de capacitações e Webinários.

Evidencia-se nos estudos a valorização da pessoa com deficiência visual, estudando diferentes temas, entre eles: família, aprendizado, experiências e vivências, Braille, sorobã, tecnologia assistiva, orientação e mobilidade, atividades inclusivas, café filosófico, como cuidar dos principais problemas visuais, dicas para usar o computador e o celular sem prejudicar os olhos, a música como estímulo para as pessoas com deficiência e vivências como youtuber. Ainda em relação aos temas abordados, estão inseridas as atividades de vida diária; o empreendedorismo da pessoa com deficiência visual, inclusive em meios digitais; o Deficiente Visual (DV) e o mercado de trabalho; atendimento educacional especializado – deficiência múltipla, as competências socioemocionais e o ensino remoto ou híbrido; alguns passos para uma visão melhor; a acessibilidade digital no ensino remoto; apoio de ensino para estudantes com deficiência visual, entre outros.

As formações e reuniões, além de contemplarem a comunidade escolar e o público em geral, que têm afinidade com o tema, estendem-se também, de forma específica, para os familiares dos estudantes atendidos, procurando instruir e apoiar nas diversidades. Com um trabalho definido, é possível criar e buscar parcerias para desenvolver os projetos sonhados e definidos com a comunidade escolar, entre eles, notabiliza-se o “Projeto Além da visão: Educação Ambiental – Jardim Sensorial”, espaço pensado para todos com o objetivo de colaborar com a ampliação da percepção dos sentidos das pessoas com deficiência visual em relação ao mundo a que pertencem, por meio das práticas ecológicas desenvolvidas, não só no interior da escola como também na comunidade ao entorno.

Muitas vezes, as crianças apresentam dificuldades no desenvolvimento de conceitos e de construção mental do espaço que as rodeia. Por isso, o Jardim Sensorial permite essa interação com o meio, proporcionando o aprendizado e a

acessibilidade para aprender e conseguir interagir com o meio ambiente, fazendo uso dos diferentes recursos naturais, como aromas, sabores e sons da natureza.

O projeto vem sendo desenvolvido com a preparação do solo e a produção de mudas que farão parte do Jardim Sensorial da unidade educacional. Ter a oportunidade de desenvolver um trabalho diferenciado, em um local onde as demandas passam pelo diálogo com a comunidade, com trocas que proporcionam mudanças na escola, é uma experiência riquíssima para todos. Portanto, é indispensável a continuidade de discussões e estudos coletivos para vislumbrar outros horizontes e possibilidades, com subsídios necessários para atender às especificidades de cada estudante ou profissional com deficiência visual, visando sempre à melhor qualidade educacional e de vida, a considerar os caminhos da construção pedagógica e social na escola especializada, pois o movimento construído pela comunidade escolar de forma integrada faz toda a diferença para o êxito nos atendimentos educacionais especializados e na reabilitação das pessoas com deficiência visual. O caminho trilhado pela escola especializada firma-se com o objetivo de ser um polo de referência educacional, reconfigurando-se e assumindo o papel na busca dos caminhos para equidade, priorizando o desenvolvimento educacional, profissional, pessoal e a inserção social de todos.

2.6 CONTEXTUALIZAR A TRAJETÓRIA DOS PARTICIPANTES DO PROJETO “ALÉM DA VISÃO: A PESSOA CEGA E A FOTOGRAFIA”

A experiência de fotografar abre novos caminhos para as pessoas com e sem deficiência. Assim, acrescenta-se, nesse sentido, um breve registro da história da fotografia, destacando que, de acordo com o *Dicionário Etimológico On-Line* (2022), a grafia da palavra fotografia vem do grego: Phosgraphein [...] a palavra grega é formada a partir da junção de dois elementos: *phos* ou *photo*, que significa “luz”, e *graphein*, que quer dizer “marcar”, “desenhar” ou “registrar”. Recorrendo à história da fotografia e compreendendo a etimologia da palavra, percebe-se que o ato de fotografar não é recente. De acordo *Galeria de arte – on-line* (2020), na postagem “História da fotografia no Brasil: A evolução do século XX até hoje”, encontra-se o seguinte registro:

Até o fim do século XIX, a fotografia tinha como principal função documentar. Já no começo do século XX a sua função como arte começou a ser discutida

e ganhou intensidade na década de 1940. A partir de então, a fotografia artística conquistou um novo status [...]. Já nos anos 1950, a foto começou a ser atrelada ao mercado editorial e assim, revistas especializadas sobre o tema foram criadas. Em seguida, as fotos começaram a ser expostas em museus, o que aconteceu na década de 1960 e, na posterior, o trabalho em foto ganhou um ar mais plural, visto que as produções mesclavam tanto a fotografia como documento como também como arte e experimentação [...] (AGÊNCIA PAPOCA, 2020).

Nesse contexto, os equipamentos utilizados para fotografar evoluíram junto à fotografia. Outra evolução é a fotografia realizada pela pessoa com deficiência visual. Desse modo, assinala-se, para elucidação do tema sobre fotógrafos cegos ou com baixa visão, o trabalho de Kaio Vinícius, em 2019, na página da *Rádio Acorda Cidade*, com a publicação do texto “Cegos também podem ser fotógrafos”, com subtítulo “Profissionais querem ser vistos como capazes e não só como exemplos de superação”

Ganhou corpo nos últimos anos, no Brasil e no mundo, a prática de fotografia para pessoas com deficiência visual — seja de forma amadora ou profissional. Os cegos fotógrafos se utilizam de outros sentidos para captar a foto e saber o que há no cenário a ser registrado, além de tomar como base algumas referências espaciais com a ajuda dos sons e de outras técnicas para poder se localizar. [...]. Com a ajuda de sons de pessoas, objetos ou alguma outra fonte sonora, conseguem criar uma imagem mental do registro que desejam fazer. Depois, basta perguntar para alguém como ficou a foto, para, por conta própria, saber se atingiu ou não os objetivos. [...] No Brasil, alguns dos principais fotógrafos com deficiência visual são Teco Barbero, Marco Oton e João Maia. O último, inclusive, foi o primeiro fotógrafo com deficiência visual a registrar em imagens as olimpíadas, no ano de 2016. [...] (VINICIUS, 2019).

Corroborando o autor, a fotografia é uma das formas de a pessoa cega comunicar as suas percepções sobre o mundo em seu entorno e despertar a consciência do público enxergante sobre a sua realidade. Assim, para atender à especificidade do ato de fotografar pelos estudantes e profissionais com deficiência visual e por acreditar no fato de a pessoa ser cega ter percepção do seu entorno, foi proposto o trabalho com fotografias, visando a promover uma oportunidade para expressar a criatividade e desenvolver a habilitação, reabilitação e a inclusão social.

As pessoas cegas podem e devem ter essa oportunidade de fotografar, se forem motivadas e capacitadas para isso, e podem utilizar o seu olhar e, não, o das outras pessoas, sentindo a experiência física, sensorial e emocional de fotografar sem enxergar. Entre os vários fins que podem ser atingidos com o ato de fotografar, é possível abrir novos canais de comunicação entre as pessoas com deficiência visual

e o público enxergante, estimulando a reflexão, a imaginação e a participação dos envolvidos no estudo para ampliar a visão de mundo.

A arte de fotografar pela pessoa cega é um tema presente na contemporaneidade. Nesse viés, contextualiza-se a pesquisa “Além da visão: a pessoa cega e a fotografia” como oportunidade de colaboração dos profissionais e estudantes cegos, capturando as suas imagens. Eles aceitaram o convite para participação na pesquisa, tendo como local de exploração a Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha e o zoológico de Volta Redonda.

Como resultado, que será detalhado na seção seguinte, os profissionais e estudantes demonstraram grande interesse nas fotografias, destacando a atividade que, em muitos momentos, requer a parceria de uma pessoa enxergante. Os participantes tiveram a oportunidade de fazer as suas escolhas sozinhos. Com exceção de um participante, os demais fotografaram quando eram enxergantes.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Valença/Fundação Educacional Dom André Arcoverde–RJ, e aprovada sob o número 5.592.615, em 19 de agosto de 2022. Os ambientes elegidos para aplicação da pesquisa afim de capturar imagens pelos fotógrafos cegos são a Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha e o zoológico da cidade de Volta Redonda.

A pesquisa envolveu seis participantes, divididos em dois grupos, cada um com três profissionais e três estudantes cegos. Trata-se de uma amostra por conveniência, não aleatória, acidental. Segundo Freitag (2018, p. 671), as pessoas escolhidas são “mais acessíveis, colaborativas ou disponíveis para participarem do processo”. Para identificação dos participantes, mesmo com a permissão de uso da imagem e voz, optou-se por utilizar a denominação Fotógrafo(a), seguido por número de ordem, função na escola e as iniciais do nome, por exemplo, “Fotógrafo 1 – estudante – N. B. S.”.

Quadro 1 – Características dos participantes

Fotógrafo	Gênero	Tipo de Cegueira	Idade	Função na escola	Formação
1 - N. B. S.	F	Adquirida	62 anos	Estudante	Ensino Médio
2 - B. M. G.	M	Adquirida	42 anos	Professor	Graduado
3 - E. J. S.	M	Adquirida	52 anos	Estudante	Ensino Médio
4 - R. C. O.	M	Adquirida	36 anos	Professor	Pós - Graduado
5 - C. P. S. I.	F	Adquirida	53 anos	Estudante	Ensino Médio
6 - P. S. I.	M	Congênita	52 anos	Instrutor de Artes	Ensino Médio

Fonte: autoria própria.

A escolha da amostra e a coleta cuidadosa de dados são essenciais para garantir a validade e a confiabilidade dos resultados da pesquisa. Nesse caso, o trabalho foi desenvolvido com um grupo menor de indivíduos que representam a população em questão. Os critérios para inclusão dos participantes são: ser estudante ou professor com cegueira da Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha; apresentar interesse em relação à fotografia e comprovar experiência com a arte de fotografar com foto realizada por cada participante.

Os encontros foram realizados e dinamizados pela pesquisadora. Eles ocorreram em momentos distintos, em grupo ou individualmente, dependendo da

tarefa a ser realizada. Quanto aos participantes, a deficiência visual (cegueira) de cinco deles foi adquirida ao longo da vida, como mostra o Quadro 1, em consequência de causas orgânicas ou acidentais. Um deles tem cegueira congênita, ou seja, já nasceu cego.

Este estudo parte do princípio da abordagem de cunho qualitativo, tipo documental e exploratória descritiva. Para Gerhardt e Silveira, (2009, p. 31), “a pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. Devido à participação de pessoas cegas como convidadas para o desenvolvimento da pesquisa, o conhecimento desse grupo social é essencial para saber as suas especificidades e a pesquisadora ter um contato direto com os participantes e com a situação a ser examinada, valorizando a história de vida dos participantes. Desta forma, Lüdke; André (1986) afirmam que a pesquisa qualitativa:

Supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada. Os dados são descritivos, o pesquisador coleta os elementos descritivos nas situações observadas, além das entrevistas, depoimentos, desenhos, maquetes, registros fotográficos e outros documentos. Todos os dados da realidade são considerados importantes (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11-12).

A escolha pela pesquisa qualitativa vem ao encontro do foco investigativo, buscando significados na vivência da pessoa cega fotografando, o que é uma realidade. Por isso, na pesquisa atual, esse dado não será quantificado. De acordo com Minayo,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou deveria ser quantificada. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2008, p. 21).

Os sujeitos desta pesquisa são pessoas cegas, que enriquecem os estudos com as suas apreciações, crenças e valores demonstrados na entrevista e na desenvoltura com as capturas das imagens no ato de fotografar. Como afirma Minayo (2008), os integrantes se destacam não só por agir mas, também, por partilhar as suas experiências.

Os participantes trazem vivências que tornam ricas as informações apontadas no estudo, a partir das conversas registradas após degravação das entrevistas

semiestruturadas, com um roteiro de perguntas que possibilitam a fala livre sobre o tema. Em relação à entrevista, Minayo (2007) aponta que:

A entrevista é uma estratégia muito utilizada no trabalho de campo para construir informações pertinentes de uma pesquisa. Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários locutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vista a este objetivo (MINAYO, 2007, p. 64).

As respostas dadas durante as entrevistas são de natureza textual. As respostas degravadas contêm os dados a ser analisados a partir de conteúdos, já que, segundo Bardin (2016, p. 44), “A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”.

Após a análise, serão identificadas as ênfases dadas, por cada participante, a partir de nuvens de palavras, criadas com base no aplicativo Wordclouds – on-line, que é um gerador utilizado para colocar em evidência os termos mais mencionados, pois cada palavra tem tamanho e cor próprios, de acordo com a relevância atingida no documento. Quanto mais mencionada a palavra, maior será a sua apresentação na imagem e sua representação para o participante da pesquisa.

No desenvolvimento da pesquisa, na parte documental, foi utilizado para a revisão de literatura as consultas on-line nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico e SciELO (Scientific Electronic Library Online) com os seguintes classificadores: “fotógrafo cego”/”blind photographer”; “imagem acessível”/”accessible image”; “impressões imagéticas”/”imagistic impressions”; “percepção visual de cor”/”visual color perception”. Em relação à pesquisa exploratória descritiva, são delineadas as características de uma realidade, no caso a fotografia, porém, aprofundando os conhecimentos para identificar e responder as variáveis do estudo por ser realizado com determinado grupo social, o das pessoas cegas. A esse respeito, Gil explica que:

A pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses e a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial, a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2002, p. 42).

De modo complementar à pesquisa exploratório-descritiva, já delimitada por Gil (2002), com observações durante o desempenho dos participantes no ato de

fotografar e nas entrevistas, torna-se possível buscar soluções para determinadas dificuldades e melhorar as práticas da captura de imagens ainda pouco exploradas pelas pessoas cegas. É possível, também, apresentar, em quadros descritivos, atributos utilizados pelo público-alvo ao realizar a tarefa de fotografar.

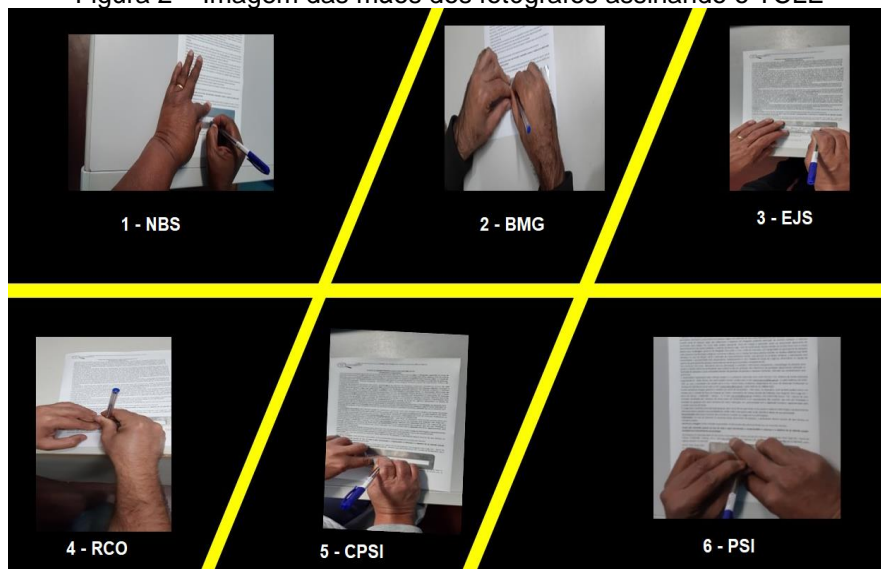
3.1 ETAPAS DA PESQUISA: DO CONVITE À PRÁTICA

Nas subseções a seguir, descreveremos cada etapa da metodologia adotada nesta pesquisa.

3.1.1 Primeiro encontro: assinatura do TCLE

O primeiro encontro ocorreu após os estudantes e profissionais receberem o convite para a participação do estudo e, posteriormente, aceitarem colaborar com a pesquisa. Para tanto, foi enviado para os participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A). Nesse encontro, foi feita a leitura na íntegra do documento para esclarecimento de dúvidas que surgiram, deixando evidentes as intenções da pesquisa. A Figura 2, a seguir, apresenta o momento de assinatura do TCLE pelos participantes.

Figura 2 – Imagem das mãos dos fotógrafos assinando o TCLE



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da imagem: Figura 2: Imagens das mãos dos seis fotógrafos participantes assinando o TCLE.

A partir das organizações em relação aos documentos, foram informadas a estrutura e as datas relativas aos encontros para consolidação da pesquisa.

3.1.2 Segundo encontro: recordando como capturar as imagens

No segundo encontro, foi a vez de recordar como capturar as imagens. Com isso, foi feita uma retomada do aprendizado anterior sobre como fotografar. Ademais, a pesquisadora trouxe esclarecimentos para quem apresentou dúvidas.

3.1.3 Terceiro encontro: visita guiada

Foi organizada uma visita guiada pela pesquisadora ao ZOO/VR que fica localizado no perímetro urbano de Volta Redonda, no bairro Vila Santa Cecília, em área da Mata Atlântica e no entorno da Floresta da Cicuta. Chegando ao local, foi feito um passeio para o reconhecimento do espaço e informações sobre plantas, animais e aves, possibilitando, assim, a escolha do que seria fotografado por cada participante. Após as escolhas, todos tiveram a oportunidade de fotografar e o momento foi encerrado com lanche no espaço reservado para alimentação. As Figura 3 a 8 mostram os fotógrafos cegos capturando as cenas escolhidas.

Figura 3 – Imagem da fotógrafa 1 – estudante – N. B. S.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 3: fotógrafa cega N. B. S., mulher negra, cabelos presos com trança, usando uma blusa nos tons marrom, branco e preto e um lenço prendendo os cabelos. Encontra-se com a máquina fotográfica preparada para capturar uma imagem.

Figura 4 – Imagem do fotógrafo 2 – professor – B. M. G.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da imagem: fotógrafo cego B. M. G. homem branco usando chapéu preto, óculos de sol, barba e camisa branca, e está com a máquina fotográfica pronta para clicar.

Figura 5 – Imagem do fotógrafo 3 – estudante – E. J. S.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 5: fotógrafo cego E. J. S., homem branco, cabelos grisalhos, abaixado sobre o joelho direito, usando camisa com listas e calça jeans, sapato preto. Está com a máquina fotográfica posicionada para captura da imagem.

Figura 6 – Imagem do fotógrafo 4 – professor – R. C. O.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 6: fotógrafo cego R. C. O., foto em plano médio de homem branco, usando camisa branca e está com a máquina fotográfica pronta para clicar.

Figura 7 – Imagem da fotógrafa 5 – estudante – C. P. S. I.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 7: fotógrafa cega C. P. S. I., foto em plano médio, mulher branca usando blazer azul-claro e blusa estampada por baixo. Está com a máquina fotográfica posicionada para capturar a sua imagem.

Figura 8 – Imagem do fotógrafo 6 – instrutor de arte – R. C. O.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 8: fotógrafo cego P. S. I., foto em plano médio, homem pardo, usando camisa roxa, preparando a máquina fotográfica para clicar.

Com as imagens capturadas, as fotos foram para o desenho do objeto de referência em 3D, usando a técnica SLA (estereolitografia) para impressão. De acordo com Rosana Guse no blog filipeflop.com:

SLA – A impressão 3D SLA é famosa por ser a primeira tecnologia de impressão 3D: seu inventor patenteou a tecnologia em 1986. Ela funciona usando um laser UV de alta potência para endurecer a resina líquida que está contida no reservatório. O feixe de laser é focado para endurecer a resina líquida que está contida no reservatório. O feixe de laser é focado no caminho predeterminado usando um conjunto de espelhos (GUSE, 2022).

A impressão 3D SLA permite a criação de objetos com alta resolução e detalhes precisos. Seguem os registros das imagens capturadas (Figuras 9, 11, 13, 15, 17 e 19) e os respectivos recortes retirados das fotografias que representam os objetos de referência, escolhidos pelos fotógrafos e impressos em 3D (Figuras 10, 12, 14, 16, 18 e 20).

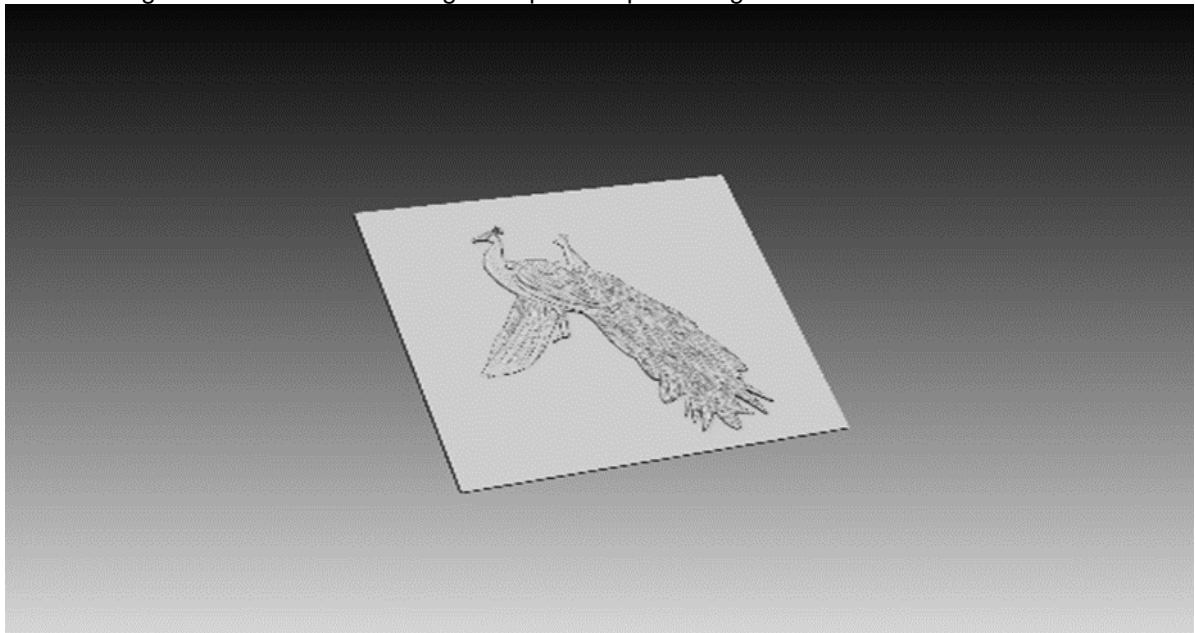
Figura 9 – Imagem capturada pela fotógrafa 1 – estudante – N. B. S.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 9: sobre um cercado de madeira, dois pavões machos, um nas cores verde, amarelo e azul e o outro nas cores verde, branco e azul. Na lateral esquerda, está o gramado; e na lateral direita, uma passagem de pedestre e um cercado de madeira; ao fundo, árvores e plantas diversas.

Figura 10 – Recorte da imagem capturada pela fotógrafa 1 – estudante – N. B. S.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 10: imagem 3D, impressa em resina, de dois pavões de perfil esquerdo, pousados sobre um tronco com as caldas fechadas.

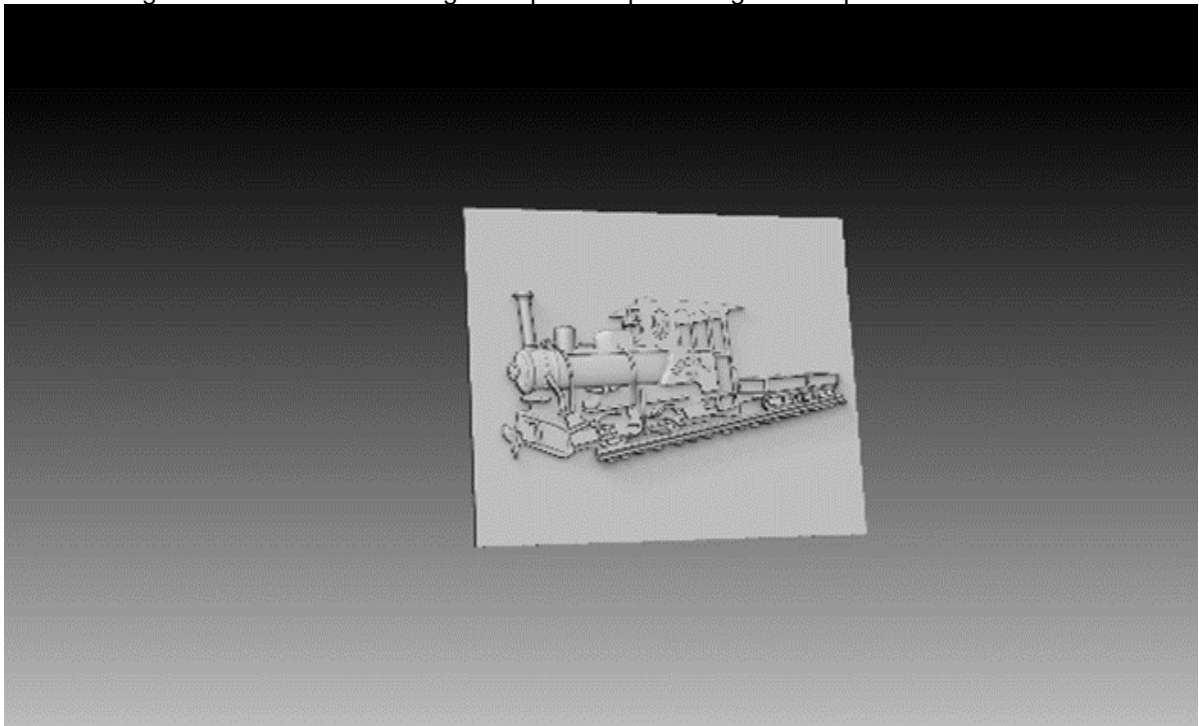
Figura 11 – Imagem capturada pelo fotógrafo 2 – professor – B. M. G.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 11: locomotiva preta com dois vagões, parada em estação simbólica, com a frente voltada para esquerda na imagem; na lateral do maquinário, o nome Bertióga 1927. Na lateral direita da locomotiva, construção de uma cobertura representando uma estação. À direita, os troncos de duas árvores. Ao fundo da imagem, várias árvores e uma construção na cor azul celeste, parte do céu na cor azul claro entre as árvores e a cobertura onde está estacionada a locomotiva.

Figura 12 – Recorte da imagem capturada pelo fotógrafo 2 – professor – B. M. G.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 12: imagem 3D, impressa em resina, de uma locomotiva, com a frente voltada para esquerda na imagem.

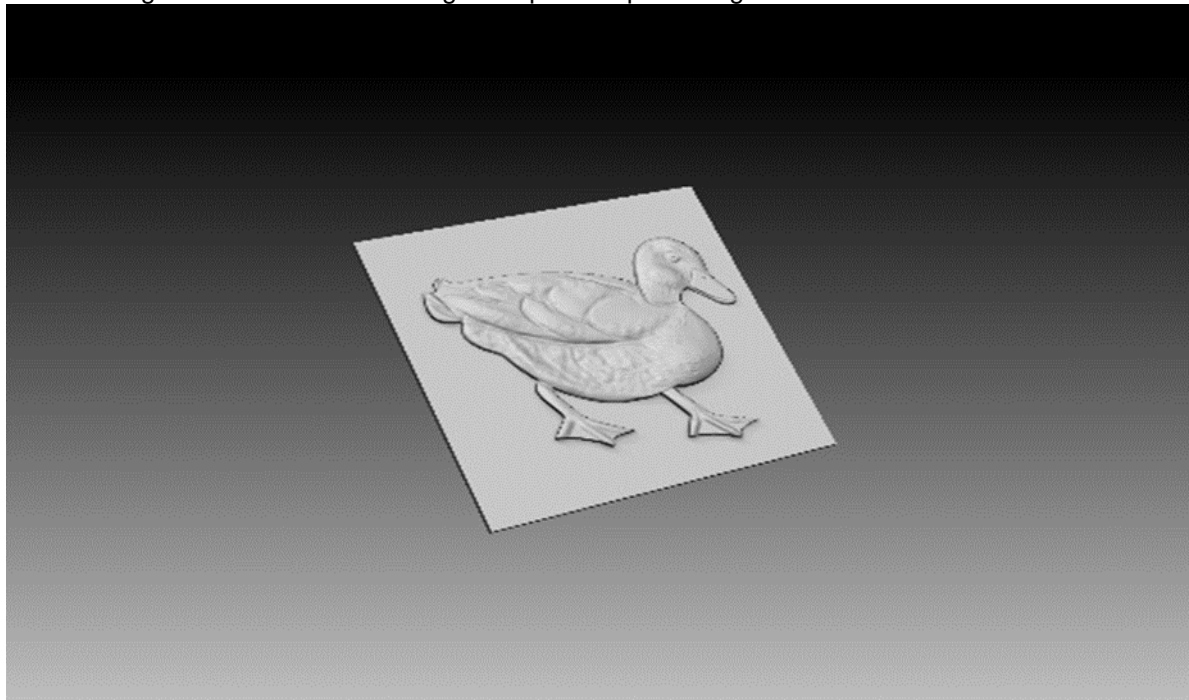
Figura 13 – Imagem capturada pelo fotógrafo 3 – estudante – E. J. S.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 13: três marrecos em um gramado verde, dois abaixados e apoiados sobre a grama e um em pé, virado para lateral direita; atrás dos marrecos, um galho caído sobre a grama. Ao fundo, uma cerca de madeira; e na lateral direita, um poste cilíndrico de madeira.

Figura 14 – Recorte da imagem capturada pelo fotógrafo 3 – estudante – E. J. S.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 14: imagem 3D, impressa em resina, de um marreco virado para lateral direita.

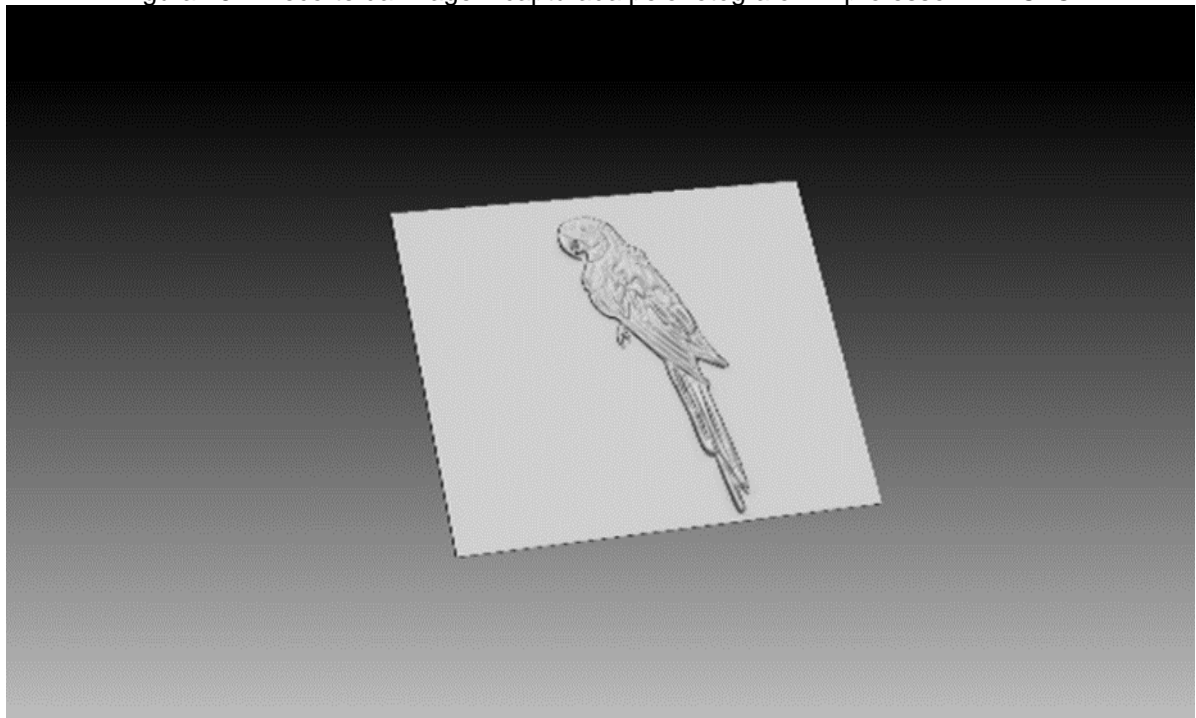
Figura 15 – Imagem capturada pelo fotógrafo 4 – professor – R. C. O.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 15: arara nas cores azul, preto, branco, amarelo e verde, encontra-se no viveiro, pousada no poleiro de madeira. À frente da ave, uma grade de ferro que contorna as laterais do viveiro; e nos fundos, parede de alvenaria.

Figura 16 – Recorte da imagem capturada pelo fotógrafo 4 – professor – R. C. O.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 16: imagem 3D, impressa em resina, de uma arara, voltada para a esquerda.

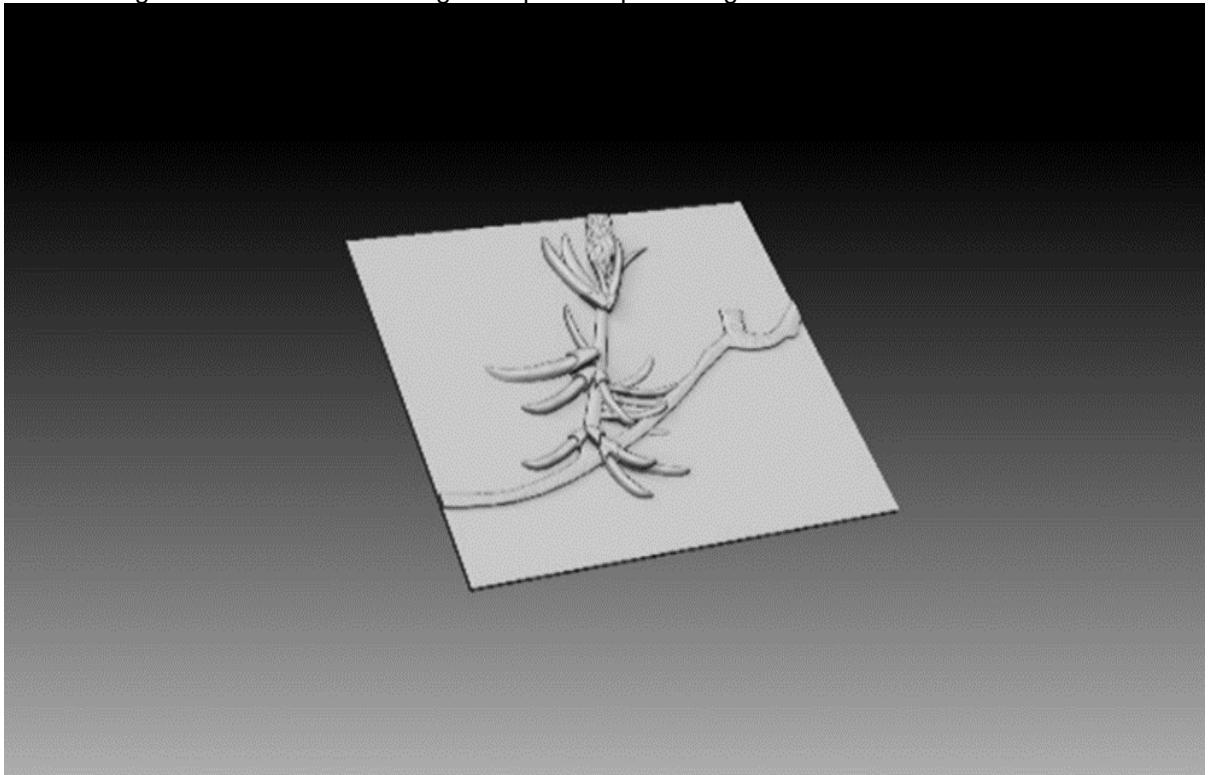
Figura 17 – Imagem capturada pela fotógrafa 5 – estudante – C. P. S. I.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 17: fotografia da planta Mulungu. Ao fundo, folhagem verde claro e flor vermelha em tamanho grande, centralizada.

Figura 18 – Recorte da imagem capturada pela fotógrafa 5 – estudante – C. P. S. I.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 18: imagem 3D, impressa em resina, da planta Mulungu centralizada.

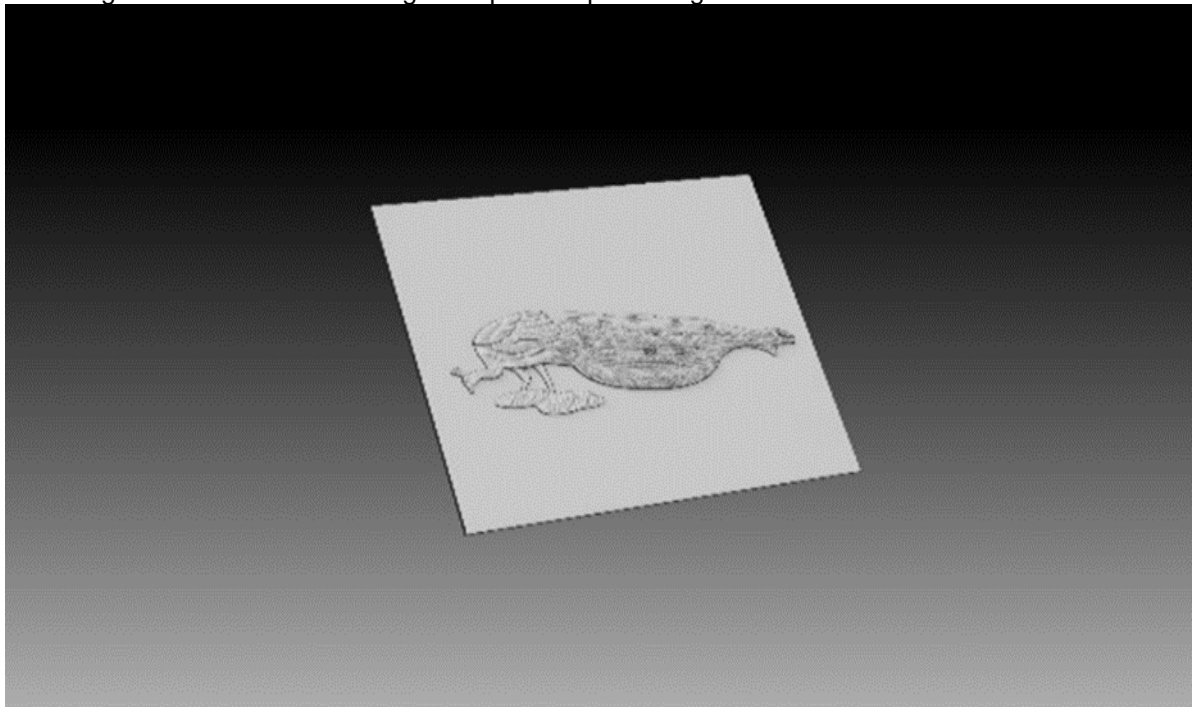
Figura 19 – Imagem capturada pelo fotógrafo 6 – instrutor de arte – P. S. I.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 19: pavão macho, nas cores verde, azul e branco, sobre a grama com o bico voltado para o solo e a calda encostada em um poste cilíndrico de madeira. Ao redor, grama e lago.

Figura 20 – Recorte da imagem capturada pelo fotógrafo 6 – instrutor de arte – P. S. I.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 20: imagem 3D, impressa em resina, de um pavão macho de perfil esquerdo, com o bico voltado para baixo e com a calda fechada.

3.1.4 Quarto encontro: impressão das fotos

A partir da impressão das fotos em 3D, os participantes ouviram a audiodescrição das imagens, fizeram a leitura em Braille, conheceram o recorte da imagem em 3D e modelaram as imagens fotografadas em massa plástica. Nos próximos encontros, do quinto ao décimo, realizamos as entrevistas com os participantes da pesquisa. Para tanto, foi necessário esclarecer sobre o tema e os objetivos; agendar com antecedência local e horário, garantindo as condições adequadas, mantendo a ética e a neutralidade. As respostas foram gravadas para ser registradas na íntegra e depois degravadas.

3.2 ETAPAS DA PESQUISA: DA ENTREVISTA

Terminada a etapa ligada à prática da fotografia, foi iniciada a de entrevista com os participantes da pesquisa, que obedeceu ao seguinte roteiro:

Roteiro de entrevista com o fotógrafo cego – professor

1. Fale um pouco sobre a sua trajetória de vida e a sua carreira profissional.
2. Como você escolheu ou como você chegou a essa profissão.
3. Como a cegueira começou?
4. Qual foi a sensação que você teve quando constatou que não enxergava ou não iria enxergar mais?
5. O quanto essa limitação foi uma barreira na sua profissão?
6. Fale da sua experiência com as fotografias descritas por terceiros.
7. Qual o sentido que você usou no ato de fotografar? Para fotografar é necessário reeducar os sentidos?
8. O que é uma imagem acessível para você?
9. Como você imagina as imagens das fotografias que você produz?
10. Qual é a percepção visual de cor que você possui?

Roteiro de entrevista com o fotógrafo cego – estudante

1. Fale um pouco sobre a sua trajetória de vida.
2. Como a cegueira começou?
3. Qual foi a sensação que você teve quando constatou que não enxergava

ou não iria enxergar mais?

4. Você exerce a profissão que escolheu?
5. O quanto essa limitação foi uma barreira na sua profissão?
6. Fale da sua experiência com as fotografias descritas por terceiros.
7. Qual o sentido que você usou no ato de fotografar? Para fotografar é necessário reeducar os sentidos?
8. O que é uma imagem acessível para você?
9. Como você imagina as imagens das fotografias que você produz?
10. Qual é a percepção visual de cor que você possui?

Com base nesses roteiros, iniciamos as entrevistas, que serão apresentadas nas subseções a seguir.

3.2.1 Quinto encontro: entrevista com participante 1 – N. B. S.

“Sou N.B.S. estudante, casada, tenho cinco filhos casados e netos, atualmente sou do lar. Eu não nasci cega, na verdade, nem conhecia as doenças em relação à cegueira. Aos trinta anos, eu comecei a perceber uma diferença, algo estranho na visão, fiquei alerta, pois a minha irmã também estava passando pela mesma situação e resolvi procurar um médico. Após a consulta e exames, foi diagnosticado Retinose Pigmentar. O especialista informou que era o ressecamento do óleo da retina e que eu deveria começar a me acostumar bem com a minha casa, pois com o passar do tempo iria perdendo a visão e eu me questionava como seria o processo que transformava o ser humano em cego. O meu mundo desabou, parecia que tinha aberto um buraco no chão e eu caí lá dentro; aquele dia foi muito triste, e eu não conseguia acreditar, pensava que o meu mundo tinha acabado, não aceitava a nova condição de um ser humano cego, fiquei em luto e só pensava no futuro, o que seria de mim. Mas o tempo vai passando, a aceitação vai chegando e, com ela, a vontade de viver, participar de projetos, conviver com outras pessoas que já aceitaram o ser cego e isso nos ajuda muito.

No que diz respeito à profissão, o meu sonho era fazer psicologia, mas acabei não fazendo e não exercendo a profissão. A deficiência, inicialmente, foi uma barreira na minha vida, mas aprendi a vencer obstáculos, fui estudar em uma escola especializada onde os profissionais me incentivaram muito nos estudos e na vida

diária. Fiz a opção por compartilhar os meus dons; canto louvores na igreja e incentivo outras pessoas com deficiência para desenvolverem os seus talentos. Já vivenciei momentos marcantes, como viajar de avião sozinha com o meu esposo, andar de bicicleta com o vento batendo no rosto e sentir a liberdade, entre outros. Precisamos que alguém acredite no nosso potencial e nos dê oportunidades de sonhar e executar, enfim, de viver.

A diretora da escola que frequento fica muito orgulhosa das nossas conquistas e eu fico muito orgulhosa também pelas oportunidades que não são perdidas para nos inserir na comunidade com igualdade de direitos. E, em 2022, veio a oportunidade de fotografar; recebi o convite da diretora da escola para fazermos fotografias que servirão de base para a escrita de seu trabalho acadêmico. Fiquei bastante ansiosa, pensava o tempo todo como fazia um fotógrafo cego para fotografar, mas também pensava que consigo lembrar das impressões imagéticas e tenho percepção visual de cor. Nesse momento, vamos fotografar, ouvir a audiodescrição das nossas fotos, ter contato com o Braille para ler sobre os detalhes da imagem, manusear um recorte da imagem acessível em 3D, que foi fotografada e concretizar em massa plástica. No meu entender, uma imagem acessível para o fotógrafo cego é quando tem audiodescrição feita por outra pessoa; ao fazer a leitura da descrição em Braille e o complemento que, no estudo que fizemos veio com a possibilidade de manusear parte da imagem acessível em 3D, o conjunto de ações nos permite fazer uma associação com a imagem fotografada.

Eu já fui enxergante, sendo assim, não tenho dificuldades para associar as impressões imagéticas às fotografias que faço, quando são acessibilizadas por outras pessoas, acabo trazendo para a memória a percepção visual de cor. E para capturar a imagem, fui usando os ouvidos para saber a direção do vento, fiz o clique e foi uma satisfação imensa, foi uma experiência abençoada. Durante o clique, todos os outros sentidos ficam em alerta, é um momento que todo o seu ser está envolvido, desejando o melhor ângulo, lembrando que, para o fotógrafo cego, o melhor ângulo é o que ele sente, além da visão e acredito que é uma sensação incrível exatamente por eu guardar as impressões imagéticas e a percepção visual de cor. As conquistas, como fotógrafo cego, comprovam a nossa eficiência, mesmo enxergando com os olhos do coração.

Eu sou uma pessoa muito feliz, estudante e casada pela segunda vez, com um professor de jiu-jitsu e informática, que também está tendo a experiência de

participar do ato de fotografar, sendo um fotógrafo cego. Estou sempre pronta para encarar os obstáculos que surgem e propagar a importância do apoio para as pessoas com deficiência, pois não é uma escolha e, sim, um fato. Nós não precisamos que façam por nós e, sim, que nos oportunize fazer. Não somos dependentes, nos deem espaço que mostramos o nosso potencial, as nossas habilidades, nos possibilitem a inclusão e nos deixem fazer as nossas escolhas” (N. B. S., 2022).

3.2.2 Sexto encontro: entrevista com participante 2 – B. M. G.

“Sou B. M. G., pedagogo, músico e deficiente visual. Eu nasci em 14 de agosto de 1980. Tenho 42 anos, sou casado e tenho 2 filhos. Eu comecei o meu processo inclusivo quando perdi a visão no dia 12 de outubro de 1990; foi aí que iniciou a minha jornada que seria além da visão, essa visão costumeira, nossa, que ganhamos quando nascemos. Primeiro, perdi a visão do lado direito, após uma batida na vista; foi uma dor muito forte. Pensei... será vou ficar cego? Tinha consciência de que um dia ficaria, pois ao nascer, foi diagnosticado Glaucoma Congênito e, após o acidente, fiquei com um sentimento muito ruim, ficava na minha casa, com dor e percebia tudo turvo, buscava memorizar as cores para não perder a percepção visual de cor. Meus vizinhos iam para as festas e eu ali, com a minha visão só apagando. Aos poucos, o lado esquerdo também foi afetado. Confesso foi uma sensação muito dolorosa, de medo, insegurança, de questionamentos sobre o meu futuro; o incentivo dos meus pais, mesmo em processo de separação, foi importantíssimo. Buscava criar impressões imagéticas impregnadas de percepção visual de cor para usar no futuro.

Perdi a visão e fui para escola especializada, para poder aprender o Sistema Braille e iniciando essa nova jornada na minha vida, passei pela alfabetização. Tinha outros estudantes com deficiência visual; naquela época, os professores ficavam juntando peças para ensinar quem tinha deficiência. Depois terminei o ensino médio, resolvi entrar em uma faculdade, encarando todas as realidades dentro de uma sociedade exclusiva. Uma sociedade de barreiras atitudinais, mas fui resiliente, lançava mão do que tinha registrado em relação às impressões imagéticas para seguir nos estudos. Tive o apoio da família, é indispensável, e fui galgando cada nível.

Depois que saí da faculdade de pedagogia, eu comecei a estudar para provas em concurso público; fiz os concursos e passei em três deles, fiz as minhas escolhas e fiquei em dois municípios. No decorrer dos anos, fui trabalhando, ensinando e

aprendendo. A deficiência visual não é barreira para eu desenvolver o meu trabalho, preciso apenas que me proporcionem a inclusão, respeitando as minhas especificidades.

Em 2013, eu resolvi alcançar outros níveis de conquista na vida; foi quando eu conheci o mercado financeiro. Separei dez por cento do meu salário e entrei comprando cem cotas de uma empresa; foi aí que iniciei a jornada como investidor, consegui dobrar o meu capital naquela época; foi quando eu conheci melhor o mercado financeiro. Em 2016, me aprofundei nessa jornada, com novos investimentos, comprando, aprendendo a operar de forma consciente no mercado, criei alguns projetos e um grupo, no qual fomos compartilhando e recebendo informações. O mercado financeiro tem altas e baixas e eu, atualmente, participo desse movimento, aprendendo e ensinando sempre, e trabalhando com a musicalização nas escolas especializadas em deficiência visual, atendendo a estudantes, de acordo com as suas especificidades.

No decorrer da minha jornada, eu aprendi também a tirar fotografias, ficava pensando como poderia ser um fotógrafo cego, estudava no Instituto Benjamin Constant, em 1996, quando ganhei de presente de aniversário uma câmera fotográfica para registrar os momentos lá. Fiquei muito contente, fotografei muitas coisas e percebi que eu tinha possibilidade de registrar momentos e lugares significativos na minha vida; poderia, sim, ser um fotógrafo cego.

Atualmente, tive a oportunidade de participar de uma nova sessão de imagens, para consolidar esse processo de fotografias feitas por fotógrafo cego, em parceria com a minha diretora, validando o seu produto de mestrado. Momento especial, me proporcionou abrir novos horizontes, buscando no meu cérebro as impressões imagéticas que guardo para associar as novas ideias de imagens criadas no momento. Com a minha participação, tive a oportunidade de ouvir a audiodescrição da imagem fotografada, fazer a leitura utilizando o Sistema Braille, manusear a impressão 3D. Ficou muito interessante a imagem acessível 3D, saindo do abstrato para o concreto. Consegui imaginar o que fotografei, graças à imagem acessível. A partir dessa experiência, posso afirmar que é possível uma pessoa cega imaginar o que ela fotografou; basta alguém proporcionar uma acessibilidade real, tornando a imagem acessível. Eu consigo imaginar as cores da imagem, ainda guardo a percepção visual de cor, porque enxerguei até 10-11 anos, e é possível criar as impressões imagéticas.

Eu participei do projeto e tirei as minhas fotos. Como fotógrafo cego adulto, foi uma experiência muito boa, uma experiência que marcou a minha vida e agradeço muito por ter participado desse projeto além da visão fotografando. Nesse projeto, eu utilizei a sensação, trabalhei o imaginário; esse abstrato fica na minha memória, é como sentir o sol, a música, o tato, percebemos e pronto. Aquilo está dentro de mim: as sensações, os momentos marcantes, penso que isso é gravado na memória como se fossem fotos, são as impressões imagéticas que ficam. O sentimento da lembrança do momento é como olhar para as imagens quando a pessoa enxerga e se forem imagens acessíveis facilita mais ainda a busca na memória, associando-as à percepção visual de cores.

Penso que precisamos reeducar os nossos sentidos, porque sempre resolvemos fazer algo novo, nos inspirar em Deus para seguir a caminhada, conseguimos ter a visão interior com a nossa imaginação para absorver as informações externas e conseguir enxergar além da visão. Espero, com toda essa experiência de vida de enxergante e depois de pessoa com deficiência visual, cego, que eu possa levar para frente, para outras pessoas, principalmente para a minha família e para meus filhos o otimismo, mostrar que não são os olhos físicos que nos impedem de vencer, mas, sim, o que nos impede de vencer é a ignorância, o vazio da alma, o escuro da alma e quando queremos, nós podemos, com fé em Deus, nós conseguimos através de uma visão que vem de dentro, uma visão que vem da vontade de vencer e nos leva longe, para cima, para o alto, como as águias que têm asas e voam livres diante do nascer do sol. Isso é ir além da visão” (B. M. G., 2022).

3.2.3 Sétimo encontro: entrevista com participante 3 – E. J. S.

“Eu sou E. J. S., nasci com catarata congênita, recebi os cuidados dos quatro aos nove anos, usava óculos e depois de nove anos descobri que tinha glaucoma, que é o aumento da pressão do globo ocular. Após uns dezenove anos, perdi a visão, a cegueira vem do glaucoma.

Quando descobri que ficaria cego, o sentimento foi de impotência. Eu fazia muitos esportes e inicialmente abandonei tudo. Depois de quatro anos, recebi um convite para fazer aulas experimentais e, entre as possibilidades, resolvi fazer a aula de jiu-jitsu, que é uma arte marcial japonesa, na qual usamos técnicas de mobilização. E, com a cegueira, veio a oportunidade de aprimorar a tecnologia assistiva, estudei o

sistema Dosvox e o curso de informática, que me proporcionaram o certificado de professor na área, porém, não exerço a profissão, porque na época não existia uma demanda para eu atender.

A cegueira não é uma barreira na minha vida profissional; caso venha exercê-la, eu tenho domínio total da tecnologia em computadores, celulares e notebooks, mesmo sendo cego e nem traz impedimentos para ser um fotógrafo. A minha experiência como fotógrafo cego foi inovadora e a audiodescrição feita por terceiros, dos locais e/ou objetos a serem fotografados me proporciona uma segurança e confiança para capturar a minha foto ideal. Busco trazer para a memória as impressões imagéticas e a percepção visual de cor que ainda guardo da época que eu não era cego. A minha imagem ideal, pensando como fotógrafo, é poder capturar algo que me fascina, que alguém descreve como encantador e eu sinta o desejo de eternizar em imagem e poder tocar na foto capturada, quando alguém consegue transformá-la em imagem acessível. O sentido que mais utilizo, como fotógrafo cego, é a audição e atenção para entender o que a outra pessoa está descrevendo e decidir o que eu quero fotografar, buscando no meu banco de dados, a percepção visual de cor e as impressões imagéticas que recordo. Penso que para ser um bom fotógrafo cego é necessário reeducar os sentidos para poder ter o foco. No meu ponto de vista, a imagem acessível é quando o fotógrafo cego tem acesso à audiodescrição feita por outra pessoa, a leitura da descrição em Braille e o contato com a imagem acessível em 3D, foi um momento muito bom, poder manusear um recorte da fotografia que fiz, em 3D. Consegui imaginar com detalhes a imagem que fiz como fotógrafo. Eu faço um desenho na minha mente, da cena que está sendo descrita, pois eu já enxerguei. Então, ainda guardo impressões imagéticas, é possível criar imagens mentais bem próximas da realidade. Tenho uma boa percepção visual de cores e quando uma pessoa fala sobre as cores do ambiente, já vem na mente, desse fotógrafo cego, a tonalidade que ouço. Quanto a estar cego, atualmente, tenho um princípio de que utilizo e deixo para as demais pessoas: ajude e faça o bem sem saber a quem, pois sabemos do nosso dia de hoje, o de amanhã você pode receber o bem que espalhou” (E. J. S., 2022).

3.2.4 Oitavo encontro: entrevista com participante 4 – R. C. O.

“Eu, R. C. O., sou cego, professor, pedagogo e quando estudante, sempre gostei de ajudar os amigos nas questões em que tinham dificuldades. Sempre me

procuravam para que eu pudesse auxiliá-los em alguma tarefa. Então, quando comecei a pensar em qual profissão seguir, mediante as facilidades que tinha em mãos, resolvi estudar pedagogia. Quando era criança, queria seguir na área da veterinária, biologia, algo do tipo. Porém, os obstáculos a serem vencidos nessas áreas são imensos, quase que era impossível. Então, resolvi deixar como hobby e seguir outro caminho, que até então, vem dando certo.

Nasci com glaucoma congênito. Fui baixa visão até mais ou menos 4 a 5 anos de idade. Até que, mesmo passando por várias cirurgias, entre Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, acabei por ficar cego. Como tinha baixa visão, em uma idade muito tenra, não tive dificuldades, pois a baixa visão mais atrapalhava que ajudava. Então, não tive problemas quanto a ficar cego. A limitação foi uma barreira na minha profissão, mais na questão de materiais acessíveis, pois sempre tive a tecnologia a meu favor.

E por falar em tecnologia, ao ser convidado para fazer parte do projeto com fotografias para organização de um produto educacional, aceitei com satisfação, pois já tenho experiência com vídeos. Para ter acesso às imagens fotografadas, a outra pessoa precisa saber descrever a foto de forma correta, sem expor seu pensamento e, sim, como ela realmente é; assim eu consigo imaginar o cenário. Gosto de fotos, porém, tenho preferência pelos vídeos, onde, junto com a imagem, capturo o som, e assim é preenchido o vazio deixado por apenas uma imagem.

Para o fotógrafo cego, capturar uma imagem é preciso ter atenção. Usar a noção espacial, noção de direção ao tentar focar o alvo, que está em nossa frente. É preciso ter uma boa orientação e principalmente bom equilíbrio para não tremer as mãos. No meu caso, como sou acostumado a gravações de áudio e vídeo, para mim, não foi tarefa difícil; preciso apenas de alguém para falar sobre o cenário e eu faço as minhas escolhas, recorrendo às impressões imagéticas e à percepção visual de cor que guardo na memória.

Para a foto que capturo ser uma imagem acessível, é necessário ter as informações de como ela realmente é. Qual é a cor, o formato dos objetos, enfim, o que está realmente sendo exibido, em detalhes, para facilitar a compreensão do fotógrafo cego. Dessa maneira, eu, como fotógrafo cego, imagino como realmente são as imagens, pois eu procuro focar no objeto a ser registrado e lembrar das cores básicas de quando enxergava. Ainda guardo na memória essa percepção de cor.

Claro que não com a mesma vivacidade de quando era criança, mas ainda tenho boas impressões imagéticas e a percepção visual de cor.

Participando desse projeto, foi possível transcorrer um caminho que perpassou por explicações, ida ao local escolhido, fotografar, ouvir a audiodescrição, fazer a leitura em Braille sobre a imagem, manusear o recorte da imagem acessível em 3D, concretizar em massa plástica. Percebi que a imagem acessível em 3D ficou muito legal, consegui identificar o que fotografei. A ideia é interessante e fica mais representativa, podendo associá-la às impressões imagéticas e percepção visual de cor que guardamos quando fomos enxergantes” (R. C. O., 2022).

3.2.5 Nono encontro: entrevista com participante 5 – C. P. S. I.

“Sou C. P. S. I., já nasci com a Retinose Pigmentar e tinha um bom resíduo visual. Eu fazia um tratamento com especialista no Rio de Janeiro, no Hospital Menino Jesus. A oftalmologista, vendo que não teria regressão em relação à Retinose Pigmentar, me encaminhou para o Instituto Benjamim Constant (IBC). Meus pais foram conhecer a escola para depois efetivar a matrícula. Estudei durante catorze anos, ficando ausente durante dois anos para cuidar da saúde. No IBC, aprendi tudo que eu não aprendi em casa, pois os meus pais me protegiam demais. Participei da escolarização e de todas as atividades que ofereciam na época, tendo uma base muito consolidada para a minha vida futura.

Quando eu me casei, já tinha aprendido sobre como cuidar de mim e da minha casa. Tive os meus dois filhos com diferença de um ano e quatro meses, mas devido à formação global que me foi proporcionada, eu consegui cuidar de mim, dos filhos enxergantes, do marido cego e da casa sem necessitar de ajudas externas. A Retinose é muito ingrata; hoje, você consegue enxergar um determinado objeto, em uma semana ou um mês, você já não enxerga mais os detalhes, vai perdendo a visão gradativamente, é uma sensação desesperadora para imaginar o que vem no futuro.

Eu não exerço a profissão escolhida atualmente, por problemas de saúde, fiz magistério, percebo que a deficiência não me incapacita para exercer a função, mas a verdadeira inclusão do profissional com deficiência, cego, ainda hoje, é complexa. Mesmo você tendo percepção das suas habilidades, é preciso que o outro acredite no seu potencial e dê a oportunidade para a sua inserção no exercício da função escolhida.

Como fotógrafa cega, quando a fotografia se transforma em imagem acessível, ao serem descritas por outras pessoas, detalhando sem colocar a sua avaliação pessoal, dizendo as cores, eu imagino a cena perfeitamente porque já fui enxergante e tenho memorizada a percepção visual de cor. Para fotografar, dependendo do momento, da cena ou objeto, posso utilizar o tato ou a audição, que vão me auxiliar na opção do ângulo e na escolha do que desejo transformar em imagem. Para o fotógrafo cego, na arte de fotografar é necessário reeducar os sentidos, concentrar e ter mais atenção para não perder o foco.

Uma imagem acessível é quando alguém faz a audiodescrição e possibilita a acessibilidade para o fotógrafo cego, principalmente quando ele tem na sua mente a percepção visual de cor para recorrer. Outra forma é a leitura em Braille e, com esse estudo, aprendi que a imagem acessível em 3D também nos facilita o entendimento da imagem capturada.

Quanto à imagem acessível em 3D, assim que peguei, já identifiquei a planta que fotografei, percebi as flores e folhas e avalio que a imagem acessível em 3D facilita a percepção do que fotografamos, o que proporciona ao fotógrafo cego imaginar o objeto ou cena, principalmente se ele guarda impressões imagéticas de quando era enxergante. Consigo imaginar as fotografias que faço, quando descritas por alguém, similar às pessoas enxergantes, pois até os vinte anos eu enxergava e tenho guardado impressões imagéticas das formas, objetos e a percepção visual de cor que fizeram parte da minha vida e acredito que esses pontos fazem muita diferença para o fotógrafo cego” (C. P. S. I., 2022).

3.2.6 Décimo encontro: entrevista com participante 6 – P. S. I.

“Sou P. S. I., instrutor de Artes, músico instrumentista e estudei no Instituto Benjamin Constant, onde fiz diversos cursos relacionados à Arte, o que me possibilitou almejar uma profissão neste contexto. Então, tendo terminado os meus estudos, retornei para a cidade em que minha família residia e imediatamente fui procurando emprego. A princípio consegui um contrato temporário com a Fundação Beatriz Gama e, posteriormente, fiz concurso público no qual fui investido na carreira de Instrutor de Arte. Todavia, como eu sempre me interessei em expandir meus conhecimentos, fiz alguns cursos voltados à Tecnologia Assistiva e Informática, os quais me habilitaram

a também interagir por algum tempo como instrutor de Informática na escola em que trabalho.

Nasci cego de ambos os olhos por ter Glaucoma congênito. Quando eu era criança, não tinha noção do que era enxergar ou não enxergar, acredito que essas sensações ficaram mais evidentes a partir do momento que comecei os estudos. Com o contato com outras pessoas, percebi que elas faziam algumas coisas que eu não podia fazer. Minha mãe falava, mas o sentir a diferença mesmo, o entendimento de ser cego, só foi com a prática. A sensação mais forte foi a de conformismo, pois não havia o que fazer para mudar a condição de cego. E como nunca enxerguei, não tenho lembranças de impressões imagéticas e nem percepção visual de cor, eu posso imaginar os fatos e fazer uma ideia quando nos proporcionam uma imagem acessível.

A carreira de Artes tem algumas limitações sendo cego, mas a influência maior diz respeito à resistência dos meus instrutores na época, por acreditarem que a cegueira me tirava a liberdade de poder exercer as atuações, o que foi mostrado com a minha persistência que não existem limitações para quem tem interesse, motivação e vontade de realizar os sonhos. A descrição das imagens feitas por outras pessoas é de extrema importância para o fotógrafo, porém, quando nunca enxergamos, o abstrato é muito difícil. Eu, com base no que estabeleci como banco de memória, consegui atingir o meu objetivo como fotógrafo cego, mas não posso dizer que o foco de um fotógrafo cego é o mesmo que têm as pessoas enxergantes. No meu caso, as impressões imagéticas que tenho podem não corresponder ao que existe de concreto ao meu redor.

Como fotógrafo, eu uso um conjunto de sentidos, destacando o tato, lateralidade, audição e ter consciência do local que estou. Acredito que todos os sentidos devem estar bem enraizados e serem trabalhados com o fotógrafo, durante o aprendizado da arte de fotografar. Assim, podemos ter ciência se nos falta aprimorar algum sentido. A imagem acessível, no meu entender, é quando eu tenho a oportunidade de ouvir a audiodescrição ou fazer a leitura em Braille do que fotografei. Avalio que a imagem acessível em 3D aproxima o fotógrafo cego do conteúdo da sua fotografia, mas não contempla os detalhes, pois a mesma nem sempre está do tamanho original, porém, nos permite aproximar a imaginação da cena, objeto ou pessoa contemplada, mas não consigo fazer uma relação com outras impressões imagéticas, por nunca ter enxergado. Eu, como cego total, não imagino cor, não consigo definir o que é cor, não tenho percepção visual de cor, na verdade, eu posso,

através de informações, projetar algo aproximado, mas penso que faço uma contextualização e não tenho percepção visual de cor” (P. S. I, 2022).

Nessa etapa de aplicação das entrevistas surgiram conversas destacando a construção histórica da E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha, que foram valorizadas e serão mencionadas na Discussão de Resultados, seção em que será apresentada a análise do resultado das respostas das entrevistas.

No processo anterior à criação do produto, foi feito um levantamento na escola especializada entre os estudantes e profissionais, para verificar o interesse em participar da pesquisa. Após a realização do convite, reuniram-se todos os participantes para identificar as dúvidas em relação ao TCLE e ao desenvolvimento da pesquisa. Para a inclusão dos participantes, foram considerados como critérios: ser estudante ou professor com cegueira total (adquirida ou congênita), vinculado à Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha; demonstrar interesse em relação à fotografia e confirmar conhecimento com a arte de fotografar, apresentando foto realizada por cada participante.

Em seguida, realizou-se um encontro quando foi esclarecido sobre a teoria e a prática no ato de fotografar, com explicações e manuseio das máquinas. Logo após, foi realizada a escolha do local onde seriam feitas as capturas das fotos.

Durante a visita guiada ao zoológico da cidade, a pesquisadora fez a audiodescrição do local (lago, praça de alimentação, brinquedos, locomotiva, quiosques, animais, plantas e aves), para propiciar as escolhas de capturas de imagens. Posteriormente à apresentação e às escolhas, todos fotografaram, e o momento foi encerrado com um lanche no espaço de alimentação.

Posteriormente, as imagens foram impressas em tinta e 3D, usando a técnica SLA (estereolitografia). A partir disso, os participantes ouviram a audiodescrição, fizeram a leitura em Braille, conheceram o recorte em 3D e modelaram as imagens fotografadas em massa plástica.

Os passos seguintes ficaram a cargo das entrevistas que foram registradas anteriormente nesta seção. As respostas foram gravadas para serem registradas na íntegra e depois deglavadas para fazerem parte da pesquisa. Na ocasião, os fotógrafos fizeram a audiodescrição afetiva das imagens capturadas.

4 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar um produto inovador e inclusivo desenvolvido com o propósito de contribuir com a acessibilidade do ato de fotografar pelas pessoas com deficiência visual (cegueira).

4.1 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

Durante o desenvolvimento da pesquisa até a construção do produto, constatou-se que a inclusão da pessoa com deficiência visual está diretamente relacionada à condição de respeito, pois foi um processo que visou a proporcionar a igualdade de oportunidades e o respeito às especificidades de cada participante, garantindo que todos pudessem participar livremente do ato de fotografar, sentindo-se incluídos na pesquisa. Referenciando a palavra incluir, de acordo com os registros de Sartoretto (2006):

Se consultarmos o dicionário, verificamos que a palavra Incluir significa compreender, abranger, fazer parte, pertencer, processo que pressupõe, necessariamente e antes de tudo, uma grande dose de respeito. A inclusão só é possível lá onde houver respeito à diferença e, conseqüentemente, a adoção de práticas pedagógicas que permitam às pessoas com deficiências aprender e ter reconhecidos e valorizados os conhecimentos que são capazes de produzir, segundo seu ritmo e na medida de suas possibilidades. Qualquer procedimento, pedagógico ou legal que não tenha como pressuposto o respeito à diferença e a valorização de todas as possibilidades da pessoa deficiente não é inclusão (SARTORETTO, 2006, p. 273).

O tema inclusão, durante a pesquisa, também significou reconhecer e defender as habilidades e competências dos fotógrafos cegos, oferecendo-lhes as condições necessárias para desenvolverem o seu potencial e apresentar para a sociedade as suas criações em arte educação. Salienta-se, nesse processo, a acessibilidade, considerada como uma necessidade básica, e na pesquisa foi proporcionada com o uso da audiodescrição da imagem impressa em Braille, com recorte da imagem impresso em 3D, confecção do objeto de referência em massa plástica, entre outras estratégias. Nesse sentido, Queiroz (2007) contribui com o registro, com um parecer sobre a palavra acessibilidade:

Em geral essa palavra não está sozinha, vem contextualizada de conceitos técnicos ou práticos, normalmente associados a pessoas com deficiência. Sua aplicação, de fato, teve origem na necessidade da transposição dos

obstáculos arquitetônicos que impediam e impedem o acesso de pessoas com deficiência a lugares de uso comum e público. Mas, ao longo do tempo, o conceito de acessibilidade assumiu dimensão mais ampla. Qualquer tipo de barreira para qualquer pessoa, mesmo sem deficiências ou apenas com limitações temporárias, passou a ser relacionado à acessibilidade. [...]. Hoje, na prática, acessibilidade diz respeito à qualidade ou falta de qualidade de vida para todas as pessoas (QUEIROZ, 2007, p. 1).

Para esta pesquisa, portanto, buscou-se garantir as mesmas oportunidades para todos, sendo a acessibilidade um direito das pessoas com deficiência. Na construção do *e-book*, procurou-se contemplar vários aspectos que foram estudados durante o desenvolvimento da pesquisa com os fotógrafos cegos. Entre eles:

- igualdade de oportunidades: o trabalho com a fotografia inclusiva garante aos participantes cegos as mesmas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento da tarefa que os fotógrafos enxergantes, promovendo a interação social e o desempenho de habilidades socioemocionais;
- respeito e valorização: quando existe o reconhecimento da capacidade de aprender e se desenvolver que têm as pessoas cegas, isso promove a autoestima e a autoconfiança dessas pessoas, que passam a se sentir mais seguras e confortáveis para fotografar;
- desenvolvimento de competências: a fotografia inclusiva promove as melhorias nas competências, como a empatia, a comunicação, a criatividade e adaptação ao novo.

O trabalho com a fotografia inclusiva garante a acessibilidade, a igualdade de oportunidades, a diversidade, o respeito e a valorização das pessoas com deficiência visual, promovendo o seu desenvolvimento profissional, socioemocional e pessoal, preparando-os para lidar com a diversidade na sociedade. Refletindo sobre a acessibilidade de leitura para as pessoas com cegueira, foi feita a opção pelo *e-book* que oportuniza uma leitura digital, diminuindo os desafios que esse público encontra para acessar outras informações escritas.

Sobre este formato de livro – *e-book*, Silva e Bufrem (2001) observam que:

O livro, acompanhando as profundas transformações nos procedimentos de produção, sofreu mudanças, tanto na sua forma física, quanto na sua concepção e nos modos de uso. Entre os diferentes produtos criados com recursos da informática, o livro eletrônico, em língua inglesa *e-book*, vem afetando uma história de cinco séculos da hegemonia do impresso (SILVA; BUFREN, 2001, p. 1).

O *e-book* oferece vantagens para a leitura das pessoas com deficiência visual, pois são acessíveis digitalmente, podendo ser lidos em dispositivos eletrônicos, como tablets, smartphones, computadores, entre outros. Esses dispositivos podem ser equipados com tecnologia de leitura de tela, permitindo ouvir o texto.

Outro benefício do *e-book* é que o tamanho da fonte e o contraste podem ser ajustados de acordo com as preferências do usuário, tornando a leitura mais confortável e acessível. Além disso, o *e-book* pode ser lido em diferentes idiomas. Pensando na praticidade, o *e-book* também pode ser baixado instantaneamente a partir da internet, evitando a ida até a biblioteca ou livraria para fazer a leitura em Braille.

4.2 CONSTRUÇÃO DO PRODUTO

O trabalho com artes, na E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha, ganha novas possibilidades que, até então, tinha como destaques a música e a rádio novela. A fotografia vem como um rompimento de barreiras, possibilitando à pessoa cega ter acesso às imagens que estão ao seu entorno, proporcionando novas possibilidades para a sua habilitação e reabilitação. Com a finalidade de contribuir com a melhoria da qualidade de vida e a inclusão social das pessoas com deficiência, possibilitando ampliar os conhecimentos e vivências, foi idealizado um *e-book* para colaborar com a acessibilidade ao ato de fotografar pelos estudantes e profissionais cegos.

As contribuições registradas no *e-book* surgem da inquietação com o desafio investigado. Por mais inusitado que seja, é comum pessoas cegas sentirem vontade de fotografar e experimentar o registro diverso: fotografar-se, fotografar outras pessoas, lugares ou objetos. Porém, no cotidiano, essas práticas não são oferecidas nem proporcionadas às pessoas cegas. Existe uma crença de que pessoas cegas não querem ou não podem desempenhar o exercício de fotografar. Fotografar é uma arte que não depende só da visão.

O material aborda os procedimentos no desenvolvimento da pesquisa, como as experiências ocorridas durante a aplicação do projeto, imagens dos participantes e suas produções e os registros sobre a proposta da fotografia feita pela pessoa cega. Ao conceber a ideia do *e-book*, alguns pontos foram sendo criados, como: a validação do tema e do título que estão em consonância com o assunto aprofundado durante o curso; conhecer as principais necessidades de acessibilidade para uma pessoa com

cegueira fotografar; definir os conteúdos para organização do *e-book*; escrever sobre o tema proposto; mostrar os exemplos de fotografias realizadas por fotógrafos cegos que fizeram parte da pesquisa.

Em relação à acessibilidade, para a leitura do *e-book*, pensou-se na possibilidade de incluir recursos visando a garantir que o conteúdo possa ser lido e compreendido por todos que quiserem acessá-lo. Entre os recursos analisados, ressaltam-se:

- título descritivo que delinear com precisão o conteúdo que segue;
- formatação adequada, incluindo a utilização de fontes de fácil leitura, tamanho de fonte, espaçamento e margens, bem como outras características que ajudam a tornar o conteúdo mais fácil de ler;
- texto em formato apropriado, que permite o uso de programas de leitura de tela ou extensão de tela para acessar o conteúdo com facilidade;
- links no sumário para que os usuários possam entender para onde será transportado e se é relevante para o conteúdo que está procurando;
- as descrições das fotografias precisam ser realizadas de forma clara e concisa, expondo as principais características das imagens, organizadas de forma lógica;
- contextualização das fotografias com o assunto do *e-book*;
- registro das estratégias utilizadas pelos participantes da pesquisa para fotografar.

Para atingir a proposta do *e-book*, os conteúdos foram organizados em capítulos:

- ✓ Capítulo I – composto por: imagens capturadas – descrições feitas pela autora – recorte das imagens em 3d com descrições – descrições afetivas feitas pelos fotógrafos cegos.
- ✓ Capítulo II – depoimentos dos fotógrafos – constituído pelos seguintes assuntos: fotografia acessível – impressões imagéticas – percepção visual de cor.
- ✓ Capítulo III – organizado com as informações: o uso dos sentidos para fotografar.
- ✓ Capítulo IV – consta dos registros sobre as estratégias propostas para as fotografias feitas pelos participantes.

Depois de definir as etapas, escrever e selecionar as melhores formas de acessibilidade, fazer a diagramação e inserir as ilustrações, o *e-book* foi testado e avaliado pelos participantes da pesquisa para garantir que a acessibilidade atenda às especificidades das pessoas com cegueira.

4.3 Avaliação do produto

Quadro 2 – Avaliação da participação e repercussão do produto

Participantes	Questões abordadas	
	Participar dessa pesquisa e ter a fotografia feita por você inserida em um <i>e-book</i> digital, contribuiu para a melhoria na qualidade de vida e na sua inclusão social?	O <i>e-book</i> digital vai contribuir para ampliar os conhecimentos sobre as experiências e vivências das pessoas cegas?
Estudante – N. B. S.	“Participar da pesquisa foi muito bom, acabei descobrindo coisas que eu não conhecia e não sabia que tinha capacidade para fazer, como exemplo usar a sensibilidade para reconhecer parte da imagem capturada, impressa em 3D. Fiquei muito feliz com a acessibilidade, me permitindo fazer uma imagem mental. Foi mais um obstáculo vencido, melhorando a minha qualidade de vida e a inclusão social”.	“Sem dúvida, o <i>e-book</i> vai contribuir para ampliar os conhecimentos sobre o ato de fotografar para as pessoas cegas. As nossas experiências serão como luzes para quem deseja fotografar e nunca ousei por acreditar que não era capaz”.
Professor – B. M. G.	“Sem dúvida, participar da pesquisa contribuiu com a minha inclusão e com a melhoria da minha qualidade de vida. Me fez aproximar a minha história das histórias de outras pessoas, o que vai acontecer quando lerem as minhas contribuições. Cada foto que fizemos tem uma história única, cada uma trazendo os sentimentos e vivências da pessoa que capturou a imagem”.	“Eu acredito que o <i>e-book</i> vai contribuir muito com a inclusão e ampliação dos conhecimentos das pessoas cegas sobre fotografias, pois com os nossos exemplos, elas vão se interessar sobre o tema e perceber que também tem esse direito”.
Estudante – E. J. S.	“Na minha opinião, participar dessa pesquisa, contribuiu	“O <i>e-book</i> é excelente para contribuir com os

	sim para a melhoria da qualidade de vida e na nossa inclusão social, pois podemos ampliar os estudos e sermos profissionais fotógrafos”.	conhecimentos e vivências das pessoas cegas pois permite que a pessoa navegue com facilidade”.
Professor – R. C. O.	“Sim, ter participado da pesquisa, possibilitou uma melhora na qualidade de vida e a inclusão, pois podemos mostrar para a sociedade que é algo possível um cego manipular e operar, mesmo que de forma mais simples, uma máquina fotográfica e fazer registros”.	“Sim, o <i>e-book</i> vai contribuir, pois as outras pessoas saberão que é possível fotografar mesmo sem estar vendo, se orientando através dos sons ao redor, o som do foco em que se deseja mirar e com a acessibilidade promovida por outras pessoas”.
Estudante – C. P. S. I.	“Participar da pesquisa melhorou a minha qualidade de vida, pois, através dessa iniciativa, percebi que, mesmo sem enxergar, posso fotografar e até mesmo ver minhas fotografias reveladas e assim, me sentir incluída no contexto social”.	“Sim, através do acesso à esse <i>e-book</i> , as pessoas cegas vão poder conhecer a nossa experiência, o que trará maior segurança e estímulo para fazerem as suas próprias fotografias”.
Instrutor de arte – P. S. I.	“Penso que a pesquisa foi um dos meios de inclusão social e melhoria da qualidade de vida, pois venci algumas dificuldades e mostrei as minhas capacidades”.	“Sim, pois, através deste <i>e-book</i> , as pessoas cegas que tiverem acesso a ele, se sentirão amparadas e estimuladas a fotografar, com mais segurança e autonomia, se despreendendo do antigo pensamento de que uma pessoa cega, porque não vê, não pode fazer uma fotografia”.

Fonte: autoria própria

4.3.1 Testando o e-book digital

A avaliação do e-book é fundamental para promover a inclusão digital, garantir o acesso à informação e proporcionar oportunidades iguais de aprendizado e lazer para todas as pessoas, bem como para analisar a sua acessibilidade. Um e-book acessível é aquele que é projetado levando em consideração as necessidades e os requisitos específicos dos leitores. A partir da avaliação, é possível identificar barreiras de acesso e fazer ajustes necessários para garantir uma experiência inclusiva, nesse caso, no intuito de promover a igualdade de oportunidades e o direito de as pessoas com deficiência visual terem acesso à informação, à literatura e ao conhecimento ao usufruírem dos benefícios da leitura digital.

Ao construir o e-book acessível, foram observadas algumas questões que nos permitiram aprimorar a criação:

Inicialmente o e-book foi desenvolvido com Adobe InDesign em formato digital, pensando na acessibilidade do usuário que lê livros no celular. Finalizado para PDF, permitindo o compartilhamento seguro da obra pois é o arquivo mais utilizado para documentos.

Ao ser utilizado os recursos de acessibilidade, foi encontrado um problema na descrição automática das imagens, embora tivesse logo a seguir uma descrição feita pela autora.

Diante da questão desafiadora, converteu-se o PDF para o Word, fazendo os ajustes necessários e assim foi possível excluir a descrição automática.

Após os ajustes, foram feitos vários testes por um professor revisor, com leitores de telas diferentes e todos responderam bem, tanto em dispositivos móveis quanto em computadores, dando pleno acesso ao conteúdo.

A avaliação do e-book pelos participantes da pesquisa foi realizada após os testes com o professor revisor e será apresentada no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Avaliação do e-book

Participantes	Avaliações
Estudante – N. B. S.	Para mim foi uma grande felicidade e satisfação participar dessa pesquisa porque às vezes eu chego a pensar que sou limitada em algumas coisas e em outras vezes, penso que tem algumas atividades que são somente para pessoas que já sabem, já conhecem, para participar ou dar suas

	<p>opiniões.</p> <p>Com a minha participação na pesquisa, e agora avaliando o e-book, eu consegui compreender que fotografar é para a pessoa com deficiência visual também.</p> <p>Entendi que através das fotos conseguimos ir ao infinito da imaginação, quanta riqueza foi criar a história afetiva do que fotografei, e pensar que eu estava enganada, foi um renascer, me sinto uma nova criatura, reconheço através da pesquisa e do e-book que somos capazes, deficientes eficientes. Ser uma participante desse trabalho me levou para lugares que eu nunca imaginava, consegui através das minhas mãos ter algo que mudou a minha vida, foi mais um obstáculo retirado da minha vida, agora, com a avaliação do e-book eu passo a pensar que somos iguais, não tem ninguém melhor ou pior, a inclusão veio mostrar que nós podemos fazer a mesma atividade que as pessoas enxergantes e com a tecnologia, consigo ler, sentir e avaliar esse trabalho inclusivo.</p> <p>O e-book destaca muitas coisas que eu consigo reviver, pois já fui enxergante e consigo desenhar, criar a história na minha mente, penso que eu perdi a visão e não o sentido de viver, nós podemos sonhar, imaginar, criar e a avaliação desse e-book foi uma oportunidade de reviver todos os momentos que estivemos juntos, e uma possibilidade de ter certeza que a minha falta de visão não me impede de fazer nada, de conhecer as novidades, pois eu posso desejar e criar o que eu sonhar, eu posso abrir novos horizontes, receber instruções e concretizar, renascer e continuar a caminhada.</p> <p>Ao ser convidada para participar, eu coloquei dúvidas na minha capacidade, mas com a confiança da pesquisadora, eu vi que com isso, abriu-se uma nova porta na minha vida, pois ainda tenho sonhos de realizar muitas coisas na minha vida e saio dessa avaliação com as palavras “eu posso”.</p> <p>Quando analiso o e-book, não ficam dúvidas, percebo que a forma como foi passado para nós e como participamos da pesquisa, e hoje, como está sendo apresentado o resultado para as pessoas com e sem deficiência, eu só posso agradecer a Deus e a professora pesquisadora pela oportunidade de vivenciar esse momento na minha vida. Gratidão pela possibilidade de viver além da visão!</p>
--	--

Professor – B. M. G.

Penso que avaliar o e-book acessível para pessoas com deficiência visual é de extrema importância, pois permite verificar se o conteúdo está sendo apresentado de forma inclusiva e adequada. Alguns aspectos relevantes a serem considerados incluem a presença das descrições das imagens, que é essencial para fornecer uma experiência mais completa e concreta. A descrição permite que os detalhes das imagens sejam transmitidos, permitindo que as pessoas com deficiência visual tenham acesso a informações visuais de maneira mais imersiva.

Além disso, a inclusão de fotos 3D é uma excelente forma de levar as informações para o imaginário do fotógrafo cego. Essa tecnologia proporciona uma experiência sensorial diferenciada, permitindo que o usuário sinta-se mais conectado com o tema proposto.

Também penso na importância de valorizar a experiência vivenciada diretamente com as plantas, animais e aves no zoológico. Conhecer e experimentar as sensações e poder registrar na memória e através da captura de imagens do tema escolhido, ajuda a construir uma narrativa mais rica e significativa, proposta esta registrada no e-book por meio da descrição afetiva dos participantes.

Outro aspecto que vi como relevante no e-book é a possibilidade de abrir portas para outras pessoas com deficiência visual e quebrar o preconceito de que cegos não podem fotografar. Essas possibilidades são fundamentais para inspirar e encorajar outras pessoas a explorarem suas habilidades e acreditarem em seu próprio potencial.

É importante ressaltar que, mesmo que não consiga enxergar com os olhos físicos, as pessoas com deficiência visual têm a sua própria forma de ver o mundo e tem lembranças e memórias que são guardadas no seu interior. E esse e-book pode ser uma forma de compartilhar essas vivências e experiências com o público em geral, promovendo uma maior compreensão e inclusão social, pois retrata as experiências e vivências de seis pessoas que não enxergam, mas acreditam em seu potencial e são capazes de realizar aquilo que desejam em suas vidas.

No e-book, a escrita e a acessibilidade estão em consonância com as particularidades das pessoas com deficiência visual poderem usar os recursos

	tecnológicos que dominam, isso garante que o conteúdo seja compreensível, envolvente e inclusivo para todos os leitores.
Estudante – E. J. S.	<p>Na minha opinião o e-book ficou muito bom, principalmente a parte artística, a descrição ficou excelente, é como se eu estivesse vendo tudo, ficou com uma riqueza de detalhes, perfeito e totalmente acessível.</p> <p>O e-book ficou preparado para a pessoa com deficiência visual navegar e sentir a emoção que nós sentimos ao fazer esse trabalho.</p> <p>A dedicação das pessoas enxergantes em nos mostrar como preparar a câmera e irem fazendo a audiodescrição de tudo, foi um momento de grande emoção, e essa mesma emoção estou sentindo agora, ao avaliar o e-book, a sensação que tenho é a mesma de estar no zoológico tirando as fotos.</p> <p>Agora, poder navegar nesse e-book, com as facilidades tecnológicas que tem, tanto no notebook ou no celular, usando o Talkback, ficou maravilhoso.</p> <p>Com a possibilidade da tecnologia assistiva, descrições das imagens, imagem 3D e com a riqueza de detalhes, na minha opinião esse trabalho foi muito enriquecedor, enriqueceu a minha vida.</p> <p>Agradeço a Deus por ter participado junto com os meus amigos nesta pesquisa que resultou nesse e-book e que agora tenho a possibilidade de avaliar.</p> <p>Eu, quando sai da capital e fui para o litoral paulista, pude desfrutar da natureza e é sempre para mim uma emoção incomparável poder participar de atividades que envolvem o meio ambiente.</p> <p>Consigo imaginar que todos nós que participamos desse trabalho com as fotografias ficamos muito emocionados e avaliar esse e-book acessível é trazer essa emoção de volta.</p> <p>Deixo registrado que nesse momento eu estou muito emocionado, muito obrigado pela oportunidade de trabalhar com todos que fizeram parte dessa construção inclusiva.</p>
Professor – R. C. O.	<p>Considero que o e-book apresentou um alto nível de qualidade. O conteúdo é claro e compreensível, além de estar bem organizado. As descrições das imagens são bastante satisfatórias, proporcionando uma compreensão precisa do que está sendo mostrado na tela. Cada</p>

	<p>detalhe da fotografia é perceptível de maneira impecável.</p> <p>Os textos possuem uma extensão adequada, permitindo que a mensagem transmitida em cada cena seja compreendida plenamente. As descrições das imagens são precisas, destacando as principais características das mesmas. Os links no sumário são de fácil acesso, permitindo uma navegação ágil e simples pelo documento.</p> <p>O e-book segue as normas padrão da língua portuguesa no desenvolvimento do conteúdo. O e-book explora o tema da igualdade de oportunidades, do respeito e da valorização, além de abordar o desenvolvimento de competências para pessoas com deficiência visual. Demonstra que pessoas cegas ou com baixa visão também são capazes de fotografar e capturar cenas interessantes. Esse tipo de trabalho é relevante, especialmente para empresas que fabricam equipamentos fotográficos ou câmeras de ação, por exemplo, a fim de conscientizá-las sobre a existência de um público que também pode utilizar suas tecnologias. No futuro, seria positivo que essas empresas considerassem a inclusão de recursos de leitura de tela em seus equipamentos, permitindo que pessoas com deficiência visual possam utilizá-los de maneira acessível, assim como já ocorre em smartphones.</p> <p>O texto do e-book é compatível com programas de leitura de tela, sendo facilmente acessível tanto em dispositivos móveis quanto em computadores. As fotografias do e-book definem muito bem o tema. Além disso, os registros presentes no e-book foram vivenciados pelos participantes da pesquisa, o que valida o produto desenvolvido.</p> <p>Além disso, o e-book demonstra uma abordagem inclusiva ao permitir o uso de programas de leitura de tela, garantindo que pessoas com deficiência visual possam ter acesso ao conteúdo de forma autônoma e independente. Essa acessibilidade em diferentes dispositivos, como celulares e computadores, amplia ainda mais o alcance do e-book e sua utilidade para um público diversificado. Destaca-se também a relevância das fotografias, as quais estão intimamente relacionadas ao tema do e-book. A contextualização das imagens com o conteúdo reforça a mensagem transmitida e enriquece a experiência dos leitores.</p> <p>É importante ressaltar que as informações presentes no e-book foram obtidas por meio da</p>
--	---

	<p>participação ativa dos pesquisadores, o que confere validade e credibilidade ao produto. Essa vivência direta permite uma compreensão mais aprofundada do tema abordado e fortalece a autenticidade das informações apresentadas.</p>
<p>Estudante – C. P. S. I.</p>	<p>Primeiramente, achei admirável que o ebook tenha sido desenvolvido com o intuito de permitir que pessoas cegas explorem o mundo da fotografia por si mesmas.</p> <p>A inclusão é uma questão muito importante em todos os aspectos da vida, e a fotografia não deve ser uma exceção.</p> <p>Acredito que essa iniciativa com certeza, trouxe novas oportunidades e experiências significativas para as pessoas com deficiência visual.</p> <p>Um aspecto crucial para o sucesso deste ebook é a clareza e a acessibilidade do conteúdo.</p> <p>Foi importante perceber que as instruções e orientações foram descritas de maneira precisa, detalhada e fácil de compreender.</p> <p>O uso de uma linguagem simples e direta, juntamente com ilustrações ou audiodescrições detalhadas, ajudou a transmitir as informações de forma bastante eficaz.</p> <p>Além disso, foi de fundamental importância notar que o ebook abordou diferentes estratégias utilizadas pelos fotógrafos cegos, desde o enquadramento até o uso de luz e sombras, para que pudessem experimentar e criar imagens de acordo com suas preferências e interesses pessoais.</p> <p>A inclusão de exemplos visuais, adaptados para uma pessoa não visual, também foi muito útil para ilustrar os conceitos discutidos no ebook.</p> <p>Outro ponto importante a ser considerado foi a interação entre o ebook e dispositivos tecnológicos que auxiliam as pessoas cegas.</p> <p>O ebook ficou compatível com leitores de tela e outros softwares de acessibilidade, e isso facilita a experiência e aprendizagem e permite que os usuários naveguem pelo conteúdo de maneira mais eficiente.</p> <p>Por fim, deixo a sugestão, por acreditar que é essencial que haja uma comunidade de apoio para os leitores do ebook, onde eles possam compartilhar suas experiências, fazer perguntas, receber feedback e se conectar com outros entusiastas da fotografia realizadas por pessoas cegas.</p> <p>Isso pode ser feito por meio de fóruns on-line,</p>

	<p>grupos de mídias sociais ou até mesmo encontros presenciais, caso seja viável.</p> <p>Em suma, esse ebook com o objetivo de ajudar pessoas cegas a tirarem fotografias por conta própria é uma ideia mais que louvável.</p> <p>Com uma abordagem acessível, instruções claras e exemplos adaptados, ele certamente abrirá um novo mundo de possibilidades para as pessoas com deficiência visual, permitindo que elas explorem e expressem sua criatividade através da arte da fotografia.</p>
<p>Instrutor de arte – P. S. I.</p>	<p>Embora a fotografia tradicionalmente seja uma forma de arte visual, existem maneiras criativas e inovadoras de permitir que as pessoas com deficiência visual também possam se envolver nessa forma de expressão.</p> <p>Acredito que esse ebook com esse tema tem muita importância, e é extremamente valioso, pois através da sua edição e publicação, muitas portas serão abertas para que as pessoas cegas explorem a fotografia de maneira única e pessoal. Nesse contexto, avalio que esse trabalho conseguiu de maneira eficaz, elucidar alguns aspectos muito importantes, a saber:</p> <p>1. Descrições detalhadas:</p> <p>O ebook forneceu descrições detalhadas sobre diferentes aspectos da fotografia, por meio das estratégias utilizadas pelos fotógrafos cegos, como exemplo: conhecer a máquina fotográfica, definir o plano a ser fotografado e enquadramento. Isso permitiu que as pessoas cegas pudessem entender os elementos visuais envolvidos na criação de uma imagem.</p> <p>2. Acessibilidade tecnológica:</p> <p>Muitos dispositivos e aplicativos para smartphones possuem recursos de acessibilidade, como leitores de tela e assistentes virtuais.</p> <p>O ebook possibilitou com maestria que essas ferramentas podem ser utilizadas para auxiliar as pessoas cegas na captura e edição de fotografias.</p> <p>3. Técnicas táteis:</p> <p>A fotografia vai além da visão, e o ebook explorou muito bem, técnicas de composição que envolvem a textura e a forma física. Por exemplo, foi possível usar objetos em relevo como no caso das fotografias reveladas em 3D, como recurso tátil para transmitir uma sensação visual por meio do toque.</p> <p>4. Fotografia sonora ou audiodescrita:</p>

	<p>A fotografia não precisa ser apenas visual; ela também pode ser sonora.</p> <p>O ebook conseguiu propor a ideia de fotografias sonoras, ou audiodescritas, onde as pessoas cegas, puderam ouvir as audiodescrições de uma fotografia, para capturar e transmitir experiências sensoriais por meio do som.</p> <p>5. Comunidade e histórias:</p> <p>O ebook apresentou histórias inspiradoras de fotógrafos cegos que encontraram maneiras criativas de expressar sua visão de mundo através da fotografia e da descrição afetiva das imagens. Isso fornece motivação e encorajamento para os leitores, que por meio das vivências descritas, podem descobrir novas possibilidades, nunca antes imaginadas.</p> <p>Por fim, acredito que a inclusão e a diversidade são fundamentais em todas as formas de arte, e essa iniciativa possibilitou abrir um novo mundo de possibilidades e criatividade para aqueles que não tem a visão.</p>
--	--

Fonte: autoria própria

A avaliação do e-book foi uma etapa desenvolvida para análise do produto e uma possibilidade de incentivar a criação de mais conteúdo inclusivo, pois os autores e as editoras terão um feedback sobre a importância da acessibilidade e poderão aprimorar suas práticas de design e produção para atender às necessidades do público com deficiência visual.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A etapa de análise dos dados de uma pesquisa acadêmica é uma fase de extrema relevância, momento ímpar para propor ideias, discussões que levam a reflexões para apresentar resultados, novos estudos e gerar ideias para novas pesquisas. De acordo com Lüdke e André (1986), é o momento que todo o material que foi estruturado ao longo da pesquisa será examinado cuidadosamente para recolher os indicativos importantes e desconsiderar o que não está em consonância com o estudo, para, no final da discussão de resultados, fazer uma reestruturação, de forma mais distinta, de acordo com o desfecho que se pretende. Para Lüdke e André,

É possível que o pesquisador mais experiente e mais preparado teoricamente consiga realizar a maior parte da análise ainda durante o período de coleta, mas os menos experientes podem chegar ao final do estudo com grande parte dessa tarefa ainda a ser feita (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 45).

Entretanto, no processo de construção do projeto, o estudo foi ganhando contornos próprios para disseminar novos conhecimentos de acordo com a abordagem sobre o tema fotografia e a pessoa cega.

5.1 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta subseção, serão apresentados e analisados os dados coletados durante a pesquisa, com o objetivo de investigar e compreender os resultados obtidos em relação ao objeto de estudo.

A análise também contempla a caracterização, como processo de organização e agrupamento, com base em características ou traços semelhantes. De acordo com Lakoff (1987):

A maioria de nossas palavras e conceitos designam categorias [...] Não há nada mais básico do que a categorização para o nosso pensamentos, percepção, ação e discurso. Cada vez que nós vemos algo como “um tipo” de coisa, por exemplo, uma árvore, nós estamos categorizando. (LAKOFF, 1987, p.5).

As categorias foram concebidas tanto das fotografias quanto dos textos e foram depreendidas pela pesquisadora, a partir das experiências e vivências durante a pesquisa.

5.1.1 Primeira fase: resgatando histórias – origem e trajetória da E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha

A primeira fase da pesquisa teve como objetivo recolher as informações e organizar a história da escola. Algumas investigações foram registradas com base em documentos legais, disponíveis no âmbito escolar e outros conhecimentos foram sendo construídos no decorrer das entrevistas com os participantes da pesquisa, possibilitando trazer esse resultado para a análise de dados.

Nesta subseção, é feito o registro das contribuições históricas dos profissionais e familiares que tiveram as suas trajetórias entrelaçadas na história da E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha. Para resgatar, por meio da cultura oral, o que se foi construindo sem apontamentos escritos, é importante buscar nos registros de memória (relatos de lembranças ordenadas e visões particularizadas dos sujeitos da história) que vivenciaram ativamente o contexto, intencionalmente, para cuidar dos seus entes queridos ao aderirem à causa do atendimento educacional para as pessoas com deficiência visual no município de Volta Redonda e dos próprios estudantes que, hoje, são profissionais da educação, fazendo parte da construção do passado histórico e vivenciando o presente, visando a deixar um legado para as gerações futuras.

Ramos (2010), ao abordar sobre os sujeitos da história e a produção de fontes, menciona:

Desde a antiguidade, o conceito de história, em si, sempre conduziu a visão da participação do homem enquanto ser ativo que produz o passado ao viver o presente. A história humana só existe porque é produzida por sujeitos que a vivenciaram, deixando vestígios que puderam chegar ao presente, fontes interpretadas pelos historiadores para o entendimento, ao mesmo tempo, daquilo que foi e do agora. No entanto, a influência das ações humanas sobre o passado e sua vinculação com a produção de fontes só passou a ser evidenciada a partir do século XIX, quando a história iniciou sua busca pela cientificidade, procurando a legitimação da ciência para a construção de seu discurso (RAMOS, 2010, p. 5).

Portanto, é preciso buscar no contexto da escola especializada os sujeitos históricos que, por meio de ações individuais, conseguiram construir, a partir das relações sociais com outros atores, um legado que permite estabelecermos um diálogo do presente com o passado, o que se pode constatar na explanação que segue, após responderem à pergunta disparadora: **Quais são as suas experiências e vivências na ou com a Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha?**

Nos relatos que seguem, tivemos a participação de dois profissionais, que foram estudantes da escola e, hoje, atuam como professores concursados, para descreverem as suas histórias, valorizando as suas vivências. Esses dois profissionais seguiram a caminhada da educação e, atualmente, fazem parte do quadro funcional da escola, tendo como base o ponto de partida dos seus conhecimentos e aprendizados que foram o suporte da evolução intelectual e pessoal de ambos, o que é perceptível nas informações que seguem.

5.1.1.1 Relato de S. C., mãe de um dos alunos da escola

Meu nome é S. C., mãe do R. C. O. A Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha teve início na Igreja Nossa Senhora Aparecida no bairro São João, em 1988. Graças ao empenho do prefeito Marino Clinger, foi uma batalha vencida. Com a dedicação e empenho das professoras e da direção, nós conseguimos atingir nosso objetivo, que era fundar uma escola para deficientes visuais aqui em Volta Redonda. Assim como eu, outros pais não queriam deixar seus filhos no internato do Instituto Benjamim Constant como era de costume na época. Foi um período bem complicado. Pouco tempo depois de fundada, já em funcionamento na Igreja, a Escola foi transferida para o bairro Vila Santa Cecília. O local era ótimo, com boa localização e meu filho se desenvolveu muito com os atendimentos que recebia na escola. No bairro Vila Santa Cecília, a Escola ficou em funcionamento, até mais ou menos 1999, depois precisou ser transferida novamente de lugar, haja vista o prédio possuir pouco espaço, bem como o grande barulho de automóveis, devido ao fluxo constante do trânsito perto da escola. Sendo assim, foi transferida nesse ano para o bairro São João Batista, estando em funcionamento até os dias atuais, com um espaço bem mais amplo, local tranquilo e calmo para o aprendizado dos estudantes. Até os seis anos de idade, meu filho estudou somente na Escola Hilton Rocha. Foi alfabetizado no sistema Braille e, logo depois, no contraturno, passou a frequentar a escola regular. Com o preparo que recebeu dos profissionais dessa instituição especializada de ensino, ele pôde acompanhar a turma quando começou a cursar a primeira série do ensino fundamental, hoje nomeada de segundo ano. Foram épocas muito difíceis, pois tínhamos de levá-lo às duas escolas, todos os dias. O esforço foi grande, porém, valeu a pena. Com a dedicação do corpo docente da escola, meu filho venceu. E hoje, ele é meu maior orgulho (S. C., 2022).

Como se pode identificar a partir do relato, a questão vivencial escolar é amplamente considerada por quem fez parte dessa história e, atualmente, tem possibilidade de compartilhar o conhecimento com seus pares. São experiências riquíssimas para as demais pessoas com deficiência visual.

5.1.1.2 Explanação disponibilizada por R. C. O. em relação às suas experiências e vivências na E. M. ESP. DR. Hilton Rocha

A seguir, apresentaremos o segundo relato.

Eu sou R. C. O. Estudei na Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha de 1988 até 2003. A escola teve início, em 1988, na igreja Nossa Senhora Aparecida. Minha primeira professora de que tenho lembrança, com o passar dos anos ficou cega e, hoje, tenho a honra de tê-la como minha aluna. Lembro que, na época, eu tinha muita insegurança para ficar na escola. Porém, os profissionais, principalmente essa professora, com todo seu carinho e dedicação, conseguiu com que eu ficasse bem e me sentisse parte do local. Ficamos na igreja durante um tempo, até que a escola foi transferida para a Vila Santa Cecília. Era um lugar muito bom. Lá, tive ótimas experiências, pude vivenciar muitas coisas com meus colegas cegos e com baixa visão. Várias professoras fizeram parte dessa caminhada. Logo após concluir os estudos com uma determinada professora, fiz parte da turma de outra. Assim como a primeira, a outra também era uma ótima profissional. Com ela, aprendi a ler e escrever em Braille. Posso dizer que tive a satisfação de ser alfabetizado na Escola Hilton Rocha. Ficávamos a semana toda na escola, durante todo o turno. Por eu poder ter vivido todo esse período na Escola Hilton Rocha, penso que hoje, faz toda a diferença em minha vida. Não vou negar que foi difícil, muito cansativo. Mas, quando se busca por algo, conseguimos alcançar, claro que com a ajuda de pessoas importantes como, principalmente, família e profissionais que nos impulsionam. Nesse período, tive a dedicação da minha mãe, que me levava e buscava todos os dias, sem se cansar, sem reclamar, e que me ajudou a chegar onde cheguei hoje. Na escola, além do desenvolvimento no que se refere às tarefas para se preparar para o ensino regular, pude receber atendimentos complementares, que fazem uma grande diferença na vida do ser humano, como musicalização, que o profissional nos estimulava a criatividade, com histórias, interpretações, instrumentos, dentre outros. Na antiga disciplina de Atividades de Vida Diária (A.V.D), onde a professora nos ensinava a forma como deveríamos realizar nossas tarefas da vida diária, orientação e mobilidade, que foram várias professoras, que souberam me estimular muito bem para que hoje eu tenha uma ótima autonomia, sendo capaz até de treinar cães-guia para cegos. Por volta de 1999, mudamos para o Bairro São João Batista, já que precisávamos de mais espaço, bem como o local onde a escola era situada, tinha muito barulho. O local novo foi interessante, tinha mais verde e pudemos ter mais tranquilidade para estudar. Porém, o local da Vila Santa Cecília, tanto para mim como para alguns colegas, deixou saudade. Os estudantes eram muito unidos, tínhamos nossas "bagunças", dentre outras lembranças. Lembranças essas que às vezes fazem parte de sonhos em algumas noites. Enfim, essa escola, fez e faz a diferença na minha vida até o presente momento, já que tive a honra e satisfação de, hoje, integrar o corpo docente da instituição, e estar sendo dirigido pela excelente equipe diretiva que temos atualmente, para minha alegria (R. C. O., 2022).

Os registros de R. C. O. legitimam a história da escola que valorizou a sua individualidade, realizando um processo educacional que atendeu e supriu as suas necessidades de estudante para chegar no estágio em que se encontra atualmente.

5.1.1.3 Recordações da caminhada histórica na escola do ponto de vista de J. M. G.

A seguir, traremos o terceiro relato.

Eu sou J.M.G., mãe de B.M.G. Pensando na nossa história, que se mistura à da Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha, devo dizer que no início foi a fase mais difícil e dolorosa da minha vida. Meu filho passou por diversas cirurgias e eu procurava ajudar de várias maneiras, auxiliava nas tarefas escolares, mas a cada dia a visão dele diminuía. Depois de muita insistência e resistência, a escola regular nos informou que existia uma escola para pessoas com deficiência visual que poderia alfabetizar o meu filho em Braille. Na época, a escola ficava na Vila Santa Cecília. A jornada não foi simples, estudava pela manhã e à tarde, na escola regular e na escola especializada. Com fé, fui pedindo para Deus nos ajudar e meu filho concluiu o primeiro grau. O nosso grande receio era enviá-lo para o Rio de Janeiro, ficamos muito agradecidos pela criação da escola especializada em Volta Redonda. Meu filho foi alfabetizado com uma boa base. Como ele dominava a leitura e escrita, o segundo grau foi mais tranquilo. Posso dizer que essa escola foi o começo do futuro para o meu filho e para muitos outros que passaram por ela. Ele foi para o Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, onde aprendeu muitas coisas e desenvolveu outras áreas. Vou destacar a música e os esportes. Nas competições, ganhou diversas medalhas, estudou também sobre informática, que no decorrer dos anos foi de grande importância não só na aprendizagem escolar como para a vida dele. Concluiu o segundo grau e veio a faculdade. Na faculdade, os profissionais não tinham experiência com pessoas deficientes visuais, mas deu tudo certo, ele tinha uma base muito boa e na faculdade só tirava notas acima de 8,0. Depois vieram os concursos e ele foi trabalhar. O meu agradecimento é a Deus por ter me dado forças e conseguido criar e educar este homem que o meu filho se tornou, iniciando a sua base na escola especializada e voltando para trabalhar nessa mesma escola após formado, sendo um exemplo para os estudantes que estão na Escola Hilton Rocha (J. M. G., 2022).

5.1.1.4 Memórias históricas de B. M. G. no seu percurso na Unidade Educacional referenciada no texto

O quarto e último relato é de B. M. G.

Ao perder a visão com 11 anos, fui para escola especializada iniciar uma nova jornada na minha vida. Passei pela alfabetização e fui conquistando os próximos níveis de ensino. Fui resiliente, tive apoio da minha família, estudei, fiz concursos públicos, fiz as minhas escolhas. Eu tive a oportunidade de estudar no Instituto Benjamin Constant, local que guardei grandes aprendizados e conheci pessoas muito especiais, que contribuíram de forma marcante no meu desenvolvimento. Hoje, pensando no meu caminhar, posso afirmar que a escola especializada representou a ponte para o meu sucesso, me impulsionou para atravessar as barreiras atitudinais, oportunizando o meu desenvolvimento como cidadão, profissional, filho, marido e pai. Sou muito grato aos meus pais por acreditarem em mim e lutarem comigo e aos profissionais da Escola Hilton Rocha e amo o que faço na Unidade Educacional como profissional (B. M. G., 2022).

As contribuições das pessoas com e sem deficiência visual visam a colaborar com a coletividade, narrando fatos que recordam o passado, “costurando” as suas histórias com a história da escola, no passar dos anos, e como sujeitos operantes na

atualidade, buscando auxiliar na construção de um espaço escolar para atender as especificidades das pessoas com deficiência visual. A esse respeito, Gross acrescenta que:

[...] no paradigma da inclusão, a escola é que deve se adaptar às necessidades educacionais dos alunos com deficiência. Desta forma, inclusão é aqui considerada enquanto possibilidade emancipatória não só para alunos com deficiência, mas também para a comunidade escolar, que, adquirindo um olhar mais cuidadoso com o indivíduo, pode vir a ter maiores chances de promover uma educação mais humana e menos pautada na competição (GROSS, 2015, p. 37).

A partir do que explica o autor, depreende-se a importância de se considerar as necessidades específicas e uma abordagem educacional adaptada para promover uma experiência mais rica e inclusiva para as pessoas com deficiência visual, o que fica claro nos dados históricos atribuídos aos participantes, anteriormente.

Com a análise dos dados apresentados pelos participantes, foram definidas algumas classes para categorização, que será apresentado no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Cruzamento dos dados das histórias contadas pelas genitoras e pelos profissionais

Categorias	S. C.	R. C. O.	J. M. G.	B. M. G.
Temas comuns	Objetivo atingido ao fundar uma escola especializada para deficiente visual.	Avanços arquitetônicos, buscando prédios melhores para funcionar a escola.	Escola estar inserida na cidade que moravam e buscando melhores espaços para funcionar	Importância da escola especializada.
Diferenças individuais	Meu filho é o meu maior orgulho, se desenvolveu muito com os atendimentos na escola especializada.	Os estudantes eram muito unidos; na escola especializada, tínhamos as nossas bagunças.	A escola especializada foi o começo do futuro do filho.	Grandes aprendizados. A escola especializada representa a ponte para o meu sucesso.
Relação das experiências com o contexto da escola especializada	Até seis anos o meu filho estudou somente na escola especializada.	Na escola especializada aprendi a ler e escrever. Tenho honra e satisfação de trabalhar na escola, atualmente	Meu filho foi alfabetizado na escola especializada com uma boa base.	Fui alfabetizado na escola especializada.

Análise da linguagem utilizada	Sentimento de gratidão.	Gratidão pela família e professores. Lembrança da primeira professora, que hoje é cega e está estudando na escola especializada. Satisfação de ser alfabetizado nessa escola.	Época dolorosa com as buscas pela melhoria do meu filho. Receio de enviar o meu filho para o Rio de Janeiro. Agradecimento a Deus pela força recebida.	Resiliência. Apoio familiar. Gratidão aos pais e professores.
Relação entre as memórias e o local (escola)	Fundação da escola em 1988, na Igreja Nossa Senhora Aparecida. Em 1989, a escola foi transferida para um prédio no bairro São João Batista.	Estudei na escola de 1988 até 2003. A escola mudou-se para o bairro São João Batista em 1989.	Meu filho tinha onze anos quando foi para a escola especializada.	Fui para a escola especializada com onze anos.
Identificação das possíveis melhorias pessoais ou na escola	As mudanças ocorreram sempre em função de melhorias para os estudantes.	Mudanças de locais de funcionamento da escola, sempre visando ao melhor atendimento.	Melhorias na vida do meu filho, com deficiência visual. Mudança da escola para outros locais melhores	Melhorias na minha vida.

Fonte: autoria própria.

Com base na categorização, conclui-se que os participantes, ao disponibilizaram os seus conhecimentos sobre a história da escola, têm uma compreensão positiva em relação à escola especializada para deficientes visuais na cidade onde residem. Eles distinguem a seriedade da escola para o desenvolvimento educacional e fazem referência a avanços, tanto no aprendizado quanto na busca por melhores espaços como forma de aprimorar a qualidade do ensino para a pessoa com deficiência visual. Ademais, percebe-se um destaque nas diferenças individuais, com registros de grandes aprendizados, gratidão e satisfação pessoal. A relação das

experiências com o contexto da escola especializada também é enfatizada, evidenciando a importância da instituição na vida dos participantes, sendo genitores ou ex-estudantes que atualmente são profissionais atuando na unidade educacional. A categorização mostra que os progressos pessoais e na escola estão relacionados e sempre são buscados em benefício do bem-estar dos estudantes.

5.1.2 Segunda fase: desenvolvimento da pesquisa

Nesta fase, foram desenvolvidas as atividades nos espaços pré-definidos para a realização da pesquisa no zoológico da cidade de Volta Redonda e na E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha. Os participantes da pesquisa, ao chegarem ao zoológico, ouviram a audiodescrição do local e fizeram as suas opções para fotografarem, tendo como objetivo escolher de acordo com aquilo que lhes despertasse interesse ou curiosidade.

Alguns critérios foram definidos previamente, entre eles, o interesse pessoal, o tamanho e a movimentação, a composição da paisagem e qual o objeto gostaria de destacar, posteriormente, na imagem 3D. Na visitação, foi realizada a captura de imagens pelos fotógrafos cegos que fazem parte do corpo desta pesquisa e das imagens registradas pela pesquisadora, que são trazidas nos resultados, validando as diferentes etapas. É uma fase desafiadora e muito rica em termos de possibilidades de compreensão e produção de conhecimento com e pelo fotógrafo cego.

Considerando que o trabalho foi proporcionado para os profissionais e estudantes da escola especializada para pessoas com deficiência visual, salienta-se a importância desse espaço fundamental para a promoção da inclusão e do acesso à educação de qualidade, visto que, entre as suas atribuições, encontram-se:

- Atendimento Educacional Especializado (AEE), que é ofertado por profissionais qualificados e recursos específicos para atender às especificidades de cada estudante;
- acesso à tecnologia assistiva, que ajuda os estudantes a terem um melhor desempenho acadêmico e maior autonomia em suas atividades para o uso de recursos tecnológicos;
- ambiente inclusivo, onde os estudantes sentem-se acolhidos e respeitados nas suas especificidades;
- oportunidades para o desenvolvimento de habilidades sociais, de modo que os estudantes interagem, desenvolvem amizades e sentem que fazem parte da

comunidade escolar;

- preparação para a vida, desenvolvida com o apoio na transição dos estudantes jovens para a vida adulta, preparando-os para o mercado de trabalho e para uma vida independente; bem como na reabilitação para os que necessitam.

Constata-se, assim, que, no histórico da educação brasileira, a educação especial, no âmbito das escolas especializadas, foi aprimorando as suas metodologias e atividades inclusivas para garantir um atendimento de qualidade, o que propicia o ensino aos estudantes de acordo com as suas especificidades. Sobre esse avanço, salientam-se os registros de Sampaio e Sampaio (2011):

Historicamente pode-se afirmar que a Escola Especial quando foi concebida era um avanço em relação à estrutura da época, por volta do início do século XX, pois até então pessoas que não eram consideradas normais tinham o direito apenas à segurança do asilo. Por sua vez, a segurança do asilo também foi um avanço, na medida em que antes disso, as pessoas “anormais” eram mortas ao nascer ou abandonadas (SAMPAIO; SAMPAIO, 2011, p. 17).

Para o desenvolvimento do atual trabalho realizado na pesquisa, no campo da escola especializada, é importante dizer que muitas pessoas deixaram as suas contribuições para esse avanço na história da E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha. Essa Unidade Educacional segue os passos do Instituto Benjamin Constant do Rio de Janeiro, local onde a pesquisadora faz o Curso de Mestrado profissional em ensino na temática da Deficiência Visual.

Esse curso oferece formação específica e aprofundada para os conhecimentos dos profissionais que desejam ter uma formação com base em teorias e práticas inclusivas para o ensino das pessoas com deficiência visual, visando a promover uma educação mais igualitária e acessível. O curso oportuniza o conhecimento para desenvolver uma educação inclusiva que respeite as especificidades das pessoas com deficiência.

Logo, o Curso de Mestrado Profissional na Temática da Deficiência Visual desempenha um papel fundamental na formação de profissionais qualificados e comprometidos com a educação inclusiva e acessível. Além disso, o curso gera pesquisas e produção de conhecimento sobre a temática, que pode subsidiar a elaboração de políticas públicas mais inclusivas e efetivas, traz respaldo para as inovações, no caso desta pesquisa, o uso de um recorte da fotografia, impresso em 3D, que é de grande importância para uma pessoa cega, pois permite que ela tenha

acesso tátil às informações visuais contidas na imagem, possibilitando tocar e sentir formas, texturas e detalhes e ainda que os fotógrafos cegos criem as suas audiodescrições afetivas das imagens capturadas.

Quanto às audiodescrições afetivas, cada fotógrafo teve a oportunidade de expressá-las de acordo com a escolha do que foi fotografado, buscando ir além da descrição objetiva da imagem, abrangendo aspectos emocionais, subjetivos e simbólicos que estavam presentes na foto. A audiodescrição proporciona uma conexão mais profunda entre a pessoa cega e a imagem, levando em consideração sensações e sentimentos que a fotografia despertou, oferecendo uma experiência mais completa e satisfatória para o fotógrafo cego.

O resultado dessas audiodescrições afetivas será apresentado do capítulo de discussões e resultados. Encontram-se, nos próximos registros, as fotografias dos materiais utilizados pelos fotógrafos para o acesso às imagens capturadas por cada participante, a saber: fotografia impressa, descrição da imagem impressa em Braille e o objeto de referência impresso em 3D.

5.1.2.1 *Fotógrafa 1 – N. B. S.*

As Figuras 21 a 23, a seguir, mostram o resultado da experiência fotográfica de N. B. S.

Figura 21 – Fotografia impressa – escrita em Braille e impressão 3D – Fotógrafa 1 – estudante – N. B. S.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2023.

Descrição da Figura 21: sobre a mesa, a fotografia e a descrição impressa em Braille. A imagem em 3D entre as mãos da fotógrafa.

Figura 22 – Modelagem em massa plástica - Fotografia 1 – estudante – N. B. S.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2023.

Descrição da Figura 22: mãos da fotógrafa modelando a imagem em massa plástica; e sobre a mesa, foto impressa, texto em Braille e imagem em 3D.

Figura 23 – Apresentação da modelagem em massa plástica – Fotografia 1 – estudante – N. B. S.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 23: fotógrafa apresenta a modelagem em massa plástica, próximo à imagem 3D.

5.1.2.2 Fotografia 2 – B. M. G.

As Figuras 24 a 26, a seguir, mostram o resultado da experiência fotográfica de B. M. G.

Figura 24 – Fotografia impressa – escrita em Braille e impressão 3D – professor 2 – B. M. G.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 24: Sobre a mesa, fotografia impressa e descrição em Braille. A imagem em 3D está entre as mãos do fotógrafo.

Figura 25 – Modelagem em massa plástica - Fotografia 2 – professor – B. M. G.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 25: mãos do fotógrafo modelando a imagem em massa plástica e, sobre a mesa, foto impressa, texto em Braille e imagem em 3D.

Figura 26 – Apresentação da modelagem em massa plástica – Fotografia 2 – professor – B. M. G.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 26: fotografia apresenta a modelagem em massa plástica. Sobre a mesa estão foto impressa, massa plástica e celular.

5.1.2.3 Fotografia 3 – E. J. S.

As Figuras 27 a 29, a seguir, mostram o resultado da experiência fotográfica de E. J. S.

Figura 27 – Fotografia impressa – escrita em Braille e impressão 3D – fotografia 3 – estudante – E. J. S.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 27: sobre a mesa, fotografia impressa e descrição em Braille. A imagem em 3D está entre as mãos do fotógrafo.

Figura 28 – Modelagem em massa plástica – fotógrafo 3 – estudante – E. J. S.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Audiodescrição da Figura 28: mãos do fotógrafo modelando a imagem em massa plástica e sobre a mesa parte da modelagem em massa plástica e imagem em 3D.

Figura 29 – Apresentação da modelagem em massa plástica – fotógrafo 3 – estudante – E. J. S.



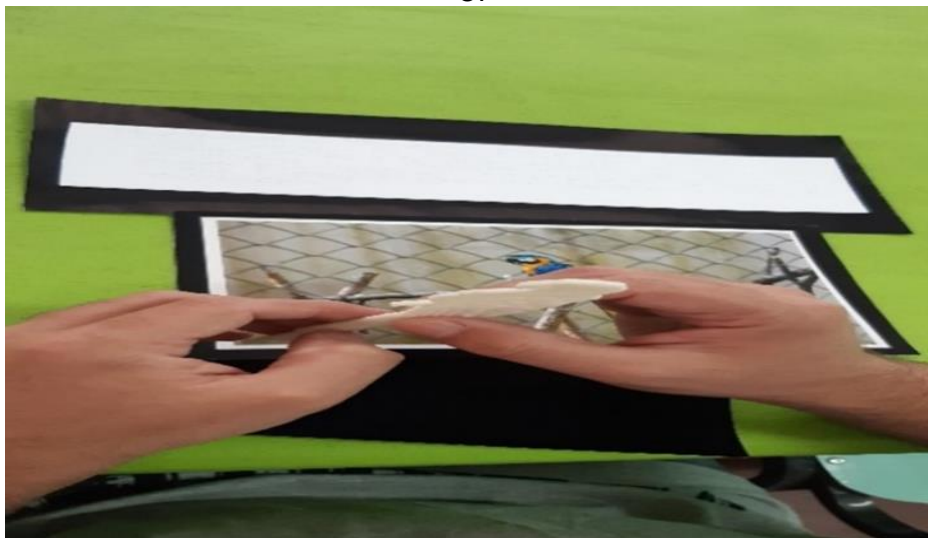
Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 29: fotógrafo apresenta a modelagem em massa plástica, próximo à imagem 3D.

5.1.2.4 Fotografia 4 – R. C. O.

As Figuras 30 a 32, a seguir, mostram o resultado da experiência fotográfica de R. C. O.

Figura 30 – Fotografia impressa – escrita em Braille e impressão 3D – fotógrafo 4 – professor – R. C. O.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 30: sobre a mesa, a fotografia impressa e a descrição em Braille. A imagem em 3D entre as mãos do fotógrafo.

Figura 31 – Modelagem em massa plástica – fotógrafo 4 – professor – R. C. O.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 31: mãos do fotógrafo moldando a imagem em massa plástica e sobre a mesa foto impressa, texto em Braille e imagem em 3D.

Figura 32 – Apresentação da modelagem em massa plástica – fotógrafo 4 – professor – R. C. O.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 32: fotógrafo apresenta a modelagem em massa plástica, próximo à imagem 3D nas mãos. Sobre a mesa, estão a imagem fotográfica impressa e o texto em Braille.

5.1.2.5 Fotografia 5 – C. P. S. I.

As Figuras 33 a 35, a seguir, mostram o resultado da experiência fotográfica de C. P. S. I.

Figura 33 – Fotografia impressa – escrita em Braille e impressão 3D – fotógrafo 5 – estudante – C. P. S. I.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 33: Sobre a mesa, estão a fotografia impressa e a descrição em Braille. A imagem está em 3D entre as mãos da fotógrafa.

Figura 34 – Modelagem em massa plástica – fotografia 5 – estudante – C. P. S. I.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 34: mãos da fotografia modelando a imagem em massa plástica sobre a mesa.

Figura 35 – Apresentação da modelagem em massa plástica – fotografia 5 – estudante – C. P. S. I.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 35: fotografia apresenta a modelagem em massa plástica, próximo à imagem 3D e à foto impressa.

5.1.2.6 Fotografia 6 – P. S. I.

As Figuras 36 a 38, a seguir, mostram o resultado da experiência fotográfica de P. S. I.

Figura 36 – Fotografia impressa – escrita em Braille e impressão 3D – fotógrafo 6 – instrutor de arte – P. S. I.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 36: sobre a mesa, a descrição em Braille. A imagem em 3D está entre as mãos do fotógrafo.

Figura 37 – Modelagem em massa plástica – fotógrafo 6 – instrutor de arte – P. S. I.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 37: mãos do fotógrafo modelando a imagem em massa plástica e sobre a mesa foto impressa, texto em Braille e imagem em 3D.

Figura 38 – Apresentação da modelagem em massa plástica – fotógrafo 6 – instrutor de arte – P. S. I.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 38: fotógrafo apresenta a modelagem em massa plástica, próximo à imagem 3D e à foto impressa.

Ao analisar o trabalho realizado com a massa plástica feita pelos fotógrafos, após ouvirem a audiodescrição e manusearem a imagem em 3D, verificaram-se as possibilidades de expressão artísticas, sendo possível:

- sentir a escultura – tocar com as mãos para identificar formas, texturas, volumes e detalhes do objeto reproduzido;
- descrever as formas – descrever a escultura em detalhes para identificar as formas;
- considerar a técnica utilizada – alguns dos participantes fizeram opção pela modelagem direta, após o manuseio da peça impressa e outros optaram pela moldagem apoiando na própria impressão;
- explorar o tema – como as imagens foram capturadas no zoológico, todas estão em consonância com o tema pré-definido, pois retratam plantas ou aves presentes naquele ambiente;
- avaliar a criatividade e a originalidade – a forma como aproveitaram a massa de modelar demonstrou a utilização dos elementos e técnicas disponíveis para criar a sua obra.

A categorização apresentada refere-se a distintos aspectos apreciados pelos participantes na atividade de modelagem com massa plástica. Os participantes foram

incentivados a analisar as possibilidades de interação entre as imagens impressas em 3D e a massa plástica, utilizando diferentes técnicas para criarem suas obras.

As categorias reconhecidas incluem:

- sensibilidade tátil: a primeira categoria enfatiza a importância de sentir a escultura por meio do tato, o que permitiu aos participantes explorarem texturas, formas e detalhes do objeto reproduzido;
- audiodescrição: a segunda categoria apresenta a importância de descrever as formas da escultura, demonstrando que os participantes também se atentaram à aparência da imagem em 3D;
- técnica de modelagem: a terceira categoria indica que os participantes tiveram diferentes abordagens para a modelagem da escultura, utilizando técnicas distintas e explorando as possibilidades da massa plástica;
- tema: a quarta categoria ressalta que todas as esculturas criadas pelos participantes estavam relacionadas ao tema pré-definido da atividade, o que sugere que os participantes foram capazes de utilizar a imagem impressa em 3D como referência para criar suas obras;
- criatividade e originalidade: a última categoria enfatiza a importância da criatividade na modelagem das esculturas, mostrando que os participantes foram capazes de utilizar os elementos e técnicas disponíveis para criar as suas obras.

A categorização preconiza que os participantes foram capazes de investigar diferentes aspectos na atividade de modelagem de esculturas, utilizando uma imagem impressa em 3D como referência e explorando a massa plástica como um meio para criar obras únicas e originais. Essas foram algumas das possibilidades para analisar os trabalhos com massa plástica feitos pelos participantes da pesquisa. É importante registrar que a análise foi feita com sensibilidade e respeito à perspectiva dos artistas, independentemente de serem cegos de nascença ou congênitos, pois cada participante tem as suas particularidades para desenvolver o trabalho artístico.

5.1.3 Terceira fase: análise das entrevistas, nuvens de palavras e ênfase de cada participante

A técnica de análise de nuvens de palavras das entrevistas foi muito útil para enfatizar os vocábulos recorrentes, identificados como relevantes para o contexto analisado. As respostas dadas às entrevistas, após a limpeza dos textos, foram

inseridas no aplicativo Wordclouds para identificar as ênfases dadas por cada participante em relação aos classificadores utilizados na revisão de literatura “fotógrafo cego”; “imagem acessível”; “impressões imagéticas”; “percepção visual de cor” e os demais vocábulos utilizados pelos fotógrafos. De acordo com o tamanho e a posição de cada palavra representada na nuvem e a frequência, foram destacadas as dez primeiras palavras com maior índice de repetição para análise.

As Figuras 39 a 44 apresentam as nuvens de palavras que resultaram da pesquisa, acompanhadas das respectivas listas de vocábulos associados por cada participante (Quadros 5 a 10).

Figura 39 – Nuvem de palavras – fotógrafa 1 – estudante – N. B. S.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 39: nuvem de palavras organizada no Wordclouds sobre o fundo que retrata um filme de fotografia, na cor mostarda.

Quadro 5 – Lista de vocábulos gerados na nuvem de palavras da fotógrafa 1.

Peso	Palavra
6	Fotografar
5	Fotógrafo cego
4	Cego
4	Imagem Acessível
4	Visão
3	Audiodescrição
3	Fotografias
3	Impressões imagéticas
3	Percepção visual de cor
3	Projeto

Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Figura 41 – Nuvem de palavras – fotógrafo 3 – estudante – E. J. S.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 41: nuvem de palavras organizada no Wordclouds sobre o fundo que representa uma máquina de fotografia, na cor cinza.

Quadro 7 – Lista de vocábulos gerados na nuvem de palavras do fotógrafo 3.

Peso	Palavra
5	Fotógrafo cego
4	Cego
3	Cegueira
3	Foto
3	Fotógrafo
3	Imagem acessível
3	Impressões imagéticas
3	Percepção visual de cor
2	Audiodescrição
2	Capturar

Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Figura 42 – Nuvem de palavras – fotógrafo 4 – professor – R. C. O.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 42: nuvem de palavras organizada no Wordclouds sobre um fundo que representa uma filmadora, na cor azul claro.

Quadro 8 – Lista de vocábulos gerados na nuvem de palavras do fotógrafo 4.

Peso	Palavra
3	Cego
3	Fotógrafo cego
3	Imagens acessíveis
3	Impressões imagéticas
3	Percepção visual de cor
2	Capturo
2	Cenário
2	Focar
2	Noção
2	Profissão

Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Figura 43 – Nuvem de palavras – fotógrafo 5 – estudante – C. P. S. I.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 41: nuvem de palavras organizada no Wordclouds sobre o fundo representando uma câmera fotográfica, na cor verde claro.

Quadro 9 – Lista de vocábulos gerados na nuvem de palavras da fotografia 5.

Peso	Palavra
5	Imagem acessível
4	Fotógrafo cego
3	Cuidar
3	Imaginar
3	Percepção visual de cor
2	Cego
2	Função
2	Fotografar
2	Impressões imagéticas
2	Percepção

Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Figura 44 – Nuvem de palavras – fotógrafo 6 – instrutor de arte – P. S. I.



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Descrição da Figura 44: nuvem de palavras organizada no Wordclouds sobre o fundo representando uma câmera fotográfica, na cor azul claro.

Quadro 10 – Lista de vocábulo gerados na nuvem de palavras do fotógrafo 6.

Peso	Palavra
5	Cego
3	Fotógrafo
3	Fotógrafo cego
3	Imagem acessível
3	Impressões imagéticas
3	Instrutor
3	Percepção visual de cor
2	Artes
2	Carreira
2	Cursos

Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2022.

Com base na lista de vocábulo da nuvem de palavras, há a possibilidade de categorizá-las em “fotografia”, “deficiência visual”, “percepção visual”, “aprendizagem” e “trabalho/cuidado”. Nesse caso, temos os seguintes conceitos:

- Fotografia: fotografar, fotógrafo, fotografias, impressões imagéticas, foto, capturar, cenário, focar, capturo.
- Deficiência visual: fotógrafo cego, cego, audiodescrição, cegueira,

imagem acessível.

- Percepção visual: percepção visual de cor, visão, visual.
- Aprendizagem: aprendendo, noção, imaginar.
- Trabalho/cuidado: profissão, cuidar, vida, projeto, função.

Foi feita a opção por encaixar as palavras uma única vez, mas algumas delas poderiam ser inseridas em mais de uma categoria. A categorização foi útil para entender as tendências que emergiram dos dados coletados nas entrevistas com fotógrafos cegos. A partir dessas respostas, pode-se concluir que os termos estão relacionados com diferentes aspectos da fotografia e do universo que a envolvem.

A categoria "Fotografia" apresenta termos relacionados ao ato de fotografar, bem como à técnica e ao processo de captura da imagem. A categoria "Deficiência visual" está relacionada à acessibilidade e à inclusão na área da fotografia, com destaque para a audiodescrição e a imagem acessível. Por sua vez, a categoria "Percepção visual" traz termos relacionados à visão e à percepção visual de cor que estão presentes na fotografia. Já a categoria "Aprendizagem" apresenta termos relacionados à noção e à imaginação, que estão diretamente ligados ao processo de aprendizagem do ato de fotografar. Por fim, a categoria "Trabalho/cuidado" retrata as questões relacionadas à profissão, ao cuidar, à vida, aos projetos e à função exercida pelo fotógrafo cego.

5.1.4 Quarta fase: descrição afetiva das fotografias

A descrição afetiva foi realizada pelos fotógrafos que participaram da pesquisa. A seguir, trataremos de explicar o que foi fotografado, apresentando o texto retirado da audiodescrição das fotografias, realizado pela autora, com registro da fala introdutória do(a) fotógrafo(a) e a descrição afetiva produzida pelos participantes da pesquisa.

5.1.4.1 Estudante – N. B. S.

A estudante fez a fotografia, que foi audiodescrita como: dois pavões machos, sobre um cercado de madeira, dois pavões machos, um nas cores verde, amarelo e azul e o outro nas cores verde, branco e azul. Na lateral esquerda, está o gramado; e

na lateral direita, uma passagem de pedestre e um cercado de madeira; ao fundo, árvores e plantas diversas.

5.1.4.1.1 Fala introdutória da fotógrafa

“Eu escolhi dois pavões para fotografar e pensando na descrição afetiva sobre a minha paisagem fotográfica, resolvi uma poesia criar” (N. B. S., 2022).

5.1.4.1.2 Descrição afetiva feita pela fotógrafa

A LUZ DA AUDIÇÃO NO ENCONTRO COM O PAVÃO

Te olhei, mas não te encontrei
 Chorei nessa triste ilusão
 É como se o mundo todo vivesse na escuridão
 Me levantei, gritei e corri na certeza de que você estava ali
 E com toda a delicadeza vendo a minha tristeza
 Uma linda melodia pôe-se a cantar
 Então como num passe de mágica eu pude te ver, sentir e tocar
 Como se você estivesse me convidando para com você a bailar
 Aquela música tão envolvente
 Os nossos olhares suavemente podem se encontrar
 Pude contemplar a sua riqueza
 As suas cores varonil, verde, azul e branco
 Como é grandiosa a sua beleza
 Homenageando o nosso Brasil
 Com tanta gentileza, toquei você, com as minhas mãos
 Agradeço a mãe natureza por você meu amigo pavão
 Você me trouxe paz e esperança, para um mundo melhor
 Agradeço a Deus por eu poder escutar
 Mesmo sem a visão, você, eu pude enxergar
 A escuridão e a tristeza, hoje, não existem mais em meu coração
 Depois desse nosso encontro eu conheci
 A luz de uma audição (N. B. S., 2022).

5.1.4.2 Professor – B. M. G.

O professor fez a fotografia, que foi audiodescrita como: locomotiva preta com dois vagões, parada em estação simbólica, com a frente voltada para esquerda na imagem; na lateral do maquinário, o nome Bertioga 1927. Na lateral direita da locomotiva, construção de uma cobertura simbolizando uma estação. À direita, os troncos de duas árvores. Ao fundo da imagem, várias árvores e uma construção na cor azul celeste, parte do céu na cor azul claro entre as árvores e a cobertura onde está estacionada a locomotiva.

5.1.4.2.1 Fala introdutória do fotógrafo

Ao escolher uma locomotiva para fotografar, os meus pensamentos se colocaram a voar... pois é uma máquina do tempo... e consegui comparar a minha vida e as vidas dos meus filhos a pulsar, onde é possível buscar o infinito, o olhar das crianças, a liberdade, o sonhar, o voar e resolvi uma canção criar para representar, uma descrição afetiva, do que eu quis fotografar (B. M. G., 2022).

5.1.4.2.2 Descrição afetiva feita pelo fotógrafo

MÁQUINA DO TEMPO

Ô ô ô... ô ô ô ô ô ô ô ô ô ô
 Meu pensamento, máquina do tempo
 Voou pro mundo infinito, tudo é tão bonito
 Voei....
 Olhar de criança, traz luz e esperança
 Voltei, se olhar para dentro verá o momento, que sonhei....
 lá...lá... lá...lá...
 Vejam o sol, somente o sol que resplandece sobre a gente
 Poder voar e encontrar segredos em meus sonhos
 Tenham sonhos
 Ô ô ô Ô ô ô
 Tenham sonhos
 Somos livres a voar
 Tenham sonhos
 Somos livres a sonhar
 Ô ô ô Ô ô ô
 Quando o sol nascer, todo o tempo, sobre os ventos...
 Quando o sol nascer, todo o tempo, sobre os ventos...
 Eu quero ser o nascer do sol para iluminar o meu amor
 Poder viver bem mais de mil... anos luz com você... por você...
 Ô ô ô Ô ô ô Ô ô ô Ô ô ô (B. M. G., 2022).

5.1.4.3 Estudante – E. J. S.

O estudante fez a fotografia, que foi audiodescrita como: a imagem retrata três marrecos em um gramado verde, dois abaixados e apoiados sobre a grama e um em pé, virado para lateral direita; atrás dos marrecos, um galho caído sobre a grama. Ao fundo, uma cerca de madeira; e na lateral direita, um poste cilíndrico de madeira.

5.1.4.3.1 Fala introdutória do fotógrafo

“Eu fiz a opção de fotografar alguns marrecos e pensando na paisagem que os envolvia, comecei a analisar a imagem fotografada, para fazer assim a minha descrição afetiva” (E. J. S., 2022).

5.1.4.3.2 Descrição afetiva feita pelo fotógrafo

OS MARRECOS E O DESPERTAR DOS SENTIDOS

Aprendi com o tempo a apreciar a natureza através dos demais sentidos, pois eles nos mostram como a natureza é bela e maravilhosa. Deus nos permite perder a visão carnal, mas nos proporciona enxergar através da nossa visão espiritual, que é apurada nos outros sentidos.

Podemos admirar a natureza através dos sons e dos cheiros, sentindo o sol, a terra, a grama, a areia e a chuva, saber quando está quente ou frio, e ouvir o canto dos pássaros e sentir a beleza das aves. E na minha fotografia, vejam só que lindo exemplo, a beleza do movimento em conjunto, o exemplo de dois marrecos, um casal andando, voando e vivendo junto, e conectado, vão alimentando seus filhotes e cuidando deles mesmos.

Sou privilegiado por apreciar a nossa flora, a fauna e nossas lindas aves, onde posso dizer que fui presenteado ao escolher uma família de marrecos para fotografar. Agradeço a Deus a oportunidade de admirar a Sua criação e por me proporcionar esta viagem linda e maravilhosa, através do despertar dos demais sentidos, a família de marrecos eternizada no ato de fotografar (E. J. S., 2022).

5.1.4.4 Professor – R. C. O.

O professor fez a fotografia, que foi audiodescrita como: arara nas cores azul, preto, branco, amarelo e verde, encontra-se no viveiro, pousada no poleiro de madeira. À frente da ave, uma grade de ferro que contorna as laterais do viveiro; e nos fundos, parede de alvenaria.

5.1.4.4.1 Fala introdutória do fotógrafo

Eu sou um amante dos animais, dentre eles, a minha preferência é pelas aves, principalmente as nativas, já tive oportunidade de ter algumas, mas não tinha o espaço adequado. No zoológico, existem algumas variedades de animais, e me vem na mente a lembrança de querer ter um criatório com esses animais nativos no Brasil, como exemplo as araras, papagaios, maritacas, periquitos, entre outros. E por ser a minha prioridade, resolvi escolher uma ave para eternizar na fotografia, e segue a minha descrição afetiva sobre a imagem capturada (R. C. O., 2022).

5.1.4.4.2 Descrição afetiva feita pelo fotógrafo

A ESCOLHA DA ARARA

Escolhi uma arara com predominância da cor azul
 Que enfeitava um galho seco
 Por trás de uma tela
 Senti vontade de fotografar
 Por ser fácil de focalizar

Pois sabe vocalizar
 O que permite mirar e saber onde focar
 Já tive oportunidade de a ave comprar
 Mas eu não tinha como abrigar
 Por necessitar de um lugar seguro
 Pois tem um bico muito duro
 Para ficar comigo
 Era imprescindível a organização de um bom abrigo
 Eu não tinha essa estrutura
 Para lhe proporcionar uma vida segura
 E fico realizado por poder fotografar
 E sua imagem eternizar (R. C. O., 2022).

5.1.4.5 Estudante – C. P. S. I.

A estudante fez a fotografia, que foi audiodescrita como: fotografia da planta Mulungu. Ao fundo, folhagem verde clara e flor vermelha em tamanho grande, centralizada.

5.1.4.5.1 Fala introdutória da fotógrafa

“Tenho grande interesse pelas plantas, é uma das minhas paixões, por isso escolhi uma para fotografar e escrevi um texto para expressar os meus sentimentos em relação ao tema fotografia e a captura da imagem escolhida” (C. P. S. I., 2022).

5.1.4.5.2 Descrição afetiva feita pela fotógrafa

O DESABROCHAR DAS FLORES

Eu fiquei muito contente, me senti lisonjeada, quando pra fazer uma foto, mesmo sendo cega, pela professora Vera, um dia fui convidada. Eu que antes enxergava, embora fosse baixa visão, acreditei de imediato, ser possível, desenvolver esta função.

Como disse, no passado, podia ver imagens e cores, e o que mais me encantava, era o desabrochar das flores. Porque o tema escolhido para fotografar era a natureza, fomos todos para o Horto Florestal da cidade, explorar sua beleza.

Lá chegando, a professora, fez a audiodescrição, e então pude dar asas a minha imaginação. Fotografei uma árvore, com apenas uma flor. Mas, acredito ter registrado, sua beleza e esplendor. Como as fotos foram reveladas em 3D, com alta definição, pude recordar com o contato o tempo em que eu tinha visão (C. P. S. I., 2022).

5.1.4.6 Instrutor de arte – P. S. I.

O instrutor de arte fez a fotografia, que foi audiodescrita como: A imagem retrata um pavão macho, nas cores verde, azul e branco, sobre a grama com o bico

voltado para o solo e a calda encostada em um poste cilíndrico de madeira. Ao redor há um tronco de árvore em pé, grama e lago.

5.1.4.6.1 Fala introdutória do fotógrafo

“Fiquei bastante satisfeito em participar da pesquisa e no momento de fotografar escolhi o pavão por reportar-me à infância, onde conheci a história do “Pavão misterioso” que me desperta diferentes sentimentos e emoções” (P. S. I., 2022).

5.1.4.6.2 Descrição afetiva feita pelo fotógrafo

Fotografando e revivendo emoções

Recebi com bastante surpresa, um convite especial, para participar de um projeto de deficiente visual. Onde a estratégia perfeita para essa ocasião, era utilizar um recurso que os cegos usam de montão. Estou falando é claro, da nossa grande percepção.

Falo de um projeto arrojado, desenvolvido pela professora Vera Cruz, que buscava concretizar para os cegos, coisas, formas, cores e luz. No princípio, pareceu-me até um pouco utopia, pois como imaginar que um cego, pudesse fazer fotografia? Mas, aos poucos a professora Vera, de maneira perspicaz, conseguiu mostrar-me com jeito, que eu sou capaz.

Eu que nunca enxerguei, não podia conceber, que era possível mostrar cores e formas, a alguém que não pode ver. Assim, ainda um pouco sendo do contra, por que às vezes eu sei ser turrão, decidi embarcar na aventura e viver uma nova emoção.

Então, no dia Combinado, fomos eu e meus companheiros, todos cheios de euforia, para o jardim zoológico da cidade, fazer a fotografia. Nunca fui entusiasta, com essa coisa de beleza, mas, quer melhor lugar pra fotografar que as coisas da natureza?

Lembrei que quando era criança, eu ficara impressionado e bastante curioso, quando li num livro de contos, a história, do Pavão misterioso. Por tudo que ali dizia, e usando a imaginação, decidi naquele dia, fotografar um Pavão.

Como para mim, cores, imagens, é algo bem abstrato, não tenho certeza de que, ficou bonito de fato. Mesmo assim posso dizer, que me senti realizado, quando chegaram as fotos, e com elas, o resultado. Isto só me foi possível, devo aqui esclarecer, por que usou-se a tecnologia das fotos, reveladas em 3D, onde através do tato, pude enfim, as fotos ver (P. S. I., 2022).

Após os textos serem escritos, alguns passos foram seguidos para análise das audiodescrições afetivas, entre eles:

- Leitura do texto por várias vezes para entender o contexto, identificar os principais temas e ideias expressas e identificar palavras e frases que expressavam afetividade.
- Criação de categorias, a partir dos temas principais, que representavam

emoções, sentimentos, afetividade, percepção, sensibilidade, características e qualidades, ideias e conceitos.

- Análise, com base nas categorias definidas, feita para identificar quais expressões que se encaixavam em cada uma delas.
- Interpretação dos resultados após análise.

É evidente, nas audiodescrições afetivas, que as pessoas cegas usam outros sentidos para construir uma paisagem multissensorial, a fim de poder sentir a textura e a temperatura, ouvir sons específicos que identificam lugares e objetos, sentir cheiros e sabores que remetem a determinados ambientes, e até mesmo utilizar a percepção do movimento e do espaço para criar uma noção de localização e orientação. Essa valorização dos sentidos é apontada por Arruda (2016):

Portanto, deve-se considerar, no ensino de alunos com deficiência visual, a valorização e utilização dos sentidos: auditivo (audiolivros, filmes com audiodescrição), do tátil (mapas, globos e maquetes), do olfativo (material que transmita através do cheiro característico de um determinado lugar), o gustativo (alimentos de diferentes regiões). Também, a utilização de materiais com texturas e livros didáticos adaptados ou textos transcritos em braille e tipo ampliado. A maneira como as pessoas cegas percebem o mundo e se relacionam com ele sem dúvida passa pelos demais sentidos, não que os videntes também não utilizem todos os sentidos. Mas ver o mundo pelo olfato, pelo paladar, pelo tato, pela audição enfim pelo corpo (sinestesia) toma a dimensão de um ato visível para uma pessoa cega (ARRUDA, 2016, p. 3).

Com a utilização dos diferentes sentidos, as pessoas cegas podem criar mapas mentais e representações internas dos espaços e objetos, permitindo uma maior autonomia na construção das paisagens e independência na sua vida cotidiana. Esse fato é registrado por Santos (1988, p. 22), quando afirma que “A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos”. Para melhor compreensão, nos Quadros 11 a 16, estão as informações colhidas das audiodescrições e a respectiva interpretação dos resultados de cada participante da pesquisa.

Quadro 11 – Análise da descrição afetiva: A luz da audição no encontro com o pavão – Estudante N. B. S.

Fotógrafo (a)	Categorias			
	Emoções, sentimentos e afetividade	Percepção e sensibilidade	Características e qualidades	Ideias e conceitos
Estudante – N. B. S.	tristeza certeza delicadeza	ver sentir tocar	linda melodia envolvente suavemente	Ilusão escuridão mundo

	alegria paz esperança	contemplar ouvir enxergar	grandiosa beleza gentileza riqueza varonil verde/azul/branco	melhor audição encontro
Análise por categoria	Ao analisar essa categoria, podemos perceber que as palavras expressam diferentes emoções e sentimentos, tanto positivos quanto negativos.	As palavras que compõem a categoria estão relacionadas à capacidade que a estudante tem de sentir e perceber o mundo ao redor através dos sentidos, estão intimamente relacionadas à percepção sensorial.	Essas palavras expressam a importância das qualidades e características na percepção e valorização do objeto fotografado. Foram destacadas as características positivas de acordo com o contexto e a perspectiva da observadora.	O resultado da categoria sugere uma reflexão sobre a percepção da realidade, a busca por mudanças positivas e a importância da conexão entre as pessoas e a natureza.
Análise geral	A estudante aborda uma experiência de superação, através da percepção sensorial e da sensibilidade, enxergando outra maneira de apreciar a beleza do que está ao seu redor. Destacando as emoções e sentimentos que a imagem evoca.			

Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2023.

Quadro 12 – Análise da descrição afetiva: Máquina do tempo – Professor B. M. G.

Fotógrafo (a)	Categorias			
	Emoções, sentimentos e afetividade	Percepção e sensibilidade	Características e qualidades	Ideias e conceitos
Professor – B. M. G.	luz esperança amor	olhar encontrar segredos voar	bonito livre resplandece	máquina do tempo sonhos nascer do sol anos luz
Análise por categoria	Ao analisar essa categoria, podemos compreender como emoções, sentimentos e afetividade são importantes na comunicação e na cultura, e como palavras como "luz", "esperança" e	O resultado da categorização, refere-se à capacidade do professor de compreender e interpretar a realidade, captando estímulos sensoriais e utilizando a sensibilidade para	As palavras encontradas na categoria referem-se às propriedades, traços e atributos que uma pessoa ou coisa pode ter.	As palavras representam conceitos abstratos ou ideias específicas, que podem ter diferentes significados.

	"amor" podem afetar as pessoas de maneira positiva e inspiradora.	decifrar informações e mensagens.		
Análise geral	O professor demonstrou no texto emoções positivas, o despertar da imaginação e conceitos relacionados ao tempo e espaço, bem como qualidades e características da fotografia.			

Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2023.

Quadro 13 – Análise da descrição afetiva: Os marrecos e o despertar dos sentidos – Estudante E. J. S.

Fotógrafo (a)	Categorias			
	Emoções, sentimentos e afetividade	Percepção e sensibilidade	Características e qualidades	Ideias e conceitos
Estudante – E. J. S.	apreciar, bela, maravilhosa, admirar, beleza, privilegiado, presenteado, agradecer, linda, maravilhosa	outros sentidos, visão espiritual, sons, cheiros, sentir, movimento em conjunto, conectados	apurada, bela, cuidado, alimentando, apresentado, lindo	natureza, criação, matas, flora, fauna, aves, família, eternizada, fotógrafos
Análise por categoria	Cada palavra expressa uma emoção ou sentimento específico, que pode ser influenciado por fatores como a personalidade e as experiências pessoais do estudante.	As palavras indicam a importância da experiência sensorial na percepção do mundo, indo além da visão, para o estudante, envolvendo também outros sentidos como audição, olfato, tato e paladar.	O conjunto de palavras em destaque na categoria sugere os atributos positivos relacionados a algo ou alguém.	As palavras destacadas sugerem um conjunto de ideias relacionadas à conexão com a natureza, além da ideia de conexão humana e afetiva.
Análise geral	O estudante destaca a percepção e a sensibilidade através de outros sentidos, além da visão e os cuidados com a natureza, a importância da sua conservação.			

Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2023.

Quadro 14 – Análise da descrição afetiva: A escolha da arara – Professor R. C. O.

Fotógrafo (a)	Categorias			
	Emoções, sentimentos e afetividade	Percepção e sensibilidade	Características e qualidades	Ideias e conceitos

Professor – R. C. O.	escolhi, enfeitava, senti vontade, fico realizado, eternizar	predominância, cor azul, atrás de uma tela, fácil de focalizar, vocalizar, mirar, focar	ave, bico duro, vida segura	fotografar, comprar, abrigar, lugar seguro, organização, estrutura
Análise por categoria	As palavras encontradas indicam que o professor sentiu um certo desejo e satisfação ao escolher o que iria escolher para fazer o registro.	As palavras elencadas podem estar relacionadas com a forma como o professor aprendeu a direcionar sua atenção e concentrar seus sentidos em determinados estímulos.	Na categoria apareceram palavras úteis na descrição de elementos presentes no ambiente, permitindo que o professor possa compreender e interagir com o mundo de forma mais completa e autônoma.	Com base nas palavras encontradas é possível inferir que essa categoria se relaciona com ideias e conceitos abstratos que podem ser relevantes para a compreensão e interação do professor com o mundo.
Análise geral	O professor demonstra percepção por outros sentidos, sensibilidade e interesse por aves, foca também nas características dos objetos.			

Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2023.

Quadro 15 – Análise da descrição afetiva: O desabrochar das flores – Estudante C. P. S. I.

Fotógrafo (a)	Categorias			
	Emoções, sentimentos e afetividade	Percepção e sensibilidade	Características e qualidades	Ideias e conceitos
Estudante – C. P. S. I.	contente, lisonjeada, encantada, beleza, asas à imaginação, beleza e esplendor, recordar	cega, baixa visão, audiodescrição, registrando a beleza e esplendor da árvore	possível, desenvolver esta função, tema escolhido para fotografos era a natureza, alta definição das fotos, registros em 3D	explorar a beleza do Horto Florestal, registrar a beleza e esplendor da árvore através da fotografia, lembranças do tempo em que ainda tinha visão
Análise por categoria	Ao analisar essa categoria de palavras, é possível identificar elementos que estão relacionados às emoções e aos	Essas palavras indicam que a percepção visual é limitada ou ausente, mas que outras formas de percepção, como a audição e a descrição, são	A categoria apresenta palavras que remetem às habilidades e técnicas para fotografar	A categoria sugere uma visão de preservação e valorização da natureza, bem como a importância da memória e da

	sentimentos da fotógrafa, bem como à sua capacidade de apreciar e se envolver com o mundo ao seu redor.	utilizadas para perceber e apreciar a beleza e o esplendor da árvore.		documentação de momentos e belezas naturais.
Análise geral	A estudante aborda a sua experiência como pessoa cega que teve a oportunidade de experimentar a arte de fotografar, demonstrando o seu contentamento em desenvolver suas habilidades e sensações. Destaca ainda a importância da acessibilidade na fotografia para pessoas com deficiência visual.			

Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2023.

Quadro 16 – Análise da descrição afetiva: Fotografando e revivendo emoções – Instrutor de arte: – P. S. I.

Fotógrafo (a)	Categorias			
	Emoções, sentimentos e afetividade	Percepção e sensibilidade	Características e qualidades	Ideias e conceitos
Instrutor de arte – P. S. I.	surpresa, emoção, utopia, perspicácia	deficiente visual, percepção, cegos, recurso, luz, cores, formas, fotografia	estratégia perfeita, projeto arrojado, capaz, turrão	utopia, aventura, projeto
Análise por categoria	Essas palavras retratam diferentes aspectos das emoções e sentimentos do fotógrafo, através da análise dessas palavras, é possível observar a complexidade das emoções e a riqueza da linguagem em descrevê-las.	As palavras estão relacionadas com a experiência sensorial e como o fotógrafo percebe o mundo ao seu redor, tanto por meio dos sentidos quanto através de recursos que possibilitam a percepção em diferentes níveis.	Essas palavras nos remetem a julgamentos de valor sobre ações ou pessoas, indicando sua aprendizagem, habilidade, competência ou personalidade.	Essas palavras indicam a importância de definir objetivos claros e bem planejados para alcançar resultados desejados, mesmo que esses resultados possam parecer inatingíveis ou desafiadores.
Análise geral	O instrutor de artes destaca as emoções e sentimentos que experimentou desde o recebimento do convite até a conclusão da atividade com essa iniciativa de inclusão social, destacando a perspectiva dos fotógrafos cegos.			

Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2023.

Ao cruzar os dados das categorizações de cada participante, é possível perceber semelhanças e diferenças nas concepções em relação à temática proposta. Mas é importante destacar que cada participante tem sua própria subjetividade e experiência pessoal, o que resultou em diferentes perspectivas e compreensão dos mesmos elementos.

As categorizações desenvolvidas pelos participantes têm, em comum, o fato de estarem relacionadas à percepção, à sensibilidade, às emoções e aos conceitos evocados pelas fotografias. No entanto, há algumas diferenças nas categorias escolhidas e nos termos usados por cada participante.

No geral, as categorizações refletem as diferentes maneiras pelas quais as pessoas enxergam e percebem as fotografias, e mostram como a experiência individual pode influenciar na interpretação e análise das imagens capturadas. Após a análise das fotografias capturadas e das descrições afetivas feitas pelos participantes da pesquisa, é possível observar a forma como interagiram com o ambiente, seus interesses e suas potencialidades em arte educação, o que é apresentado na Figura 45 a seguir.

Figura 45 – Análise dos registros dos participantes da pesquisa no campo de arte educação:



Fonte: acervo pessoal Vera Lúcia Ferreira Cruz, 2023.

Descrição da Figura 45: no lado esquerdo da figura, há um desenho em formato de meio círculo na cor verde degradê. Do lado direito, três losangos com os dizeres: arte fotográfica (Fotografias); arte literária (Música escrita e audiodescrição afetiva em forma de poema); arte musical (Canção: Máquina do tempo).

É possível perceber as potencialidades dos fotógrafos na capacidade de criar, inovar e produzir obras poéticas, obra musical e descrição afetiva, permitindo emocionar e transmitir mensagens por meio de suas artes. Os participantes da pesquisa mostram ser

habilidosos em artes e essas potencialidades podem ser incentivadas e desenvolvidas na escola especializada inclusiva. A esse respeito, Arder (2018) explica que:

[...] promover na escola atividades artísticas que estimulem nos estudantes a curiosidade, de preferência relacionadas com outras áreas do saber, por meio das atividades participativas na aquisição de conhecimento e estimular o interesse pelo processo de criação pode contribuir para o desenvolvimento da criatividade dos mesmos favorecendo assim a inclusão desses estudantes [...] (ARDER, 2018, p. 20).

Em síntese, ser talentoso em artes significa ter uma habilidade natural e única para se expressar criativamente em uma área determinada, como a música, a poesia, a fotografia, entre outras. Para as pessoas com deficiência visual, o desenvolvimento desses talentos pode trazer uma série de benefícios, incluindo autoestima elevada, inclusão social e reconhecimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter a possibilidade de fazer o Curso de Mestrado Profissional na Área da Deficiência Visual do Instituto Benjamin Constant, com enfoque específico na compreensão e no atendimento das necessidades das pessoas com deficiência visual, possibilitou aprimorar as minhas habilidades na avaliação e intervenção na área da visão, a partir do desenvolvimento de materiais pedagógicos, criação e adaptação de atividades e recursos para a inclusão de estudantes com deficiência visual em escolas especializadas e escolas regulares, entre outras ações.

Além disso, o curso proporcionou uma reflexão crítica sobre o papel da educação inclusiva, a importância da acessibilidade e dos direitos das pessoas com deficiência visual. Por ser uma formação abrangente e especializada, possibilita que o formando possa contribuir ainda mais para a inclusão social e escolar dos estudantes.

No que diz respeito aos direitos das pessoas com deficiência visual, a educação especial, no âmbito da escola especializada, precisa garantir que essas pessoas tenham acesso à educação, com direito à inclusão social e aos recursos necessários para o desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades.

Uma das habilidades em destaque nesta pesquisa foi a garantia do treinamento na arte de fotografar, assegurando a inclusão social, oferecendo suporte e recursos necessários para que os participantes da pesquisa pudessem atuar livremente e com autonomia ao capturar as imagens.

Para acolher as particularidades dos participantes, foram utilizadas algumas estratégias, entre elas: conhecer a máquina fotográfica e aprender o seu manuseio; saber posicionar a máquina fotográfica; manter aproximação ou distanciamento do que deseja fotografar; definir o plano a ser fotografado (busto para cima, cintura para cima, joelho para cima, recorte de paisagem, animal, planta, entre outros); fotografar a cena, a pessoa ou o objeto escolhido; definir o objeto de referência para associar à fotografia capturada, no estudo em tela, usou-se um recorte da imagem, impresso em 3D; modelar o recorte da imagem 3D em massa plástica; imprimir o texto em Braille; estruturar parceria com pessoas enxergantes para a realização da audiodescrição; ouvir a leitura da audiodescrição da imagem; ouvir a audiodescrição da imagem em 3D e produzir a descrição afetiva.

A pesquisa teve, como objetivo geral, demonstrar que as experiências táteis

permitem às pessoas com deficiência visual fotografar, interpretar imagens e construir imagens mentais. Esse objetivo foi atingido no desenvolvimento da pesquisa, concretizado a partir das fotografias dos participantes.

Ao revisitar a história da Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha, foi possível fazer os registros com a colaboração das pessoas que viveram a construção da história da escola. Ademais, no decorrer da pesquisa, foram analisadas entrevistas, representação plástica, trajetória dos participantes e realizada a descrição afetiva das imagens, que muito enriqueceu e contribuiu para o aprofundamento teórico e prático da atividade de fotografar pela pessoa com cegueira.

Com as análises, foi possível destacar as potencialidades dos participantes, dentre elas, destaca-se o talento fotográfico, pois, com a fotografia, as pessoas cegas podem compartilhar suas perspectivas únicas e experiências sensoriais com os outros, documentar e lembrar de momentos importantes em suas vidas. Além disso, a fotografia pode ser uma ferramenta valiosa para a educação e a inclusão de pessoas com cegueira. Com recursos de audiodescrição e impressão 3D, por exemplo, as imagens podem ser acessíveis, permitindo que desfrutem da beleza e do impacto visual das fotos.

Na arte literária, foi possível observar a letra de uma música e as poesias como resultados das audiodescrições afetivas. O talento literário se manifestou na capacidade de escrever versos que emocionam, que contam histórias ou que transmitem ideias e conceitos. Outra potencialidade é o talento musical, visto que um dos participantes compôs uma música para representar a sua descrição afetiva, sendo uma forma de expressão artística que permite a comunicação e a criação de emoções e sensações, contribuindo para o desenvolvimento da audição, o que estimulou o cérebro, sendo uma fonte de realização pessoal e profissional para a pessoa cega, permitindo a sua inserção social.

Através das descrições afetivas, os fotógrafos cegos vão além da visão, convidam-nos a explorar um mundo que vai além da representação visual, revelando segredos que residem nos cantos mais profundos e nas entrelinhas silenciosas que são únicas de cada participante, desvendando a essência do que foi capturado.

E nas mãos dos fotógrafos cegos, as palavras ganharam asas, os textos são provas de que a beleza e a poesia não conhecem limites, transcendem barreiras físicas e nos convidam a sentir, a sonhar e explorar novos horizontes por meio da nossa imaginação e apreciar as habilidades das pessoas com deficiência visual.

Todas as fases foram de grande importância para a consolidação do estudo e a construção do produto. A caminhada para atingir os objetivos possibilitou registrar informações sobre a prática de fotografar com o objetivo de o participante tornar-se um fotógrafo profissional ou amador.

O produto final foi a construção de um *e-book*, produzido com a colaboração dos estudantes e professores que desempenharam as tarefas idealizadas para concretização do estudo, trazendo diversos benefícios para a inclusão educacional e social. Dentre os benefícios, destaca-se: participação ativa e avaliação do *e-book* para garantir que o conteúdo seja acessível; aumento da independência e autonomia; personalização do conteúdo de acordo com as necessidades das pessoas com cegueira; estratégia inclusiva e colaborativa entre professores, estudantes e pesquisadora, promovendo a inclusão social e o respeito à diversidade.

Perante os registros, o trabalho conclui-se com a confiança de que a experiência dos seis participantes possa inspirar diversas pessoas com e sem deficiência para experienciar o ato de fotografar. Espera-se que esse feito possa trazer para a escola especializada a inserção da fotografia na arte educação, desenvolvendo as habilidades dos estudantes ou profissionais que demonstrarem interesse no tema. Com isso, afirma-se que os caminhos trilhados no mestrado auxiliaram na conquista de um novo ciclo de crescimento profissional e educacional na E. M. Esp. Dr. Hilton Rocha.

REFERÊNCIAS

ACIEM, Tânia Medeiros; MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. Autonomia pessoal e social de pessoas com deficiência visual após reabilitação. **Revista Brasileira de Oftalmologia**, [s. l.], v. 72, p. 262, 2013.

AGÊNCIA PAPOCA. História da fotografia no Brasil: surgimento + primeira foto + primeiros fotógrafos. **Laart**, 2020. Disponível em: <https://laart.art.br/blog/historia-fotografia-brasil/> acesso 07 set. 2022.

ALMEIDA, Maria da Glória de Souza. **Ver além do visível: a imagem fora dos olhos**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2017.

ALVES, Jefferson Fernandes. Deficiência visual e fotografia: O olhar pelo som, pelo tato e pela palavra alheia. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 5., 2009, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: [s. n.], 2009. p. 3.

ARDER, Glauce Mara Gabry de Freitas. **Acessibilidade cultural com xilogravura: Cartilha para Desenvolvimento Criativo de Estudantes com Deficiência Visual**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018.

ARRUDA, Luciana Maria Santos de. Geografia na infância para alunos com deficiência visual: a utilização de uma maquete multissensorial para a aprendizagem do conceito de paisagem. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [s. l.], v. 6, n. 11, p. 208-221, 2016.

ARRUDA, Luciana Maria Santos de. **O ensino de geografia para alunos com deficiência visual: novas metodologias para abordar o conceito de paisagem**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

AUTODESK. **O que é impressão 3D**. 2022. Disponível em: <https://www.autodesk.com.br/solutions/3d-printing>. Acesso em: 17 jun. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAVCAR, Evgen. A luz e o cego. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 25, 2001.

BAVCAR, Evgen. Arte, as emocionantes fotos de Evgen Bavcar. **Blog Villas de areia**, [2012]. Disponível em: <http://villasdeareia.com.br/blog/arte-as-emocionantes-fotos-de-evgen-bavcar/>. Acesso em 11 set. 2021.

BAVCAR, Evgen. **O ponto zero da fotografia**. Tradução Rubens Machado, Adauto Novaes, Nelson Brissac e Amir Labaki. Rio de Janeiro: Very Special Arts do Brasil, 2000. p. 17-24.

BRAGA, Ana Paula. Recursos ópticos para visão subnormal – seu uso pela criança e adolescente. **Revista Con-tato**, São Paulo, Laramara, 1997.

BRASIL. **Instituto Benjamin Constant completa 168 anos**. Brasília, DF: MEC, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/instituto-benjamin-constant-completa-168-anos>. Acesso em: 26 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 29 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 9. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. (Série legislação; nº 118).

CANON COLLEGE. Conheça João Maia, o fotógrafo cego. **OverBR**, 2017. Disponível em: overbr.com.br/colunas/conheca-joao-maia-o-fotografo-cego. Acesso em: 22 maio 2022.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer nº 10, de 15 de setembro de 1999**. Aprova o Plano de criação das Escolas da Rede Municipal de Educação. Rio de Janeiro: Prefeitura de Volta Redonda, 1999.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO ONLINE. Fotografia. 2022. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/fotografia/>. Acesso em: 7 set. 2022.

ESCOLA MUNICIPAL ESPECIALIZADA DOUTOR HILTON ROCHA. **Projeto Político-pedagógico**. Volta Redonda: SME, 2022.

FERREIRA FILHO, Nicomedes. Tópicos de uma vida. **Jornal Oftalmológico Jota Zero**, Centenário de Hilton Rocha, [s. l.], nov./dez. 2011. Disponível em: <http://www.cbo.com.br/novo/medico/pdf/jo/ed140/8.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

FRANCO, Eliana Paes Cardoso; SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da. Audiodescrição: breve passeio histórico. *In*: MOTTA, Lívia Maria Villela de Mello; ROMEU, Paulo Filho (org.). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. p. 19-36.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? **Revista de estudos da linguagem**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 667-686, 2018.

GARCIA, Vera. Fotógrafo cego Evgen Bavcar: a fotografia não é exclusividade de quem pode enxergar. **Deficiente ciente**, 2011. Disponível em: <http://www.deficienteciente.com.br/fotografo-cego-evgen-bavcara-fotografia-nao-e-exclusividade-de-quem-pode-enxergar.html>. Acesso em 11 set. 2021.

GASPAR, Jorge. O retorno da paisagem à geografia. Apontamentos místicos. **Finisterra**, [s. l.], v. 36, n. 72, 2001.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GRIFIN, Harold C.; GERBER, Paul. J. Desenvolvimento tátil e suas implicações na educação de crianças cegas. **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, n. 5, 1996.

GROSS, Leila. **Arte e Inclusão**: o Ensino da Arte na inclusão de alunos com deficiência visual no Colégio Pedro II. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

GUSE, Rosana. Impressão 3d em resina. **Maker hero**, 2020. Disponível em: <https://filipeflop.com/blog/impressao-3d-em-resina/>. Acesso em: 8 set. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/volta-redonda/panorama>. Acesso em: 17 set. 2022.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago, 1987.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MALANSKI, Lawrence Mayer. Geografia escolar e paisagem sonora. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, [s. l.], v. 22, 2011.

MENDES, Encéia Gonçalves. The policy of inclusive education and the future of specialized institutions in Brazil. **Education Policy Analysis Archives**, [s. l.], v. 27, n. 22, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14507/epaa.27.3167>. Acesso em: 22 maio 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOTTA, Livia Maria Villela de Mello. **Audiodescrição na escola: abrindo caminhos para leitura de mundo**. Campinas: Pontes, 2016.

NICHOLAS, Jude. **Do tato ativo à comunicação tátil: o que a cognição tátil tem a ver com isso**. Tradução Roberto Alexandre Machado Albornoz. São Paulo: Grupo Brasil, 2011.

OCKELFORD, Adam. **Objeto de referência: promovendo habilidades de comunicação e desenvolvimento de conceitos em crianças com deficiência visual associada a outras deficiências**. São Paulo: Grupo Brasil, 2011. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgclefindmkaj/https://apoioaosurdocego.com.br/wp-content/uploads/2023/05/OBJETO-DE-REFERENCIA-1.pdf>. Acesso em: 22 maio 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. CID – 10. Disponível em: <https://www.who.int/classifications/classification-of-diseases>. Acesso em: 26 jun. 2022.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2005.

PORTO, Gabriella. Fotografia. **Infoescola**, 2022. Disponível em: <https://www.infoescola.com/artes/fotografia>. Acesso em: 8 set. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VOLTA REDONDA. **Decreto Municipal nº 5.017, de 13 de agosto de 1993**. Cria Escolas Especializadas e dá outras providências. Volta Redonda: Prefeitura Municipal de Volta Redonda, 1993. Disponível em: http://www2.voltaredonda.rj.gov.br/smg/leis/mod/leis_decreto. Acesso em: 24 set. 2022

PREFEITURA MUNICIPAL DE VOLTA REDONDA. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Plano Municipal de Educação 2015-2024**. Portaria nº 027/2015-SME, Disponível em: <http://www2.voltaredonda.rj.gov.br/sme/images/informativo/pme.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

QUEIROZ, Marco Antônio de. Acessibilidade Web: Tudo tem sua primeira vez. **Bengala Legal**, julho 2007. Disponível em: <http://www.linhadecodigo.com.br/artigo/1624/acessibilidade-web-tudo-tem-sua-primeira-vez.aspx>. Acesso em: 29 mar. 2023.

RAMOS, Fábio Pestana. **Para Entender a História**, [s. l.], ano 1, p. 1-9, 14 set. 2010. Disponível em: <https://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/search/label/2010-A1-09V.set.-S.14%2F09>. Acesso em: 17 set. 2022.

SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo; SAMPAIO, Antônio Carlos Freire (org.). **Ler com as mãos e ouvir com os olhos**. Reflexões sobre o ensino de Geografia em tempos de inclusão. Uberaba: Grupo de pesquisa espaços de educação e espiritualidade, 2011.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SARTORETTO, Mara Lúcia Madrid. Inclusão: teoria e prática. *In*: ENSAIOS PEDAGÓGICOS. **III Seminário Nacional de Formação de Gestores e Educadores** – Educação Inclusiva: direito à diversidade. Brasília, DF: MEC, 2006. p. 273-276. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ensaiospedagogicos2006.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SILVA, Giana Mara Seniski; BUFREM, Leilah Santiago. Livro eletrônico: a evolução de uma ideia. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: Intercom, 2001. p. 1-16.

SOBRAL, João Eduardo Chagas; EVERLING, Marli Teresinha; CAVALCANTI, Anna Luiza Moraes de Sá. Ver com as mãos e dar à luz um mundo: a Tecnologia 3D e suas possibilidades cognitivas para pessoas cegas. **Centro de Estudios en Diseño y Comunicación**, [s. l.], Cuaderno 83, p. 190, 2020.

SOLER, Miquel Albert. **Didáctica multissensorial de lãs ciencias**: um nuevo método para alumnos ciegos, deficientes visuales, y también sin problemas de visión. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1999.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. A relação entre gestão escolar e educação inclusiva: o que dizem os documentos oficiais? **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, [s. l.], n. 6, p. 41-61, 2009.

TORRES, Marcos Alberto. Da Paisagem Sonora a Produção Musical: Contribuições geográficas para o estudo da paisagem. **Revista Geografar**, [s. l.], v. 5, n. 1, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difusão Editorial, 1980.

VEIGA, Ilma Passos da (org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1998.

VERAS, Daniele Siqueira; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. Leitura e compreensão de imagens táteis para estudante cego congênito: estudo de caso. **D.E.L.T.A.**, [s. l.], n. 38, v. 1, p. 4, 2022.

VIEIRA, Carmelino Souza. Evgen Bavcar: um olhar além do visível. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 21, 2001. Disponível em: <http://revista.ibc.gov.br/index.php/BC/article/view/581>. Acesso em: 17 set. 2022.

VIGATA, Helena Santiago. **A experiência artística das pessoas com deficiência visual em museus, teatros e cinemas**: uma análise pragmaticista. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/20397>. Acesso em: 12 set. 2022.

VINICIUS, Kaio. Cegos também podem ser fotógrafos. **Acorda Cidade**, 21 set. 2019. Disponível em: acidade.com.br/noticias/cegos-tambem-podem-ser-fotografos/. Acesso em: 6 maio 2023.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. 6. ed. Tradução José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto e Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WATERMAN, Stanley. Geografia e música: algumas observações introdutórias. **GeoJournal**, [s. l.], v. 65, n. 1-2, p. 1, 2006.

WORDCLOUDS. **Criar nuvem de palavras**. 2022. Disponível em: <https://www.wordclouds.com>. Acesso em: 17 out. 2022.

ZANELLA, Andrea Vieira; MATTOS, Laura Kemp de; ASSIS, Neiva de. Crianças cegas e seus encontros com a cidade: paisagem sonora e educação musical em foco. **Cadernos CEDES**, [s. l.], v. 39, p. 87-98, 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO NA TEMÁTICA DA DEFICIÊNCIA VISUAL
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Professores e estudantes)

Você está sendo convidado a participar de um estudo denominado Além da Visão: a pessoa cega e a fotografia, aprovado no Curso de Mestrado Profissional na Temática da Deficiência Visual, do Instituto Benjamin Constant. O estudo tem como objetivo criar um *e-book* digital que reúna a produção fotográfica, audiodescrição e a representação de imagens fotográficas para pessoas cegas. A criação de um *e-book* digital visa a divulgação científica para um público que aprecia a arte de fotografar. Ao concordar em participar da pesquisa, você será entrevistado/a, realizará fotografias, interpretará imagens, criará imagens mentais a partir de experiências táteis e da avaliação do produto final.

A pesquisa lhe propiciará benefícios, tais como: aprendizagem de técnicas de fotografia ampliando experiências prévias de cada participante; promover a auto-estima em pessoas cegas com exercício de uma arte preponderante para pessoas videntes; favorecer a inclusão social de pessoas cegas que adquiriram a expertise em fotografar podendo participar de eventos artísticos e culturais promovidos pela cidade. Por outro lado, poderá apresentar riscos em relação à exposição social, ao preconceito decorrente do desconhecimento das potencialidades e talentos da pessoa cega; risco de manifestação alérgica devido ao contato físico com a massa plástica para modelagem posterior da fotografia. Para evitar o risco, antes do manuseio, será perguntado ao participante da pesquisa sobre possíveis manifestações alérgicas, mormente cutâneas, com o manejo da massa plástica colorida. As medidas objetivas que serão adotadas, no caso de alergia, serão a utilização de massa doméstica incolor, caso persista as condições alérgicas, o participante será encaminhado e acompanhado pela pesquisadora, imediatamente à uma Unidade de Saúde de Urgência; desconforto no estado de espírito do participante da pesquisa ocasionado por lembranças associadas a situações de dor.

Para minimizar tais riscos, reforçamos que sua participação é voluntária; informamos previamente a metodologia da pesquisa para ajudá-lo a decidir sobre sua

participação; que o aceite ou não em participar não influenciará nas atividades regularmente realizadas na instituição da pesquisa; e que você poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, retirando seu consentimento sem justificativa.

A pesquisadora responsável pelo referido projeto é a professora mestranda Vera Lúcia Ferreira Cruz, diretora da Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha, com quem poderá manter contato pelo e-mail: vera-lucia.cruz@ibc.gov.br ou pelo telefone (24) 3341- 1185, ou com a orientadora do estudo que é a Dra. Cristina Delou, professora colaboradora do curso de Mestrado Profissional na Temática da Deficiência Visual pelo e-mail: cristina.delou@ibc.gov.br e pelo telefone (21) 98866-4262.

Haverá assistência integral, gratuita e imediata por parte do pesquisador. Além disso, se necessário, você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Valença através do Endereço: Rua Sargento Vítor Hugo, 161 – Bairro de Fátima – 27600-000 – Valença – RJ. E-mail: cep.unifaa@faa.edu.br Telefone: (24) 2453.0700 Ramal: 776. Trata-se de uma comissão constituída por membros de várias áreas do conhecimento e um representante dos usuários, que tem por finalidade a avaliação da pesquisa com seres humanos em nossa Instituição, em conformidade com a legislação brasileira regulamentada pelo Conselho Nacional de Saúde.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como lhe será garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da sua participação.

Ressarcimento: Não haverá nenhum valor econômico a receber ou a pagar por sua participação.

Indenização: Em caso de prejuízos ou eventuais danos decorrentes da pesquisa, o participante deverá recorrer de seus direitos no Ministério Público.

Uso da voz e imagem: Serão utilizadas as gravações, as fotos produzidas pelos participantes e as fotos dos mesmos.

Tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifeste seu consentimento em participar.

Esta pesquisa foi aprovada pelo CEP do Centro Universitário de Valença através do Endereço: Rua Sargento Vitor Hugo, 161 – Bairro de Fátima – 27600-000

– Valença – RJ. E - mail: cep.unifaa@faa.edu.br Telefone: (24) 2453.0700 Ramal: 817, na data de

_____, sob o registro _____.

Nome: _____ RG: _____

Volta Redonda - RJ, ____ de ____ de 2022.

(Assinatura do(a) participante da pesquisa)

Declaro que obtive de forma apropriada o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante de pesquisa, representante legal ou assistente legal para a participação neste estudo, e atesto veracidade nas informações contidas neste documento de acordo com as resoluções 466/2012 e 510/2016 CNS/MS do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Vera Lúcia Ferreira Cruz

APÊNDICE B – ENTREVISTAS COM O FOTÓGRAFO CEGO – PROFESSOR

Fale um pouco sobre a sua trajetória de vida e a sua carreira profissional.

Como você escolheu ou como você chegou a essa profissão.

Como a cegueira começou?

Qual foi a sensação que você teve quando constatou que não enxergava ou não iria enxergar mais?

O quanto essa limitação foi uma barreira na sua profissão?

Fale da sua experiência com as fotografias descritas por terceiros.

Qual o sentido que você usou no ato de fotografar? Para fotografar é necessário reeducar os sentidos?

O que é uma imagem acessível para você?

Como você imagina as imagens das fotografias que você produz?

Qual é a percepção visual de cor que você possui?

APÊNDICE C – ENTREVISTAS COM O FOTÓGRAFO CEGO – ESTUDANTE

Fale um pouco sobre a sua trajetória de vida.

Como a cegueira começou?

Qual foi a sensação que você teve quando constatou que não enxergava ou não iria enxergar mais?

Você exerce a profissão que escolheu?

O quanto essa limitação foi uma barreira na sua profissão?

Fale da sua experiência com as fotografias descritas por terceiros.

Qual o sentido que você usou no ato de fotografar? Para fotografar é necessário reeducar os sentidos?

O que é uma imagem acessível para você?

Como você imagina as imagens das fotografias que você produz?

Qual é a percepção visual de cor que você possui?

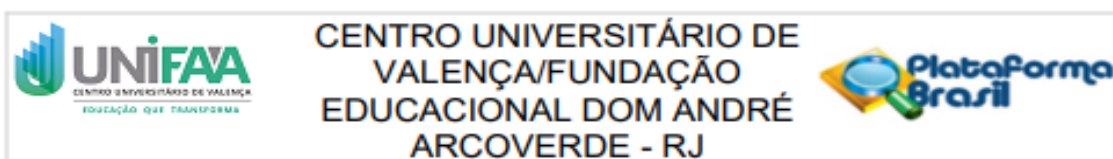
**APÊNDICE D – ENTREVISTAS COM OS FOTÓGRAFOS CEGOS –
PROFESSORES E ESTUDANTES – AVALIAÇÃO DO PRODUTO**

Participar dessa pesquisa e ter a fotografia feita por você inserida em um *e-book* digital, contribuiu para a melhoria na qualidade de vida e na sua inclusão social?

O *e-book* digital vai contribuir para ampliar os conhecimentos sobre as experiências e vivências das pessoas cegas?

ANEXO

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Além da Visão: a pessoa cega e a fotografia

Pesquisador: VERA LUCIA FERREIRA CRUZ

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 58832022.0.0000.5246

Instituição Proponente: Instituto Benjamin Constant - IBC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.592.615

Apresentação do Projeto:

"Além da Visão: a pessoa cega e a fotografia"

VERSÃO: 3

Apresentação do projeto:

Informa a pesquisadora que sua trajetória profissional no magistério iniciou em 1993, com as vivências em sala de aula, a seguir vieram experiências como Supervisora Educacional e Coordenadora do Curso Subsequente Pós-Médio Normal. No decorrer de 2007 a 2016, trabalhou na Secretaria Municipal de Educação na orientação dos estudantes com deficiência intelectual. Em 2017, assumiu a direção da escola especializada em DV. Nesse período foi aprovada no concurso público interno e na eleição da escola para dar sequência ao trabalho. Ao efetivar-se no mestrado com a linha de pesquisa "Saberes e práticas docentes no ensino de pessoas com deficiência visual" afirma que trouxe o acréscimo intelectual, a potencialização do trabalho na escola especializada e a reflexão sobre o tema: A pessoa cega e a fotografia. Para aprofundar os estudos, buscou respaldo no Projeto Além da visão: fotografando, realizado na EMEDr.HR em 2017. Frente a importância do mesmo, idealizou-se este novo momento intitulado Além da Visão: a pessoa cega e a fotografia. Neste contexto é importante registrar que os participantes em 2017, sentiram-se agraciados com a realização do sonho de fotografar e mostrar para a sociedade as suas conquistas. Para dar continuidade a experiência, torna-se fundamental análise de uma segunda oportunidade que possibilite as pessoas com DV usufruir da fotografia, surgindo a questão: A arte

Endereço: Rua Sargento Vitor Hugo, 161 - Bloco "B"

Bairro: Bairro de Fátima

CEP: 27.600-000

UF: RJ

Município: VALENÇA

Telefone: (24)2453-0700

Fax: (24)2453-0700

E-mail: cep.unifaa@faa.edu.br



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
VALENÇA/FUNDAÇÃO
EDUCACIONAL DOM ANDRÉ
ARCOVERDE - RJ**



Continuação do Parecer: 5.592.615

de fotografar garante o máximo desenvolvimento possível da personalidade, dos talentos, da criatividade, das habilidades físicas e intelectuais das pessoas cegas? Na investigação dessa e outras respostas busca-se informações para responder a questão e os objetivos da pesquisa baseando-se em uma abordagem de cunho qualitativo, tipo documental e exploratória descritiva. Para atender as especificidades dos participantes considera-se o conceito de Tecnologia Assistiva, de acordo com Assistiva – Tecnologia e Educação: "Tecnologia Assistiva é o termo usado para identificar todo o arsenal de Recursos e Serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover Vida Independente e Inclusão". A partir da citação é possível vislumbrar acessibilidade e inclusão social das pessoas com DV no mundo da arte de fotografar. De acordo com os registros da infoescola.com/artes/fotografia: "Fotografia é a técnica de criar imagens por exposição luminosa em uma superfície fotossensível. E a primeira fotografia reconhecida foi feita em 1826, pelo francês Joseph Nicéphore Niépce" [...]. Desde então as técnicas vem sendo aprimoradas e no trato da pessoa cega e a fotografia, o destaque fica para o fotógrafo Evgen Bavcar, artista cego da Eslovênia e de grande importância e menção na arte de fotografar. No site Villas de Areia contempla algumas citações na postagem intitulada "Arte: As Emocionantes Fotos de Evgen Bavcar", destaca-se: "Por que um cego, não pode produzir imagens para os que veem? Assevera que sua tarefa é a reunião do visível e do invisível. A fotografia permitirá perverter o método estabelecido de percepção entre os que veem e aqueles que não veem" (2012). Para que a acessibilidade incida é primordial fornecer recursos e metodologias que permitam à pessoa com deficiência a ascensão às informações visuais. Outro exemplo de fotógrafo com DV é João Maia, que deixa uma mensagem no blog da canon.com.br: "Eu acredito que todos somos capazes, deficientes ou não. Porque, acima de tudo, fotografia também é inclusão. [...] Quero mostrar que as pessoas com deficiência são capazes, muitas vezes, elas só precisam das ferramentas certas para produzir, para que possam ser verdadeiramente incluídas na sociedade e ter o respeito dos outros". No curso da pesquisa, os participantes terão acesso às descrições dos locais e o manuseio das câmeras e objetos para depois concretizarem a realização das fotografias. Essas técnicas encontram respaldo na Revista Benjamin Constant/Rio de Janeiro, pela ótica de Bavcar. A luz e o cego – Evgen Bavcar – Quero sublimar a relação entre o verbo e a imagem para iniciar uma reflexão mais particularizada. De início, é preciso constatar que não se pode separar essa parceria que eles formam, uma vez que a imagem condiciona o texto e vice-versa. Ou por outra, logo que nós não dispomos mais de imagens, é o verbo quem nos fornece novas possibilidades." (Revista n. 19, 2001). A comunicação verbal é essencial para que o fotógrafo cego tenha êxito na captura das imagens. A pesquisa

Endereço: Rua Sargento Vitor Hugo, 161 - Bloco "B"

Bairro: Bairro de Fátima

CEP: 27.600-000

UF: RJ

Município: VALENÇA

Telefone: (24)2453-0700

Fax: (24)2453-0700

E-mail: cep.unifaa@faa.edu.br



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
VALENÇA/FUNDAÇÃO
EDUCACIONAL DOM ANDRÉ
ARCOVERDE - RJ**



Continuação do Parecer: 5.592.615

propicia a inclusão social, invalida barreiras e amplia o conceito de que o ato de fotografar é para todos e todas.

Hipótese: A fotografia enquanto processo de criação de imagem pode afiançar o desenvolvimento integral da pessoa cega.

Metodologia Proposta:

Pesquisa qualitativa: documental exploratória descritiva Para Gerhardt e Silveira "a pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc."

Pesquisa documental: Revisão de literatura - Consultas on-line nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico e SciELO (Scientific Electronic Library Online) com os seguintes classificadores: "fotógrafo cego"/"blind photographer"; "imagem acessível"/"accessible image"; "impressões imagéticas" / "imagistic impressions"; "percepção visual de cor"/ "visual color perception".

Exploratória descritiva - De acordo com Gil (2002) a "pesquisa exploratória têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses" e a "pesquisa descritiva têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis."

Etapas da pesquisa: Revisar literatura; Identificar e convidar os participantes da pesquisa; Enviar o TCLE para os participantes; Tirar fotografias; Produzir as fotografias em 3D; Modelar as imagens fotografadas em massa plástica; Realizar as entrevistas; Analisar os conteúdos das entrevistas; Construir Nuvem de palavras; Construir o produto final (e-book digital); Avaliar o produto final; Escrever a dissertação; Defender a dissertação – IBC. Participantes. A pesquisa será feita na EMEDr.HR, com 2 grupos: 3 professores e 3 estudantes cegos, adultos, de forma presencial. TCLE – participantes. O TCLE será enviado por e-mail para os participantes, após a aprovação deste projeto no CEP, para terem conhecimento prévio do documento embasado na Resolução CNS nº 466 de 2012. Fotografias A produção das fotografias será com máquina profissional, em locais abertos e fechados, durante o dia e cada fotógrafo vai tirar duas fotos e ser fotografado durante a ação. Fotografar; produzir as fotografias em 3D e modelar as imagens fotografadas em massa plástica. Para ensinar os participantes à fotografar será utilizada a pesquisa de campo, segundo Gil (2002): [...] "o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e

Endereço: Rua Sargento Vitor Hugo, 161 - Bloco "B"

Bairro: Bairro de Fátima

CEP: 27.600-000

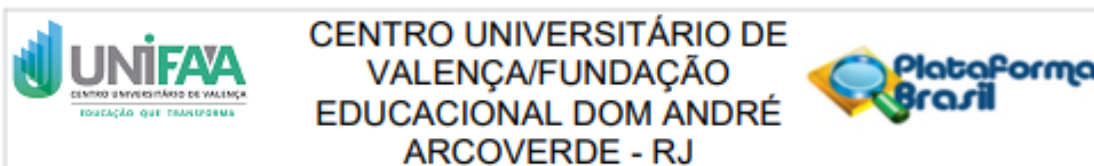
UF: RJ

Município: VALENÇA

Telefone: (24)2453-0700

Fax: (24)2453-0700

E-mail: cep.unifaa@faa.edu.br



Continuação do Parecer: 5.592.615

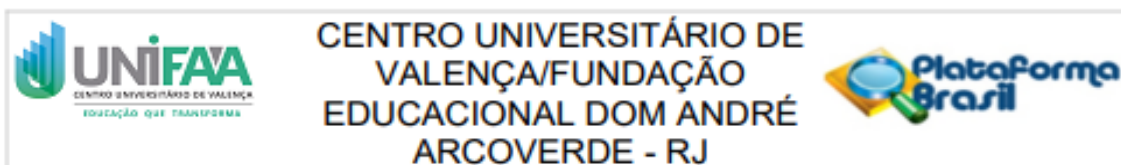
interpretações do que ocorre no grupo." [...]. Haverá análise das fotografias tiradas durante a pesquisa de campo, da audiodescrição das fotografias produzidas e da representação plástica. Instrumento de Pesquisa. De acordo com Rudio (1985 p.114) "chama-se de instrumentos de pesquisa o que é utilizado para a coleta de dados". A coleta de dados será realizada a partir de entrevista, com aplicação de questionários, cujas respostas serão gravadas no celular para posterior degravação no aplicativo Transcriber. Os questionários serão criados em três modalidades: O fotógrafo cego - professor; O fotógrafo cego – estudante e os fotógrafos cegos - professores e estudantes – Avaliação do produto, vide apêndices. Produto final (e-book digital). O produto final é um e-book digital que reúne a produção fotográfica, audiodescrição e a representação de imagens para pessoas cegas. Avaliação do produto final: A avaliação será com um questionário de 2 perguntas sobre a pesquisa e o produto final. Análise de dados: Considerando que as respostas dadas na entrevista, aos questionários será de natureza textual, a análise de dados será feita a partir da análise de conteúdos segundo Bardin (2016), que gerarão Nuvens de palavras para identificar as ênfases dadas por cada participante. De acordo com Vasconcellos e Araújo, "Nuvens de palavras (NP) são recursos gráficos que representam frequências de palavras utilizadas em um texto".

Metodologia de Análise de Dados: As respostas dadas durante as entrevistas aos Questionários formulados serão de natureza textual. As respostas degravadas conterão os dados a serem analisados a partir de conteúdos, que segundo Bardin (p. 44 - 2016) – "A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)". Após a análise, serão identificadas as ênfases dadas por cada participante a partir de Nuvens de palavras no aplicativo Wordclouds (2022 – <https://www.wordclouds.com>) que é um gerador de Nuvem de Palavras para colocar em evidência os termos mais mencionados, onde cada palavra tem tamanho e cor próprios, de acordo com a relevância atingida no documento. Quanto mais mencionada a palavra, maior será a sua apresentação na imagem e sua representação para o participante da pesquisa. Os classificadores utilizados na revisão de literatura: "fotógrafo cego"; "imagem acessível"; "impressões imagéticas"; "percepção visual de cor", serão mapeados nas Nuvens de Palavras de cada participante entrevistado.

Critério de Inclusão: Os participantes que tomarão parte na pesquisa são estudantes e professores cegos da Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha. Apresentar interesse em relação a fotografia. Comprovar experiência com a arte de fotografar com foto realizada por cada um.

Critério de Exclusão: Não apresentar autonomia financeira para os deslocamentos onde as

Endereço: Rua Sargento Vitor Hugo, 161 - Bloco "B"
Bairro: Bairro de Fátima **CEP:** 27.600-000
UF: RJ **Município:** VALENÇA
Telefone: (24)2453-0700 **Fax:** (24)2453-0700 **E-mail:** cep.unifaa@faa.edu.br



Continuação do Parecer: 5.592.615

fotografias serão realizadas. Não possuir máquina fotográfica profissional. Ser menor de idade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Criar um e-book digital que reúna a produção fotográfica, audiodescrição e a representação de imagens fotográficas para pessoas cegas.

Objetivo Secundário:

Revisitar a história da Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha. Contextualizar a trajetória dos participantes do projeto Além da Visão: Fotografando - "Temos muito a mostrar com a imaginação e os ouvidos", realizado na Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha. Analisar os dados dos questionários e da audiodescrição das fotografias produzidas. Analisar a representação plástica produzida à partir da audiodescrição de cada fotografia selecionada. Solicitar aos participantes da pesquisa uma avaliação crítica do e-book produzido com as suas fotografias.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Exposição social ao preconceito decorrente do desconhecimento das potencialidades e talentos da pessoa cega. Risco de manifestação alérgica devido ao contato físico com a massa plástica para modelagem da fotografia. Para evitar o risco, antes do manuseio, será perguntado ao participante da pesquisa sobre possíveis manifestações alérgicas, mormente cutâneas, com o manejo da massa plástica colorida. As medidas objetivas que serão adotadas, no caso de alergia, serão a utilização de massa doméstica incolor, caso persista as condições alérgicas, o participante será encaminhado e acompanhado pela pesquisadora, imediatamente à uma Unidade de Saúde de Urgência. Desconforto no estado de espírito do participante da pesquisa ocasionado por lembranças associadas a situações de dor.

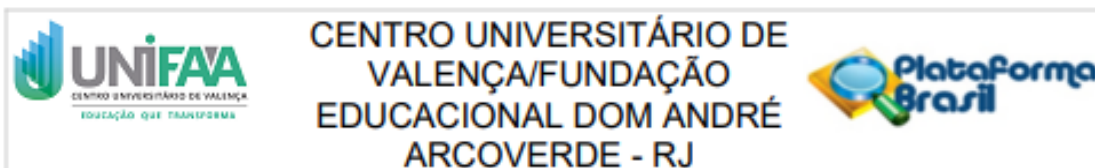
Benefícios:

Aprendizagem de técnicas de fotografia ampliando experiências prévias de cada participante. Promover a auto-estima em pessoas cegas com exercício de uma arte preponderante para pessoas videntes. Favorecer a inclusão social de pessoas cegas que adquiriram a expertise em fotografar podendo participar de eventos artísticos e culturais promovidos pela cidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo discorre sobre o tema: A pessoa cega e a fotografia, um projeto para pessoas com

Endereço: Rua Sargento Vitor Hugo, 161 - Bloco "B"
Bairro: Bairro de Fátima **CEP:** 27.600-000
UF: RJ **Município:** VALENÇA
Telefone: (24)2453-0700 **Fax:** (24)2453-0700 **E-mail:** cep.unifaa@faa.edu.br



Continuação do Parecer: 5.592.615

cegueira realizado na Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha (EMEDr.HR) que fica na cidade de Volta Redonda – Rio de Janeiro, região sudeste do Brasil. O primeiro momento com pessoas cegas fotografando aconteceu em 2017 com uma experiência bem sucedida no município, sendo base de estudo no presente trabalho. Atualmente a pesquisa conta com a participação de 6 (seis) professores e estudantes com cegueira congênita ou adquirida, sendo 3 (três) professores e 3 (três) estudantes cegos. A abordagem da pesquisa é de cunho qualitativo, tipo documental e exploratória descritiva, e tem como objetivo primário: Criar um e-book digital que reúna a produção fotográfica, audiodescrição e a representação de imagens fotográficas para pessoas cegas e objetivos secundários: Revisitar a história da Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha; Contextualizar a trajetória dos participantes do projeto Além da Visão: Fotografando - "Temos muito a mostrar com a imaginação e os ouvidos", realizado na Escola Municipal Especializada Dr. Hilton Rocha;

Analisar os dados dos questionários e da audiodescrição das fotografias produzidas, Analisar a representação plástica produzida à partir da audiodescrição de cada fotografia selecionada e Solicitar aos participantes da pesquisa uma avaliação crítica do e-book produzido com as suas fotografias. Os resultados esperados pretendem mostrar potencialidades inerentes a qualquer ser humano e também presentes nas pessoas com

deficiência visual, exemplo fotografar, interpretar imagens, inferir imagens mentais a partir de experiências táteis. A criação de um e-book digital visa a divulgação científica para um público que aprecia a arte de fotografar.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados de modo adequado e em consonância com os padrões metodológicos.

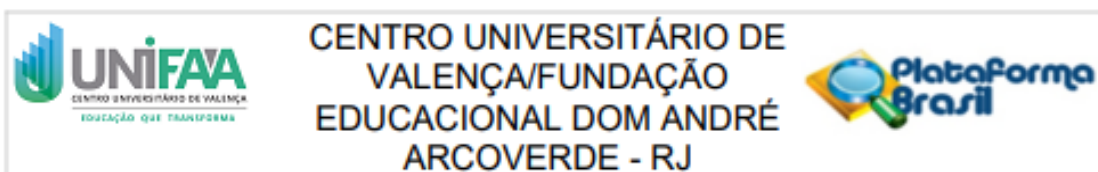
Recomendações:

Apresentar ao CEP-UNIFAA os relatórios parciais e final da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram atendidas as pendências em relação aos riscos de possível manifestação alérgica apresentada pelo participante da pesquisa na manipulação de material plástico, por entrevista prévia sobre alergias anteriores em manipulação de massas plásticas. Ademais, ficou explicitado que a própria pesquisadora acompanharia o participante da pesquisa a uma Unidade de Saúde de Urgência em caso de manifestação alérgica. Foram incluídas as pendências nas Informações Básicas da Plataforma Brasil, no Projeto Detalhado e no TCLE.

Endereço: Rua Sargento Vitor Hugo, 161 - Bloco "B"
Bairro: Bairro de Fátima **CEP:** 27.600-000
UF: RJ **Município:** VALENÇA
Telefone: (24)2453-0700 **Fax:** (24)2453-0700 **E-mail:** cep.unifaa@faa.edu.br



Continuação do Parecer: 5.592.615

Desta feita, somos favoráveis à aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado por unanimidade, em reunião do CEP-UNIFAA de 28 de julho de 2022.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1996057_É1.pdf	08/08/2022 20:05:24		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_IBC_Vera_LF_Cruz.pdf	07/07/2022 13:09:34	VERA LUCIA FERREIRA CRUZ	Aceito
Cronograma	Cronograma_Vera_LF_Cruz.pdf	07/07/2022 13:08:51	VERA LUCIA FERREIRA CRUZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Professor_e_Estudante_Vera_LF_Cruz.pdf	01/06/2022 17:25:18	VERA LUCIA FERREIRA CRUZ	Aceito
Outros	APENDICE_3_AVALIACAO.pdf	11/05/2022 21:04:59	VERA LUCIA FERREIRA CRUZ	Aceito
Outros	APENDICE_2_QUESTIONARIO_ESTUDANTE.pdf	11/05/2022 21:02:48	VERA LUCIA FERREIRA CRUZ	Aceito
Outros	APENDICE_1_QUESTIONARIO_PROFESSOR.pdf	11/05/2022 21:00:16	VERA LUCIA FERREIRA CRUZ	Aceito
Declaração de concordância	Termo_de_Anuencia_Vera_LF_Cruz.pdf	11/05/2022 20:45:12	VERA LUCIA FERREIRA CRUZ	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Vera_LF_Cruz.pdf	11/05/2022 20:43:03	VERA LUCIA FERREIRA CRUZ	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Sargento Vitor Hugo, 161 - Bloco "B"
 Bairro: Bairro de Fátima CEP: 27.600-000
 UF: RJ Município: VALENÇA
 Telefone: (24)2453-0700 Fax: (24)2453-0700 E-mail: cep.unifaa@faa.edu.br



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
VALENÇA/FUNDAÇÃO
EDUCACIONAL DOM ANDRÉ
ARCOVERDE - RJ



Continuação do Parecer: 5.592.615

VALENÇA, 19 de Agosto de 2022

Assinado por:
ABELARDO DE SOUZA COUTO JUNIOR
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Sargento Vitor Hugo, 161 - Bloco "B"

Bairro: Bairro de Fátima **CEP:** 27.600-000

UF: RJ **Município:** VALENÇA

Telefone: (24)2453-0700 **Fax:** (24)2453-0700 **E-mail:** cep.unifaa@faa.edu.br